

O NOVO CAMINHO A PERSEGUIR: AUTONOMIA DAS COOPERATIVAS



As cooperativas precisam ter um sistema financeiro próprio, em condições de atender suas necessidades e acompanhar seu desenvolvimento. Esta foi uma das principais decisões do Encontro Gaúcho de Cooperativismo, realizado nos dias 5 e 6 de outubro em Porto Alegre, por iniciativa da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul.

O encontro obteve um êxito que poucos esperavam. Quase 200 dirigentes e técnicos de cooperativas participaram, e durante os dois dias debateram exaustivamente três assuntos principais: o desenvolvimento de recursos humanos, isto é, a qualificação profissional e humana do pessoal que trabalha nas cooperativas; novos mecanismos de capitalização, que possibilitem às cooperativas superar a atual insuficiência de recursos financeiros; e a estrutura e administração de cooperativas, trocando-se experiências sobre as diversas formas de administração existentes.

Nas discussões sobre a capitalização,

mais uma vez se sucederam críticas ao Banco Nacional de Crédito Cooperativo, que, apesar dos esforços que desenvolve, está aquém de atender as necessidades das cooperativas no setor. Por isto, a comissão que estudou o assunto foi uma das mais movimentadas, tendo, ao final, apresentado quatro sugestões para superação do problema.

Entre as sugestões desponta a de as cooperativas brasileiras assumirem o efetivo controle e direção do BNCC (hoje o governo federal detém 54% do controle do banco, restando 46% para as cooperativas), dinamizando-o de todas as formas, inclusive com a criação de novas agências. Os participantes do encontro ainda destacaram a necessidade de voltarem a existir as seções de crédito junto às cooperativas de produção e de se criar novas cooperativas de crédito, além das já existentes e que hoje enfrentam uma série de problemas, exatamente porque não há o menor incentivo do governo a este setor do cooperativismo.

Finalmente, ficou sugerido — e foi aprovado pelo plenário — que, se for inviável às cooperativas assumirem a direção do BNCC, estas deverão adquirir o controle acionário de um banco particular. Uma comissão especial de técnicos será formada pela OCERGS, para discutir e indicar qual a melhor destas soluções, que poderá ser adotada.

Quanto aos recursos humanos, o Encontro Gaúcho de Cooperativismo sugeriu, entre outras decisões, que a OCERGS crie um Sistema Integrado de Desenvolvimento de Recursos Humanos, que seja adequado às necessidades do movimento cooperativista gaúcho. Entre outras atividades, este sistema terá um setor de programação, controle e avaliação, e um setor de documentação e registro de atestados ou certificados.

Outro assunto que mereceu a atenção de todos foi a idéia de criação de uma Fundação Brasileira de Cooperativismo (BRASCOOP), de caráter privado (ou seja, sem participação do governo), e que

surgiria para prestar serviços de consultoria, auditoria, orientação técnica e outros às cooperativas do Brasil.

Após uma explanação feita por dois técnicos que vieram de Brasília — Eugênio Giovenardi, do BNCC, e Antônio Buarque de Nazaré, do INCRA —, o assunto foi discutido em comissões e depois uma sessão plenária. E, como acontecera em relação à aquisição de um banco próprio, os cooperativistas gaúchos preferiram agir com prudência: aprovaram a idéia de criação da BRASCOOP, condicionando a aprovação final desta nova instituição ao estudo que será feito por uma comissão especial a ser criada pela OCERGS. Assim, após as conclusões desta comissão, o assunto voltará a ser discutido numa assembleia geral extraordinária da OCERGS, para aprovação ou não. Ao final, ficou bem claro que o cooperativismo gaúcho aprovará a BRASCOOP se ficar provada, de antemão, a sua necessidade e importância para o movimento cooperativista brasileiro.

**CRIATIVIDADE DO PRODUTOR
REDUZ CUSTOS DA LAVOURA**

Páginas centrais

**UNIDADE DE TENENTE PORTELA
ESTÁ CHAMANDO ASSOCIADOS**

Página 24



Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
TELEFONE: 2066 e PBX

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Rúbem Ilgenfritz da Silva, - Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarrello, Flávio Sperotto e Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itelvino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Bruno Eisele, Antonio Cândido da Silva Netto, Olympio Belline.

Conselho Fiscal (Suplentes)

José Cláudio Kohler, Leonides Dallabrida, Telmo Roverno Ros.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jôia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 16.500 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS

TELEFONE: 2066 e PBX

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa

João Roberto Vasconcelos

Composto no JORNAL DA MANHÃ Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

CENTREINAR, VIÇOSA

Senhor Diretor: O Centro Nacional de Treinamento em Armazenagem, Centreinar, da Universidade Federal de Viçosa, vem recebendo regularmente o COTRIJORNAL, embora apenas um exemplar em nome de seu diretor. Como além desta função sou também professor do Curso de Tecnólogo em Cooperativismo da Universidade Federal de Viçosa, consulto V.S. sobre a possibilidade de enviarme 20 exemplares de cada edição para que eu possa divulgar melhor o cooperativismo entre meus alunos. Com meus antecipados agradecimentos, eng. agr. Silvio Galdino de Carvalho Lima, diretor-geral do CENTREINAR.

COOPERATIVISMO

Senhor Editor: Foi com muito interesse que li e reli o COTRIJORNAL do mês de julho. Entre outras, estava excelente a reportagem (editoriais) sobre as realizações e problemas que o cooperativismo enfrenta, isso na presença do general Figueiredo, quando este ai em Ijuí. Dediquei atenção especial ao assunto, tanto que semanas depois quando eu participava de uma mesa redonda promovida pela Associação Toledana de Estudantes em Curitiba, o assunto foi abordado.

Será de grande validade para mim e para a Associação, se for possível receber regularmente o espetacular COTRIJORNAL, devido aos importantes artigos, reportagens e cultura geral que dissemina. Atenciosamente, Luiz Carlos Balcewicz. Rua Comendador Fontana, 279. C. CIVICO, 80.000 Curitiba, Paraná.

QUERO ASSINATURA

Senhor Editor: Tenho o maior interesse na assina-

tura do COTRIJORNAL. Solicito favor de informar preço e enviar qualquer exemplar anterior para meu exame. Cordialmente, Newton Martins de Alencar, Caixa Postal, 2711 - 01000 - São Paulo.

PROJETO DE ESTREITO

Solicitamos a gentileza de enviar-nos o COTRIJORNAL. Cooperativa Agrícola do Projeto de Irrigação de Estreito Responsabilidade Ltda. Atenciosamente, Plínio Linhares Almeida, gerente administrativo. Caixa Postal, 46 - 39.510 - Espinosa, Minas Gerais.

SOU ESTUDANTE

Solicito ao COTRIJORNAL que me inclua entre os recebedores regulares do jornal. Sou estudante de agronomia, sendo de grande valor se for contemplado com uma assinatura. Atenciosamente, Aparecido Donizeti Falconi, Caixa Postal, 61 - 17.730 - Parapuã, São Paulo.

VALIDADE DA MATÉRIA

Prezado Senhor: Tendo tomado conhecimento de um exemplar do COTRIJORNAL, vi que o mesmo é de suma importância para nós. Considerando a validade da matéria exposta no jornal, gostaria de receber tal instrumento para adquirir maiores conhecimentos. Atenciosamente, Jurandir Ferreira Rios, CIBRAZEM-Goias. Caixa Postal, 64 - 74.000 - Goiânia.

COAGRO, CAPANEMA

Senhor Editor: Pela presente solicitamos a gentileza de enviar-nos regularmente o COTRIJORNAL. Saudações cooperativistas. Sebaldo Waclawovsky, diretor-secretário, Cooperativa

Agropecuária Capanema Ltda., Capanema, Paraná.

OBSERVADOR RURAL

Senhor Editor: Estamos enviando nosso novo endereço (sede própria) onde esperamos receber o COTRIJORNAL. Com apreço, dr. Káran Jorge Cury, editor. Observador Rural, Departamento Editorial, rua Miguel Couto, 134, Grupo 904, Rio de Janeiro.

PRECIOSO JORNAL

Senhor Redator: Sou estudante de zootecnia. Através do Centro Acadêmico desta Universidade, tomei conhecimento do precioso COTRIJORNAL, tendo ficado impressionado com o seu nível e também a diversidade de assuntos. Posso candidatar-me a uma assinatura? Atenciosamente, Antonio Alberico Reis Trindade, Centro Acadêmico de Zootecnia da Universidade Federal de Viçosa, Minas.

DACAI, DE IJUI

Senhor Presidente da COTRIJUI. (. . . Cumprenos salientar a V. S. que este Diretório Acadêmico congrega os alunos dos Cursos de Administração de Empresas, Administração Rural, Ciências Contábeis e Cooperativismo. Por oportuno, solicitamos a remessa regular do COTRIJORNAL. Atenciosamente, Honorato Tadeu da Silva, presidente do Diretório Acadêmico de Ciências Administrativas, Contábeis e Econômicas de Ijuí.

COTRISUL, CAÇAPAVA

Prezado Editor: Após lermos alguns exemplares do COTRIJORNAL, ficamos bastante impressionados pela maneira como são tratados os diversos assuntos e reportagens do jornal. Gostaríamos de receber re-

gularmente um exemplar, pois o mesmo nos servirá de subsídio para o desenvolvimento de nossas atividades na COTRISUL. Atenciosamente, eng. agr. Nestor Paulo Markus, COTRISUL, Caçapava do Sul, RS.

BRILHANTE REPORTAGEM

Prezado Editor: Quero em primeiro lugar congratular-me pela brilhante reportagem do COTRIJORNAL n° 54, intitulada "Vale a pena plantar trigo?", para posteriormente solicitar a V.S. se digne conceder-me uma assinatura desse precioso jornal. Cordialmente, Celso Luiz Comiran, rua Duque de Caxias, 30 - 85.570 - São João, Paraná.

INFORMAÇÕES DIVERSAS

Temos o prazer de informar os seguintes leitores que providenciamos ou anotamos os assuntos constantes de suas correspondências:

Sr. João Barcellos de Souza, Divisão de Relações Públicas da Secretaria de Segurança Pública, av. João Pessoa n° 2050, Porto Alegre. Eng. agr. Ottoni de Souza Rosa, chefe do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, Passo Fundo. Sr. Marcos Marcelino, Rodovia BR-316, km 5 - 67.000 - Ananindeua, Estado do Pará. Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Maranhão, São Luiz, Maranhão. Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste, ASSOCENE, Recife, Pernambuco. Associação Média do Rio Grande do Sul, AMRIGS, Porto Alegre. e sr. Vilson Luiz Nunes, secretário-executivo da II Festa Nacional do Trigo, Cruz Alta. Finalmente, voltamos a informar que o COTRIJORNAL ainda continua sendo oferecido gratuitamente, numa oferta da COTRIJUI, a título de relações públicas.

AGRICULTOR! SEUS 20 HECTARES DE SOJA VALEM APENAS UM TRATOR DE 44 HP. VOCÊ COMPRA?

No geral, não há muita consciência quanto aos custos do produto agrícola. O agricultor vai plantando, vai colhendo, vai vendendo; e na proporção inversa, vai comprando o que precisa também sem contabilizar as suas despesas. No final, ou empata ou sai perdendo, porque o que compra sempre custa mais caro e ainda sobre este "mais caro", tem de acrescentar juros altos, pois o banco vende dinheiro, que é a sua "mercadoria".

Tempos atrás o COTRIJORNAL ocupou-se dos altos preços dos produtos, implementos e insumos em geral. Na oportunidade, este jornal alertou para os percentuais elevados de aumentos dos produtos industrializados. A conclusão que se chegou foi de que enquanto os agricultores recebiam reduzidos percentuais de aumentos para seus produtos, o setor industrial majorava suas máquinas e implementos independentemente da política governamental de contenção de preços.

Agora mesmo, segundo dados divulgados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria da Agricultura de São Paulo, para adquirir um trator leve, de 44 HP, no período de janeiro a maio deste ano, os agricultores tiveram que vender 67 sacas de café beneficiado ou 422 sacas de arroz; 603 sacas de soja ou 1.047 sacas de milho; 1.055 arrobas de algodão em caroço, ou ainda, 609 toneladas de cana-de-açúcar.

Trata-se, como se pode ver, de uma estatística que analisa um problema em ordem direta. Seu enfoque é apresentado sem frases de efeito, sem retórica, isto é, sem a discursão tão do agrado dos tecnocratas que se amon-

toam nos gabinetes ministeriais. E os dados foram pesquisados por uma entidade insuspeita, subordinada ao Governo do estado de São Paulo.

Os técnicos analisaram a relação de preços de seis produtos importantes para a economia nacional e que apresentaram diversidade no comportamento. Como amostragem, é o suficiente.

Mas a desproporção é mais flagrante, conforme comprovou a pesquisa, se forem analisados isoladamente alguns produtos. Por exemplo, em 1975 o agricultor precisou vender 302 sacas de arroz para comprar o tratorzinho que no ano seguinte mais do que dobrou, pois precisou vender as já referidas 617 sacas. Para o milho, a mudança não foi considerada muito brusca, pois de uma necessidade de 818 sacas em 1975, passou para 1.064.

O único produto que pode ser considerado privilegiado, conforme a pesquisa do IEA, foi o café. Este sim, no período de 1967 a 1977 (dez anos), apresentou aos produtores uma tendência positiva em relação a aquisição de tratores. Basta dizer que em 1967 o cafeicultor precisava vender 334 sacas para comprar um trator e hoje são necessárias apenas 67 sacas. Mas esse parece ser um privilégio dos paulistas. Não admira, pois, que eles não abram mãos do Ministério da Fazenda...

Quanto a nós, estamos em tempo de colocar as barbas de molho. Pois conforme disse um agricultor de Ijuí, quando a água bate no queixo, o jeito é aprender a nadar. Nesta edição, as páginas 14 e 15 damos um exemplo de como os produtores de pouca terra podem baratear os seus custos.

PARA OS COMERCIANTES NOSSAS POBRES COOPERATIVAS JÁ ERAM GIGANTES NO SÉCULO PASSADO

Ao contrário do que muita gente pensa, a pecha de gigantismo com que o capitalismo caboclo tem pretendido acusar as cooperativas gaúchas, não é novo. É do século passado, precisamente 1892. A afirmação é do professor Emiliano Limberger, presidente do INDECOOP, que em recente entrevista concedida ao jornal "Correio do Povo", de Porto Alegre, assim historia o fato:

"Quando surgiram as primeiras cooperativas agrícolas no Rio Grande do Sul, isso em 1892, representantes do alto comércio e dirigentes de bancos promoveram uma verdadeira guerra, tachando as cooperativas de organismos gigantes, exatamente conforme voltou a ocorrer há pouco tempo".

Em outro trecho de sua entrevista, disse Emiliano Limberger que "aqueles burgueses reacionários sabiam perfeitamente que as cooperativas estavam surgindo justamente para defender os colonos agricultores que eram explorados sem dó

nem piedade pelos comerciantes. Os colonos achavam-se oprimidos nos preços de seus produtos pelos monopólios dos especuladores".

Lembra também Limberger, em outro trecho de sua entrevista, a célebre frase acusatória do padre Teodoro Amstad, que diz textualmente: "Com a carroça cheia, fruto do pesado trabalho e do resultado de amargo suor, o colono se dirige à casa comercial (sempre o comércio...). Mas as bugigangas estrangeiras que recebe em troca, ele pode levar para casa debaixo do braço".

Pois em verdade, essa triste realidade da época do saudoso padre Amstad, o fundador do cooperativismo no Brasil, continua presente nos dias de hoje.

Veio a propósito a informação do professor Emiliano Limberger, sem dúvida, um estudioso do cooperativismo e incansável pesquisador da história do sistema no Brasil e no mundo.

EXPERIMENTAÇÃO E PESQUISA NO CENTRO DE TREINAMENTO



Multiplicação de sementes básicas, principalmente de trigo, de soja, de feijão-preto e forrageiras de inverno e verão; experimentação em controle de moléstias, aplicação de fungicidas e estudos de controle de erosão além de introdução e avaliação de novos cultivares como a Colza, o alho, o aspargo, a ervilha, são alguns dos trabalhos que são realizados pela COTRIJUI no seu Centro de Treinamento localizado em Augusto Pestana, recebido em comodato do Ministério da Agricultura. Consciente que sem experimentação e pesquisa a agricultura não se desenvolve satisfatoriamente, a COTRIJUI dedica já há cerca de três anos atenção especial ao Centro. O trabalho, que tem a coordenação do eng. agr. Luiz Volney Mattos Viau, do Departamento Técnico da cooperativa, é desenvolvido em co-participação de projetos com a EMBRAPA, FECOTRIGO, IPAGRO, órgão da Secretaria da Agricultura, Faculdade de Agronomia da UFRGS, Universidade de Gottingen (Alemanha Ocidental), além de algumas empresas particulares.

A COTRIJUI está desenvolvendo um grande trabalho no Centro de Treinamento, de acordo com as diretrizes traçadas pelo convênio firmado com o Ministério da Agricultura. O texto a seguir, compilado de um relatório elaborado pelo coordenador do Projeto e destinado a direção da cooperativa, dá uma idéia geral do que está sendo feito e dos programas para desenvolvimento ali no próximo ano de 1979.

MULTIPLICAÇÃO DE SEMENTES BÁSICAS

Continua sendo desenvolvido o trabalho de multiplicação de sementes básicas, principalmente trigo, soja, feijão-preto e forrageiras, com sementes fornecidas pelos órgãos de pesquisa. Esse trabalho é desenvolvido basicamente com a EMBRAPA e Federação das Cooperativas. Nas culturas de lavoura, o Centro tem como objetivo a adoção de novas técnicas para o aumento da produtividade.

O trabalho é conduzido com fins de observação das seguintes práticas: sistema de produção — controle dos insetos — controle de pragas e moléstias — melhoramento da fertilidade do solo — práticas conservacionistas — tecnologia na

aplicação de defensivos e mecanização da lavoura.

O TRABALHO DE EXPERIMENTAÇÃO

Especificamente na área de experimentação e pesquisa, estão sendo conduzidos os seguintes trabalhos: aplicação do sistema de produção na cultura do trigo, avaliação da aplicação do sistema integrado no controle de pragas e moléstias da cultura do trigo. Os trabalhos são conduzidos a nível de lavouras. No ensaio preliminar do trigo, avalia-se o comportamento das ligagens obtidas pelo melhoramento. O experimento é conduzido em delineamento experimental, em blocos, ao acaso.

Faz-se avaliação de pulverização aérea em UBV (ultra baixo volume), aplicando-se fungicidas para controle de doenças do trigo. O objetivo é determinar o grau de eficiência da aplicação aérea no referido sistema UBV, visando diminuir as quantidades aplicadas e obtendo-se o mesmo índice de eficiência. A área em experimentação é de 30 hectares.

Desenvolve-se ensaios com variedades de Cevada, Colza, Alho, Ervilha, feijão-preto, variedades olerícolas, entre outras.

ESTUDOS SOB CONTROLE DA EROSIÃO NOS SOLOS

O Centro desenvolve trabalho no sentido de quantificar as perdas de solo, água, matérias orgânicas e nutrientes, sob diferentes tipos de cobertura vegetal e métodos de manejo do solo. A pesquisa é de singular importância a fim de se determinar as quantidades perdidas de solo por enxurrada. O estudo analisa o solo Santo Ângelo, que abrange 80 por cento da região.

Com esse fim, estão sendo empregados cinco tratamentos. Cada parcela possui tanques de coleta do material arastado pelas chuvas. Após cada enxurrada o material é analisado em laboratório.

De grande efeito para esse trabalho conservacionista são os testes que tem em vista o melhor aproveitamento do solo no plantio direto. Paralelamente a esses trabalhos, num programa que terá a duração de cinco anos, desenvolvem-se pesquisas de campo em diversas cultivares de alho, investigando-se a sua adaptação as condições regionais locais. Constam desse programa coleção de espécies olerícolas, hortigranjeiros, morango, aspargo, feijão-preto, feijão de vagem e ervilha.

Faz-se também coleta de sementes de alface, repolho, tomate e cebola, com avaliações

dê qualidade e quantidades produzidas nas diversas espécies olerícolas. Avalia-se também a possibilidade de praticar colheita mecânica do feijão-preto. Conforme é sabido por todos, uma das causas de não se desenvolver dentro das necessidades a lavoura do feijão, é a obrigatoriedade de sua colheita manual. A COTRIJUI tenta minimizar esse problema.

Trabalha-se igualmente na instalação de um pomar de matrizes para fornecer aos viveiristas material de multiplicação sadio de variedades devidamente identificadas. Nesse mesmo setor, extrapolando o trabalho em árvores frutíferas, instala-se um viveiro florestal com a finalidade de produzir mudas de essências nativas em geral. Neste momento, o Projeto está na fase de coleta de sementes dessas essências.

SETOR DE FORRAGEIRAS

Este setor ainda continua sendo implantado. Novas áreas de pastagens perenes são estabelecidas. As novas áreas a serem implantadas no corrente ano tem o objetivo de complementar as áreas demonstrativas de todas as misturas forrageiras recomendadas para a região. O quadro a seguir mostra um resumo das pastagens existentes e as que serão estabelecidas ainda no decorrer deste ano.

PASTAGENS	HA	FINALIDADES
Alfafa crioula	02	Sementes e feno
Panicum Gatten + Desmódio e Siratro	05	Feno, pastejo e semente.
Setária Kazungula + Desmódio e Siratro	05	
Rhodes Callide + Desmódio e Siratro	02	Feno e pastejo
Pensacola + Trevo Vermelho	02	Feno e pastejo
Coastcross-one + Desmódio	02	Feno e pastejo
Pensacola	06	Feno e pastejo
Campo Nativo + Trevo Branco	03	Pastejo
Campo Nativo	04	Pastejo
A SEREM ESTABELECIDAS		
Hermatria Altíssima + Desmódio	1,0	Pastejo
Coostcross-one + Desmódio	2,0	Pastejo
FestucaK-31 + Trevo Branco	2,0	Pastejo
Introdução de Trevo Branco em campo nativo	4,0	Pastejo
Alfafa crioula	4,0	Semente e feno
Trevo Yuchi	3,0	Semente e pastejo
Aveia coronada (inverno)	15,0	Pastejo
Milho comum (verão)	15,0	Pastejo

Sobre estas pastagens se pretende desenvolver o plano de produção animal, conforme o quadro a seguir:

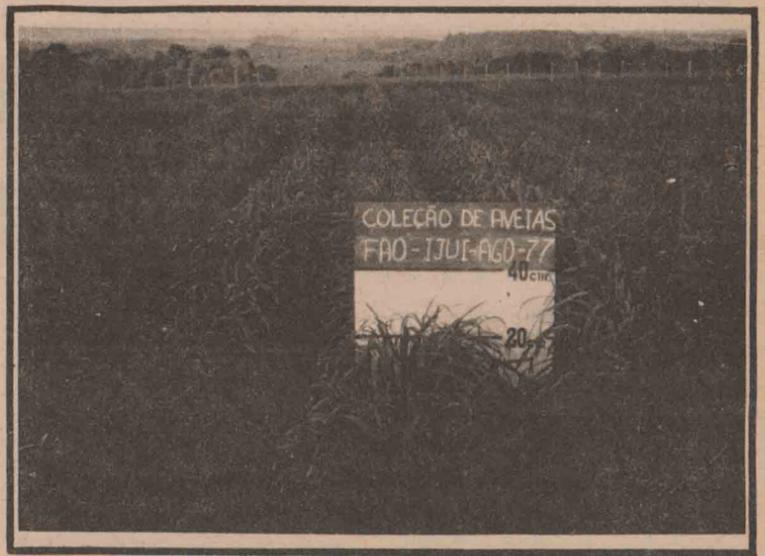
ESPÉCIE	FINALIDADE	PRODUÇÃO ESPERADA/DIA
20 vacas leiteiras	- Produção de leite	200 lt de leite
25 terneiros de sobre ano	- Engorde	800 g peso vivo
50 terneiros desmamados	- Engorde	800 g peso vivo

A presença destes animais no CTC tem como finalidade principal demonstrar a viabilidade e importância da integração da atividade lavoureira com a atividade pecuária. Este trabalho tem sido extremamente decisivo para os programas de diversificação que a Cotrijui vem promovendo para seu quadro social.

Dentro de 30 dias os piquetes de pastagens estarão cercados com bebedouros, e, como já sabemos as áreas de cada um, pretendemos estudar a produtividade de cada pastagem em termos de produção de carne e leite. Considerando que isto será de suma importância para a região, pois os produtores poderão encontrar no CTC a resposta para muitos de seus problemas. Além disso, poderá conhecer as misturas forrageiras mais adequadas para a região bem como observar o que elas significam em termos de econômicos para o seu estabelecimento. Na área da produção de sementes se buscará aprender os métodos mais eficientes de colheita e ao mesmo tempo difundir estes conhecimentos aos produtores. O CTC se dedicará a colheita de sementes das forrageiras recém introduzidas e cuja produção ainda é duvidosa. No sentido de garantir uma alimentação abundante aos animais ao longo de todo o ano, além da armazenagem de feno que já vem sendo feita, neste ano será construído um silo trincheira para armazenar 200 toneladas de milho. Estas duas formas de armazenagem se pretende difundir entre os produtores da região e principalmente para os leiteiros, já que este é um programa prioritário na região.

Com relação a criação de suínos, está sendo elaborado um projeto para estudar sistemas integrados de criação e engorda. Fundamentalmente o presente trabalho busca determinar sistemas econômicos de produção de suíno do tipo carne que possam vir a ser recomendados para a região. Os animais receberão como alimentação básica as pastagens, sejam em pastejo direto, pasto verde ou em forma de feno moído. Outra área de trabalho importante dentro da produção forrageira é a experimentação. Neste sentido, estamos a cada ano buscando conhecer melhor o comportamento produtivo das pastagens em nossa região.

Além de trabalhos de avaliação e introdução estão programados estudos de misturas forrageiras onde se pretende avaliar persistência e produtividade através de cortes e do desempenho dos animais. Este



trabalho vem sendo realizado com a colaboração dos professores do Setor Forrageiras de Agronomia de Porto Alegre. A seguir são relatados suscintamente, os principais experimentos que estarão sendo conduzidos no CTC ao longo do presente ano.

LINHAGENS DE AVEIA FORNECIDAS PELA FAO

Objetivos: Identificar as linhagens de aveias mais adaptadas à produção de matéria seca, proteínas em grãos e resistência a ferrugem, quando submetidas a diferentes sistemas de utilização.

Metodologia: As linhagens serão estabelecidas em linhas de 7m de comprimento com um afastamento de 30 cm entre linhas, com três repetições. A metade (3,5 m) de cada linha será submetida a dois cortes para avaliação de forragem seca e grãos. Na outra metade será avaliado novamente o rendimento de grãos.

Duração: O presente estudo entrará no seu terceiro ano de avaliação. No corrente ano algumas linhagens já irão para a fase de multiplicação. Este trabalho conta com a colaboração do professor H. L. Shanda, da Universidade de Madison, Wisconsin, USA.

■ Avaliação de gramíneas anuais e perenes de estação fria no Centro de Treinamento da Cotrijui.

Objetivos: Identificar as variedades mais adaptadas a região das Missões através da produção de matéria seca e grãos, quando submetidos a diferentes sistemas de utilização. Ao mesmo tempo serão feitas avaliações de grau de resistência à doenças, bem como observações fenológicas.

Metodologia: A sementeira será realizada em maio em linhas de 6 m com espaçamento de 40 cm. A metade de cada linha (3 m) será cortada para avaliação da produção de matéria seca e persistência do Stand. Nos três metros restantes serão feitas observações fenológicas e de produção de se-

mentes.

Duração: O trabalho experimental terá uma duração de 3 anos, de maio de 1978 a novembro de 1980.

■ Introdução e avaliação de cultivares de alfafa (Medicago Sativa) fornecidas pela FAO.

Objetivos: Determinar o rendimento de forragem seca e a persistência de cultivares de alfafa, mediante a realização de cortes.

Metodologia: O ensaio foi estabelecido em parcelas divididas com três repetições. As avaliações iniciarão em outubro e terão uma duração de três anos. Serão feitas determinações do rendimento de forragem seca e proteína bruta do material colhido. O grau de persistência será avaliado mediante a contagem de plantas vivas e mortas após o período de inverno.

Duração: Os trabalhos de campo terão uma duração mínima de três anos, de setembro de 1977 a setembro de 1980.

■ Determinação da época mais adequada para realizar a colheita de semente de Setaria anceps cv. Kazungula.

Objetivos: Determinar através de colheitas periódicas das panículas a época mais adequada para realizar a colheita de sementes.

Duração: O trabalho de campo iniciará em setembro de 1978 e terminará em maio de 1979.

■ Determinação da época mais adequada para a colheita de sementes de Panicum maximum cv. Gatton.

Objetivos: Determinar através de colheitas periódicas das panículas a época mais adequada para realizar a colheita de sementes.

Metodologia: O experimento será estabelecido em parcelas divididas em três repetições. Serão realizadas oito colheitas em épocas diferentes. Como informações complementares, por ocasião das colheitas, serão feitas contagens de panículas vazias, cheias e em emergência.

GRAMÍNEAS LEGUMINOSAS DE ESTAÇÃO QUENTE

Objetivo: Determinar o comportamento produtivo e a persistência de espécies de gramíneas leguminosas perenes de estação quente, com a finalidade de recomendar as forrageiras mais adequadas para a região das missões.

Metodologia: O trabalho vem sendo conduzido em parcelas e entrará no terceiro ano de avaliação. Os cortes são realizados de acordo com a fisiologia de cada espécie e do material colhido são feitos determinações de matéria seca e proteína bruta.

Duração: Este trabalho terminou em maio deste ano.

■ Comparação de 27 linhagens de aveias obtidas de cruzamentos na UFRGS.

Objetivos: Identificar as linhagens de aveias mais adaptadas a produção de matéria seca, proteínas e grãos e resistência a ferrugem, quando submetidos a diferentes sistemas de utilização.

Metodologia: As linhagens serão estabelecidas em linhas de 7m de comprimento com um afastamento de 60 cm, com três repartições. A metade (3,5 m) da linha será submetido a dois cortes para avaliação de forragem seca e grãos. Na outra metade será avaliado o rendimento de grãos.

SETOR DE PRODUÇÃO LEITEIRA

Objetivos: Tambo Leiteiro. Pretende-se organizar durante o exercício de 1978 um tambo leiteiro que terá as seguintes finalidades:

- Pesquisa de método de alimentação e manejo do rebanho leiteiro.
- Produção de leite para o refeitório do Centro de Treinamento e para venda a CCGL.
- Treinamento de produção leiteira e técnicas.
- Produção de ventres para venda aos associados.

Aquisição de Ensiladeiras. Dentro do Programa de Produção Leiteira está se recomendando que os produtores construam silos a fim de que possam manter um bom esquema alimentar durante todo o ano. Se faz necessário a aquisição de equipamentos adequa-

dos para dar ao produtor a cobertura para a utilização da prática de silagem.

Terminação de Terneiros: A aquisição de dois lotes de terneiros em feira tem por objetivo estudar o desenvolvimento dos mesmos em função do esquema de forrageiras do Centro de Treinamento, reunir dados e fazer as observações necessárias que servirão de base para orientação dos associados que se dedicam a terminação de terneiros.

SETOR DE TREINAMENTO

Cursos para técnicos de nível superior e médio:

Serão desenvolvidos no CTC os seguintes cursos para técnicos ministrados pelas equipes de monitores correspondentes.

Treinamento para estagiários - DETECO;

Cursos sobre Herbicidas-Faculdade de Agronomia da URGs e FECOTRIGO;

Cursos sobre solos-Faculdade de Agronomia da URGs; Treinamento sobre controle integrado de pragas e doenças - DETECO;

Cursos sobre toxicologia dos Defensivos Agrícolas - DETECO;

Cursos sobre Fitopatologia - Dra. Eloci Minussi - UFSM; Treinamento sobre comunicação - A.F. Deléo - JACTO; Curso sobre alho - EMATER-MG - CEASA-MG; Curso sobre integração lavoura-pecuária - DETECO; Curso sobre mecanização da lavoura - DETECO e outros; Treinamento em Pecuária Leiteira - DETECO; Dia de campo no CTC - DETECO; Plantio direto - DETECO; Cursos para agricultores no CTC; Integração lavoura-Pecuária Leiteira - DETECO; Pecuária de corte - DETECO; Técnicos Agrícolas e Mecanização da Lavoura - DETECO; Colheitadeiras; Pulverizadores; Manutenção de máquinas; Dia de Campo - DETECO.

SETOR PISCICULTURA

O desenvolvimento da Piscicultura tem por objetivo reconstituir e preservar os recursos naturais da flora e fauna, além de fornecer alimento

proteico da melhor qualidade.

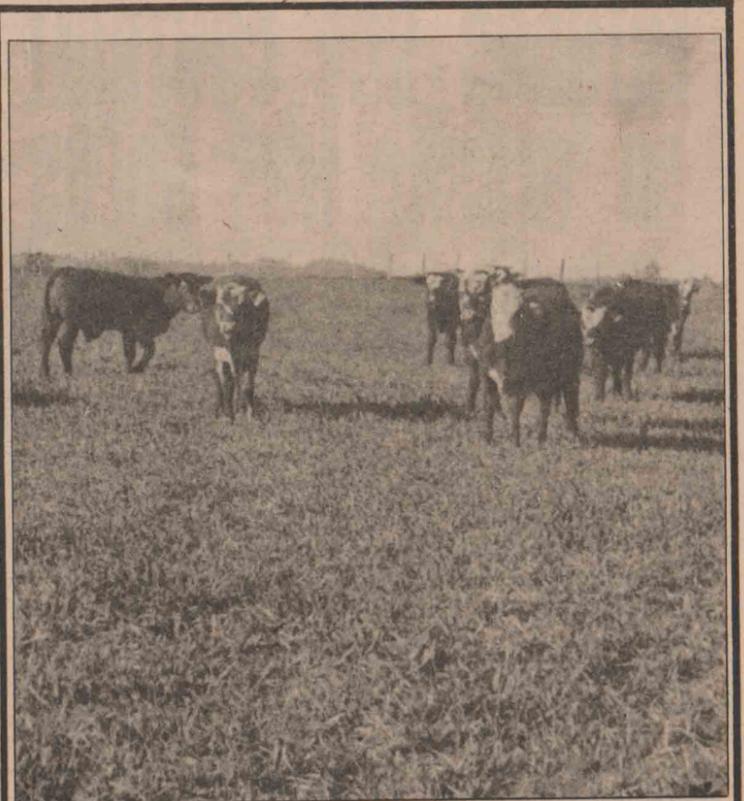
Conhecemos o potencial da região para a criação de peixe, no entanto os produtores tem encontrado dificuldades na obtenção de espécies mais nobres para criação. Se encontra concluído projeto para a instalação no CTC de uma ESTAÇÃO DE PISCICULTURA, com a finalidade de introduzir novas espécies na região, além de servir como suporte para pesquisas no campo de recursos naturais. Neste ano conduziremos no CTC, os trabalhos dentro das atuais condições disponíveis.

Serão desenvolvidas as seguintes atividades:

Obtenção de ovos de truta arco-iris, provenientes de Campos do Jordão (SP) para o povoamento dos açudes no CTC; Obtenção de ovas e alivinos do peixe-rei para povoamento de açude. Este material será obtido na Estação de Piscicultura na barragem de Ernestina, Estação de Piscicultura da Secretaria da Agricultura e barragem do Passo Real. Povoamento de um açude com carpa para cálculo de produção. Estudar a possibilidade da introdução do "Ket-fisch", que é criado com fim comercial com alta produtividade em tanques, nos Estados Unidos. Testar a associação de tilápia com traíra; Estudar a possibilidade do aproveitamento da carpa para produção de farinha de peixe.

Além da pesquisa, o Setor de Piscicultura continuará desenvolvendo o programa de assistência técnica a nível de produtor.

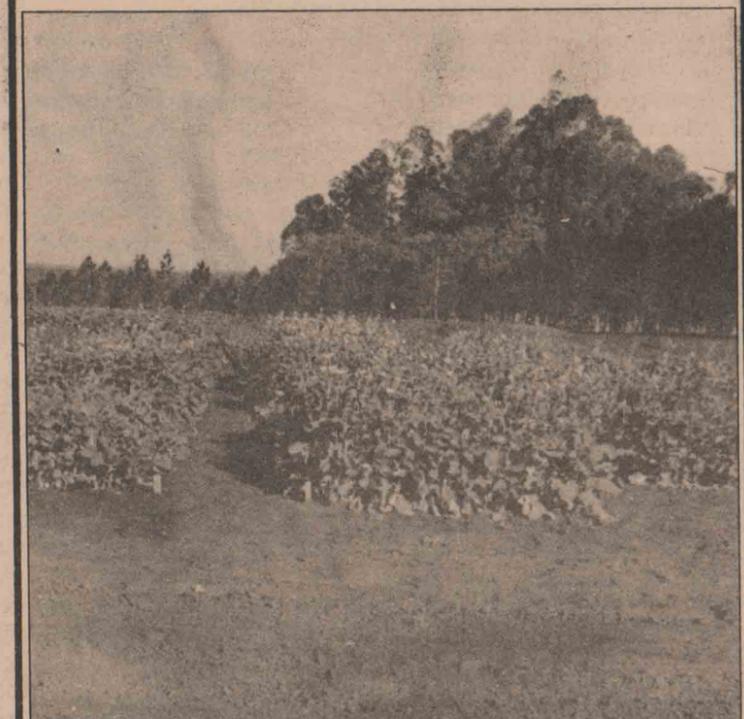
A assistência técnica será dedicada nas seguintes atividades: Orientação na Locação e construção de açudes; Orientação na preparação do açude, com relação a aplicação de calcário, fertilizantes e matéria orgânica; na formulação de rações, utilizando resíduos das colheitas; na utilização de esterco na alimentação de peixes; Orientação sobre fonte de captação de água, procurando determinar níveis de Oxigênio e o Ph da água; Orientação sobre as espécies a serem criadas e as associações mais recomendadas.



Engorde de novilhos para abate precoce.



Projeto de horti-granjeiro.



Colza em experimentação.

O JORNAL É O RETRATO DO SEU PRÓPRIO MEIO

(Terceiro artigo de uma série)

Raul QUEVEDO

Ainda que a semelhança pareça exagerada, é uma grande verdade que a nossa situação perante o universo das comunicações se assemelha a de uma lagarta a alimentar-se de uma folha, e cuja visão e percepção se estendem apenas alguns centímetros além do próprio manjar que devora. Quão difícil seria a essa lagarta ultrapassar suas limitações, ampliar sua visão, compreender que sua folha faz parte de uma enorme árvore com milhões de folhas semelhantes e que a árvore, por sua vez, é apenas uma unidade de vasta floresta com dimensões incalculáveis para seu minúsculo cérebro.

Quando mais tarde se torna borboleta, sua visão se amplia. Agora, animalzinho alado, ela entra em contato com uma beleza, uma glória e um dimensionamento que antes não poderia fazer a menor idéia. Claro. É o mesmo mundo, contudo, que diferença. Por que? É que agora, voando, sobrepondo-se alguns metros de altura, sua visão ampliou-se. Essa é a sua grande e fenomenal vantagem sobre sua geração anterior de lagarta.

Quanto ao homem, que não pode aproveitar-se da vantagem de tornar-se alado, ele precisa crescer pelo pensamento, pelo intelecto. Aliás, em regra geral, isso não lhe é difícil.

Já foi dito que o homem é um animal comunicativo. Comunicativo e curioso. Daí a necessidade que sente de notícias, informações, cultura e divertimentos, quase tanto como de alimentos. Sendo um animal racional, orienta-se mais pela razão do que pelo instinto. Se para os irracionais basta o alimento, para os homens são necessários vários elementos formadores e dinamizadores de seu habitat.

Apesar de ser muito popular no Brasil a máxima do "Não sei, não quero saber e tenho raiva de

quem sabe", nós é que sabemos como aquelas pessoas gostariam de saber... É verdade que muitos tem extrema dificuldade de saber, de aprender; mas todos, indistintamente, gostariam de saber. E na verdade, tentam saber.

Em 1876, quando notícias do telefone chegaram na Inglaterra através do cabo submarino, perguntaram ao engenheiro chefe dos correios se essa nova invenção norte-americana teria algum valor prático, ele respondeu: "Nenhum. Nós temos mensageiros em quantidade".

O engenheiro inglês, sem nenhuma visão do futuro, tanto quanto a lagartinha que não podia prever o maravilhoso mundo que iria ver na sua metamorfose de borboleta, era um estático em relação a si mesmo. Jamais ele imaginaria que as comunicações a distância, que começavam pelo telefone do sr. Bell, seria o início de uma nova etapa na vida da humanidade. Hoje, cem anos passados, o telefone, mais o rádio e a televisão, cada um deles multiplicado por mil, estão presentes nas casas e escritórios de grande parte dos indivíduos nos países ditos civilizados.

E que dizer do jornal, esse rei das comunicações que caracteriza a memória impressa do tempo? O jornal, que já existia há cerca de 600 anos antes de Cristo, tem marcado sua presença no mundo como o facho luminoso de um meteoro eterno.

É o jornal, ontem como hoje, o espelho do mundo em que vivemos. Testemunha ocular dos fatos, mensageiro do cotidiano, supõe-se que seja a voz do povo de todas as épocas.

Informativo, analítico, doutrinário. Político, esportivo, cultural, artístico ou de simples amenidades, o jornal é sempre a expressão característica do seu povo, da sua gente. É, em suma, o retrato do seu

próprio meio.

Se outros veículos de comunicação de massa — o rádio e a televisão, por exemplo — podem falar ou cantar linguagens estranhas ao meio, o jornal não pode afastar-se da sua realidade. É o jornal, sempre e necessariamente, nacional.

Enquanto a televisão pode usar e abusar dos símbolos, tocar música estrangeira e até mesmo deformar conceitos cívicos e culturais, o jornal não pode prescindir da sua gramática, que é simbolizada pelo povo. É claro, se o fizeres, não seria entendido.

Nossa preocupação hoje é com o jornal de cooperativa. Por ser novo no contexto da imprensa nacional, pode e deve estabelecer parâmetros editoriais que o distingam do comum do jornalismo convencional. Já disse em artigo desta série que se o jornal de linha comercial não necessita defender nenhum princípio ético para ter sucesso (bastando que seja solidário com os interesses do capital); o jornal de cooperativa só justifica a sua participação no seio da comunidade a qual serve, sendo intransigente com a sua própria ética.

E o que se entenderá por ética a nível jornalístico? Bem, tanto quanto a definição filosófica do vocábulo, é o próprio arcabouço da moral.

Se conseguirmos fazer um jornal visualmente bem apresentado, numa linha de enfoque cooperativista e de persuasão reivindicatória em prol do sistema e seu escopo social e econômico e ainda acrescentarmos uma editoração a nível de cultura geral com ênfase para irrestritos princípios éticos e morais, então, sem dúvida, teremos alcançado o ideal em jornalismo cooperativista.

Evidentemente, trata-se de opinião pessoal. Dentro do possível, temos procurado seguir esses princípios na editoração do CO-TRIJORNAL.

DIA DOS ÁULICOS

Há pouco, passamos por mais um 10 de setembro de aplausos ao dia da imprensa. Foi, conforme o dito feliz de Alberto Dines, em artigo para o jornal "Folha de São Paulo", mais um Dia dos Áulicos.

Foi muito feliz a farpa verdadeiramente venenosa do jornalista carioca, agora trabalhando para um jornal paulista, devido ao fato de não se justificar mais essa farsa que é o 10 de setembro como data dedicada a imprensa brasileira. A não ser que continuemos a ser todos áulicos saudosos dos tempos de D. João VI e sua consorte, a rainha D. Carlota Joaquina.

Mas não. Não cremos que sejam muitos os áulicos, apesar de existirem alguns. A maioria, que é constituída por aqueles que querem uma data representativa verdadeiramente brasileira, continua aguardando a mudança da data para 1º de junho, numa homenagem devida a memória de Hipólito José da Costa e a seu esclarecido jornal, o "Correio Braziliense" (Segundo João do Sul).

VIEIRA DA CUNHA REELEITO PRESIDENTE DA COOJORNAL

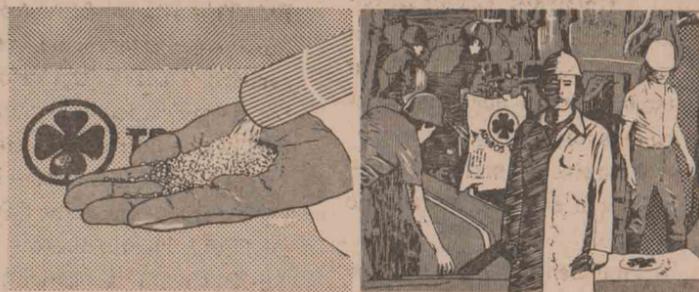
José Antonio Vieira da Cunha foi confirmado na presidência da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, em eleição havida a dois de setembro.

Para uma gestão de dois anos, ficou assim constituída a diretoria da COOJORNAL: presidente, José Antonio Vieira da Cunha, vice-presidente, Tomás Irineo Pereira e secretária, Rosvita Saueressig. Conselheiros titulares: Affonso Ritter, João Borges de Souza, Jorge Polydoro, Osmar Trindade e Pedro Maciel. Suplentes: José Emanuel de

Mattos, Guisleno Baru Derquin, Jorge Gallina, Ricardo Chaves e Sérgio Batsow. Conselho fiscal: Antonio Manuel de Oliveira, Agnese Schiffino e Danilo Ucha, titulares. Os suplentes são: Hermelindo Macedo, Luiz Vitello e Regina Vasques.

O conselho de edição está constituído por Assis Hoffmann, Elmar Bones da Costa, Hélio Gamma Filho, João Batista Aveline e Luiz Carlos Merten. Suplentes: Carlos Henrique Bastos, Jorge Olavo de Carvalho Leite, José Guaraci Fraga, Luiz Claudio Cunha e Paulo Burd.

Adubos Trevo, há quase meio século à serviço da agricultura brasileira.



Adubos Trevo tem fábricas em Rio Grande, Porto Alegre, Paranaguá e Cubatão, produzindo fertilizantes com a garantia de uma fórmula sempre correta. Porque tem fábricas junto aos maiores portos exportadores do país e centros de distribuição



junto às principais áreas agrícolas, a Trevo garante uma vantagem extra aos nossos agricultores: os mesmos caminhões que levam as safras, podem voltar trazendo o fertilizante. Isso representa menos fretes e mais economia de custos.

ADUBOS TREVO
Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

Escritório Central: Av. Júlio de Castilhos, 435
fone: 25-5455 - Porto Alegre - RS

ASPECTOS POLÍTICOS COMPETITIVOS DA ATIVIDADE COOPERATIVISTA

Tendo por objetivo principal a maior divulgação do cooperativismo e sua filosofia de ação, num mundo cada vez mais necessitado da evolução desse sistema sócio-político-econômico, a COTRIJUI patrocinou a edição do volume 1 da Coleção Cooperativismo, da Editora Coojornal, entregando ao público o livro "Cooperativismo e Competição" (uma experiência cooperativa no capitalismo alemão), de autoria de Erik Boettcher, Friedrich Klein, Walter Hamm e Harry Westermann.

Cooperativismo e Competição, que tem apresentação de José de Campos Mello, superintendente da Organização das Cooperativas Brasileiras constituído de quatro capítulos, está elaborado dentro do seguinte esquema editorial: Capítulo 1 — Introdução. Economia de mercado, economia centralizada e cooperativismo. Autor, Erik Boettcher. Capítulo 2 — Considerações fundamentais sobre a tributação das cooperativas. Autor, Friedrich Klein. Capítulo 3 — Aspectos políticos

As opiniões de homens práticos e cientistas sobre a atividade cooperativista são de uma amplitude extraordinária. A escala abrange desde o parecer de que as cooperativas fomentam a competição, até o outro extremo, o entender de que as cooperativas são entidades semelhantes a cartéis e restringem a competição. Estas concepções poderiam indicar um raciocínio logicamente falho, o que não podemos comprovar devido as numerosas manifestações acerca da controversa questão. Mesmo que não tenham ocorrido erros de lógica — o que realisticamente se pode excluir — existem no âmbito das ciências sociais várias outras possibilidades de explicação para as divergências de opiniões. A fim de evitar, tanto quanto possível, os mal-entendidos neste assunto, e ao mesmo tempo estabelecermos base para a discussão que se segue, achamos proveitoso focar algumas das razões essenciais para tais divergências.

APRECIACÃO POLÍTICO-COMPETITIVA — DIFERENÇA DE METAS

Freqüentemente se pode atribuir a ampla divergência de opiniões acerca dos mesmos fatos às diferentes noções sobre as metas político-econômicas e sua ordem de importância. Como as apreciações de forma alguma são sempre explicitamente manifestadas, torna-se difícil determinar as causas das divergências. Às vezes objetivos econômicos individuais são confundidos com objetivos econômicos gerais, ou objetivos político-econômicos — um fato freqüente nas discussões sobre cartéis.

Nestas circunstâncias parece indicado expor, em pri-

meiro lugar, os objetivos político-competitivos. Numa breve contribuição a um congresso, sobre o tema "cooperativas e competições", parece-nos defensável a limitação das observações a estes objetivos, embora com isso estejamos considerando apenas um pequeno setor do sistema geral de metas e apenas uma parte dos objetivos estatais diretamente relacionados com as cooperativas. A limitação do campo de visão, daí decorrente, pode ser superada em etapas subseqüentes, com a inclusão de outros objetivos essenciais.

A competição, num sistema de economia de mercado, tem o papel central de zelar para que as economias individuais com planejamento autônomo, ao ambicionarem vantagens individuais, contribuam ao mesmo tempo para o alcance dos objetivos econômicos gerais. Trata-se aqui, em primeiro lugar, de assegurar a liberdade econômica, e com isso também a liberdade política (por exemplo: liberdade da atuação econômica; de escolher entre várias ofertas; no emprego de parâmetros de ação independentes; limitação do poder econômico através do controle de desempenho por parte dos concorrentes e parceiros contratuais), e em segundo lugar, da constante melhoria do abastecimento do mercado, no sentido de que os fornecimentos aos clientes sejam cada vez melhores e mais baratos. Este segundo objetivo não deve ser confundido com a elevação ao máximo de uma imaginária função pró bem-estar.

Já entre estes dois objetivos pode surgir contradição quando a fundação de cooperativa, é restringido o número de alternativas, ao mesmo tempo

em que a capacidade de desempenho de alguns ofertantes é aumentada; e, se continuar a existir uma competição eficiente, o abastecimento do mercado é melhorado e barateado. Dependendo de qual o objetivo político-competitivo ao qual é dada a primazia, um mesmo fato pode ser considerado político-competitivamente desejável ou indesejável. Como acontece com freqüência na prática da economia política, também neste caso tudo depende dos objetivos idealizados pelo julgador.

O legislador não tomou uma decisão nítida em favor da predominância de um ou de outro objetivo da política competitiva. Mas cada vez predomina que a meta da liberdade merece a primazia, já porque uma comparação entre a expectativa de melhores resultados e a perda da liberdade econômica, relativamente a determinada época, não faz justiça ao fato de que a competição é um processo de descobrimento. Portanto, a restrição da liberdade econômica poderá impedir melhorias nos resultados econômicos, hoje ignorados. Por isso não causa surpresa que as autoridades antitruste nos Estados Unidos, ao julgarem o procedimento de empresas dominadoras do mercado, se orientam exclusivamente sobre a liberdade econômica. Entretanto, pela legislação sobre a competição vigorante na Alemanha, a decisão não depende apenas do fato se a competição é ou não prejudicada. Decide-se, antes, em cada caso, se por exemplo um esperado melhor abastecimento do mercado justifica uma pequena restrição à liberdade econômica.

Nunca se pode determinar quais as baixas de custo, os

competitivos da atividade cooperativista. Autor, Walter Hamm e capítulo 4 — A importância da lei contra a limitação da competição para as cooperativas. Autor, Harry Westermann.

Evidentemente, trata-se de feliz iniciativa da COTRIJUI, principalmente pelo fato de ser mínima a literatura existente no País sobre o tema cooperativismo. Apesar de se tratar de obra baseada em experiência alemã e redigida por autores daquele país, seu valor se justifica pelo fato de ser o cooperativismo a mais universal das formas de economia, pois simboliza o solidarismo que é a essência do próprio interrelacionamento entre os homens, tão necessário nestes dias de incerteza.

Destacamos, pela sua maior atualidade, a nosso ver, o artigo 3 do livro, intitulado "Aspectos político-competitivos da atividade cooperativista", de autoria do professor dr. Walter Hamm, da Universidade de Marburg. Eis um resumo do texto:

proveitos da racionalização e as correções de preços que originalmente podem ser atribuídos a certa limitação de competição; por isso parece conveniente que também as limitações da competição sejam julgados somente quanto aos seus efeitos sobre a liberdade econômica.

As limitações sobre a competição, também através da política comercial das cooperativas, geralmente trarão vantagens a economia individual, como maior produção ou menores custos unitários, sem que isso implique num melhor ou mais barato abastecimento do mercado. Conseguem-se maiores lucros não só através de um melhor desempenho relativamente à concorrência, mas também através do uso do poder econômico. Por isso, o político preocupado com a competição verá com suspeita não só a onda de concentrações na indústria alemã, mas também a onda de fusões na esfera das cooperativas. As estratégias de mercado que limitam a competição poderão, eventualmente, provocar uma melhor racionalização. Mas, devido à menor intensidade, e da competição, geralmente não provocarão melhoria e barateamento no abastecimento de mercado.

DIFERENÇA DE CONCEITOS

Uma das principais causas das divergências de opiniões sobre a política da competição consiste na diferença de conceitos sobre a competição. De acordo com os conceitos escolhidos, chega-se na apreciação dos mesmos fatos, a conclusões divergentes. Com freqüência identifica-se a competição com um certo estado de transformação de mercado, em que se considera o número e a importância dos vendedores e dos

compradores. Esta definição da competição é insatisfatória, já porque não permite conclusões seguras sobre o comportamento dos parceiros. A competição potencial e a expectativa de alterações nas formas de mercado com o decorrer do tempo, muitas vezes determinam de forma decisiva as ações e reações no mercado. Mas, sobretudo a absorção estática de determinadas formas de mercado não faz justiça ao caráter dinâmico dos processos da competição. A competição provoca constantes alterações na estrutura de mercado, o que, por seu turno, repercute sobre o comportamento dos concorrentes. Este comportamento diferente modifica, por sua vez, os resultados do mercado (dependência circular).

O conceito de competição, por isso, de agora em diante, será usado para a caracterização de processos de mercado que apresentam as características essenciais do livre acesso ao mercado, e da possibilidade de emprego desimpedido e independente de variáveis instrumentais ("parâmetros de ação"), de parte das economias individuais, para fins de imposição por força de um superior desempenho. A política de vendas, por exemplo, consiste de inovações na produção, diferenciações, na produção, política de volume e de preços, alterações de descontos, condições e serviços suplementares, bem como da publicidade. Também nos mercados de compras podem ser utilizados alguns destes parâmetros de ação. A discussão que se segue está baseada nestes conceitos.

A fiscalização estatal da competição tem a função de impor as decisões legais básicas a favor dos processos competi-

tivos de mercado, sempre que a competição não corresponde aos objetivos que assinalamos. As assim chamadas esferas de exceção, como o suprimento público de eletricidade, gás, água e transporte, podem ser excluídas das considerações que se seguem, porquanto a participação das cooperativas na prestação de tais serviços é relativamente pequena. A garantia da decisão legal básica significa, antes de mais nada, que é impedida, tanto quanto possível, a limitação da competição mediante acordos, contratos e combinações entre entidades privadas. Quando se cuida da possibilidade do livre emprego das variáveis instrumentais (o que inclui as inovações), então se melhora ao mesmo tempo, e de forma mais eficiente, a capacidade funcional da competição. Sempre que limitações à competição são provocadas por medidas estatais (como restrição de acesso ao mercado, monopólios legais, restrição do comércio exterior, regulamentação de preços), ou se produzem distorções na competição devido à ação do Estado (como subvenções, tributação discriminativa, regulamentação do acesso ao mercado), ou então a capacidade de ação da fiscalização estatal fica prejudicada.

Na legislação nacional de proteção à competição, falta uma definição conseqüente e positiva da competição. Ela se restringe a proibir limitações à competição e a prever sanções a determinados tipos de acordo ou outros procedimentos que limitam ou prejudicam a competição. Estes regulamentos legais baseiam-se em apreciações políticas. Estas decidem onde está a divisa entre as limitações à competição que são admissíveis e as que não o são.

Nem todos os procedimentos de economias individuais que influenciam a competição, no sentido acima, são declarados ineficazes ou são proibidos pela legislação sobre competição. A verificação de que a política comercial cooperativista sob determinadas circunstâncias limita a competição, portanto não significa necessariamente que exista uma infração das leis sobre a competição.

CARÁTER DAS COOPERATIVAS

As palavras divergentes acerca dos efeitos da colaboração cooperativista sobre a política da competição são também atribuíveis ao fato de que as cooperativas hoje não são entidades homogêneas: elas, com o decorrer do tempo, se modificam consideravelmente e, sob a pressão da competição, estão sujeitas a novas modificações. Isso é válido tanto para as metas estabelecidas pelas economias individuais, como para o organograma do sistema de coligação

cooperativista, especialmente quanto à divisão das funções entre os sócios e a empresa cooperativista. Usa-se a designação geral "cooperativa" para formas de cooperação com características competitivas diversas. Por isso, não se pode julgá-las englobadamente.

Quando entidades dependentes se reúnem em cooperativas de produção, daí normalmente resultarão efeitos que favorecem a competição, e não efeitos que a limitam. Aos ofertantes que já existem, reúne-se agora outro concorrente, independente, e nos mercados de compras a competição será ainda mais forte. União cooperativistas de economias domésticas privadas (cooperativas de consumo e de construção de residência) têm efeitos semelhantes, e por isso, do ponto-de-vista político competitivo, devem ser consideradas sem inconvenientes.

É claro que existem também coligações cooperativistas de empresas, com força no mercado, cujos efeitos são semelhantes aos dos cartéis. É o caso, principalmente, das combinações efetivas (não contratuais) entre comerciantes individuais, acerca de preços e consumo — um fenômeno que evidentemente também ocorre, com força talvez ainda maior, nos entrosamentos voluntários do comércio atacadista. A evolução no sentido da "cooperativa integrada" torna evidente que, em muitas cooperativas modernas, assuntos da competência das empresas são cada vez mais transferidos, pelos associados, à direção da cooperativa. Na mesma proporção, decrescem as possibilidades do emprego de parâmetros de ação pelas economias individuais, sob sua própria responsabilidade, e com isso, decresce também a liberdade econômica. A animada discussão que se trava sobre autonomia e vinculação, sobre a eleição dos associados e sobre outras formas de direito, que permitam uma direção mais rígida do sistema coligado, é evidenciada pelas alterações político-competitivamente relevantes que se processam, num período relativamente curto, em muitas cooperativas, sob a pressão da competição. Julgamentos sobre o tema "cooperativas e competição" que hoje estejam certos, amanhã poderão estar ultrapassados. Este ponto de vista deve merecer atenção especial numa fase do desenvolvimento cooperativista tão dinâmica como a de hoje. Com isso ressaltamos a atualidade do assunto "cooperativas e competição".

RESUMO

Uma discussão proveitosa sobre o complexo e controverso assunto "cooperativas e competição" pressupõe que se convençione as metas da política da competição, e daquilo



Uma família alegre e feliz, protegida pelo cooperativismo.

que daí decorre, como seja, o conceito de competição, o tipo de cooperativa (cooperativa tradicional, cooperativa de mercado, cooperativa integrada), o campo de atuação da cooperativa, a estrutura de mercado, bem como o ponto de referência histórico. De outra maneira haverá o perigo de não haver entendimento, porque cada um fala de um objetivo diferente ou faz apreciações divergentes.

PROCESSOS COMPETITIVOS

Após estas considerações fundamentais e sistematizantes queremos ocupar-nos, nesta segunda parte, das influências dos processos competitivos de mercado sobre a atividade cooperativista, e da repercussão de determinados procedimentos cooperativistas sobre a competição.

Existe uma dependência mútua entre processos competitivos de mercado e a atividade cooperativista: certos processos de mercado favorecem a fundação de cooperativas (ou constituem mesmo a sua condição prévia). Por outro lado, a atividade cooperativista promove ou prejudica a competição. Ambos os aspectos devem ser apreciados do ponto de vista da política da competição. Surgem controvérsias principalmente quanto a efeitos efetivamente ou supostamente prejudiciais a competição, devido à atividade cooperativista. Por is-

so colocamos estas questões no centro das discussões que se seguem. No artigo introdutório as condições muito diferentes dos diversos tipos de cooperativas não puderam ser desenvolvidas paralelamente entre si, por falta de tempo, e por isso as considerações que a seguem referem-se essencialmente às cooperativas de compras do varejo de gêneros alimentícios.

FASES DE MERCADO

A tendência dos empresários para negociarem cooperativamente é favorecida por alguns processos de mercado, e prejudicada por outros. Quando um empresário tem boas chances de sucesso atuando independentemente, o que normalmente ocorre na fase experimental e na de expansão de um mercado, então a inclinação à colaboração cooperativista é pequena. Além disso, nesta fase do mercado preponderam tipos de empresas que confiam em sua própria força e estão poucas dispostas à cooperação. Quando as forças de trabalho em um mercado enfraquecem e se chega a um crescimento menos que proporcional, ou menos a retraimentos na procura (estagnação ou recesso), então quase que se impõem procedimentos cooperativistas como instrumentos para assegurar a sobrevivência e o lucro. Nos objetivos de muitos fundadores de coopera-

tivas está nitidamente espalhada esta atitude, essencialmente defensiva.

Além das inovações de produtos ou diferenciações de produtos, que podem provocar a parição de formas de estagnação ou de recesso em mercados vizinhos, também novos processos de produção freqüentemente causam dificuldade econômica àquelas ofertantes que se adaptam muito lentamente, ou não se adaptam às novas condições do mercado, por insuficiência de capital, ou devido a sua atitude conservadora. Muitas vezes trata-se do aproveitamento de vantagens de custo, com o crescente tamanho de empresas ou estabelecimentos. Nestes casos a pressão da competição de parte dos empresários inovadores, já na fase da expansão e do amadurecimento de um mercado, pode provocar em alto grau a tendência à cooperação. Os empresários que enfrentam dificuldades esperam melhorar sua situação associando-se a um sistema coligado cooperativista.

Este objetivo em geral só pode ser atingido eficazmente quando a empresa cooperativista tem direção dinâmica e quando consegue motivar os associados recalcitantes. Especialmente nos últimos tempos ficou nitidamente demonstrado, sob a pressão da competição, que uniões cooperativistas podem ser dirigidas agressivamente e com iniciativa, apesar de

uma maioria conservadora de associados, mas só até o ponto em que a direção da empresa cooperativista possa influenciar eficazmente o emprego de parâmetros de ação nas empresas associadas, convencendo-as ou instruindo-as, ou se as funções empresariais forem transferidas pelos associados à direção da cooperativa.

A importância dos processos competitivos de mercado para a fundação de cooperativas é adicionalmente reforçada em determinadas estruturas de mercado. Quando o mercado é facilmente acessível, por exemplo, é favorecida a ocorrência de muitos pequenos empresários, entre eles também os que subestimam os ricos de uma atividade independente e que dispõem de capacidade empresariais apenas limitadas. Conseqüentemente cresce a competição, o que aumenta a disposição para o cooperativismo. Uma alta proporção de custos fixos nos custos totais aumentará a tendência de oferecer preços mais baixos, o que ajuda na adoção de procedimentos que reduzam a competição.

De que forma devemos julgar, do ponto de vista político-competitivo, a colaboração cooperativista assim induzida, com freqüência meramente de reação ou defesa? Devemos ser breves, e por isso faremos apenas as seguintes observações:

VANTAGENS DE CUSTO

A colaboração cooperativista pode proporcionar a pequenos empresários vantagens de racionalização (por exemplo pelo aproveitamento comum de inovações técnicas ou pela produção comum em grande volume), apenas acessíveis aos grandes concorrentes, e que estes aproveitam. Se estas vantagens de custo forem apreciáveis, a capacidade de competir de pequenas empresas poderá depender da possibilidade e da legitimidade de uma cooperação mais ou menos estrita.

Tal cooperação é inofensiva, do ponto de vista da política competitiva, desde que daí não surjam empresas que dominem o mercado e desde que não haja ameaça de diminuição do número de alternativas. Normalmente o caso das cooperativas é este.

Quando as cooperativas se desenvolvem de maneira a formar coligações com grande penetração no mercado, geralmente isso é devido à intenção de proporcionar aos associados vantagens semelhantes às usufruídas por grandes empresas ou por formas similares de cooperação (como os entrosamentos voluntários de atacadistas). Quando a anexação de etapas anteriores ou posteriores (uma espécie de concentração vertical) é visto com desconfiança e é ameaçada de sanções, logi-

camente também as formas cooperativistas similares devem ficar sujeitas aos mesmos regulamentos. Concomitantemente o crescimento externo das empresas deveria estar sujeito a controles eficientes, pois do contrário a proibição de certas formas de cooperação poderia ser iludida (p. ex. a transformação de entrosamentos voluntários em um sistema de filiais, com ampla participação dos "gerentes de filiais" nos lucros e nos riscos). Neste ponto são evidentes as falhas da legislação alemã contra a limitação da competição, que ainda não contém quaisquer dispositivos contra o crescimento externo das empresas. Um controle efetivo das fusões certamente também atingiria os planos de fusão no âmbito das cooperativas.

Para o julgamento político-competitivo de uma cooperativa de comerciantes individuais deve-se distinguir entre os mercados atingidos; devem ser examinados os efeitos sobre os mercados atacadistas de compra e venda, assim como sobre a competição no varejo. É verdade que, na morfologia do mercado, o número de atacadistas é aumentado pela formação de uma cooperativa de compra. Mas a ativação da competição nos mercados atacadistas de compra depende do tamanho da cooperativa e das alterações que foram provocadas na forma do mercado e no modo de proceder. Nos mercados atacadistas de vendas não haverá efeitos incentivadores da competição, se os comerciantes individuais estiverem praticamente amarrados a um atacadista, a longo prazo, e não puderem escolher, em cada caso, entre diversas ofertas. A competição entre os comerciantes varejistas, entretanto, não será afetada, quando num mercado local relevante é sempre representado apenas por um dos associados de uma cooperativa, de um entrosamento voluntário, de uma rede de filiais, etc., como acontece na prática. Porém a fusão de entrosamento e cooperativas normalmente limita a competição do comércio varejista.

VANTAGENS NAS COMPRAS

As cooperativas de compras contribuirão não só para a racionalização da produção nos estabelecimentos associados. Em geral poderão também produzir vantagens nas compras, por exemplo, pela melhor supervisão do mercado, pela maior habilidade nos métodos de compra, ou pelo aproveitamento do poder econômico. Deve-se admitir que, sob condições de competição, as reduções de custos eventualmente obtidas junto aos fornecedores, principalmente devido à espécie e ao volume dos pedidos, serão parcialmente incorpora-

dos nos preços (descontos para quantidade, descontos para compras antes da estação do ano, descontos para contratos de exclusividade ou de longa duração). Desde que tais descontos não se baseiem em abuso do poder econômico, nada haverá a opor a tais atividades cooperativistas, do ponto de vista da política competitiva. Sem uma eficiente organização de compras, pequenos varejistas não teriam condições de competir. A atividade cooperativista contribui para a criação de alternativas adicionais na fase do atacado. Isso evidentemente só é válido quando não exerce pressão estatutária, moral ou de fato sobre os associados para que comprem de uma só cooperativa. Quando o cooperativismo produz vantagens substanciais na racionalização ou nas compras, uma cooperativa eficiente normalmente não poderá usar de medidas compulsórias.

COMPETIÇÃO IMITADORA

As cooperativas freqüentemente contribuem para o aumento da produção de empresas associadas amígdas de forma conservadora, pelo desenvolvimento, para os associados, de eficientes estratégias de vendas, que são constantemente adaptadas às condições cambiantes do mercado de vendas. Uma direção inovadora, altamente qualificada à testa de uma cooperativa, geralmente tem condições para detectar alterações iminentes no mercado de vendas. Os sortimentos, a qualidade e o procedimento comercial devem ser adaptadas às preferências dos compradores. Devem ser explorados novos mercados promissores. Devem ser planejadas medidas inovadoras que permitam resultados, e reações apropriadas à investida competitiva de outros participantes do mercado.

Se os cooperativistas agirem segundo as normas "venda pelos associados, e não vendas aos associados", então evidentemente os parâmetros de ação para as empresas individuais terão que ser observados coletivamente. No julgamento político-competitivo deste procedimento deve-se levar em conta que também em outras formas de cooperativismo, e em grandes empresas, tais funções geralmente estão nas mãos de órgãos centrais. Neste sentido queremos referir-nos às condições que tecemos relativamente à apreciação das vantagens de racionalização pela colaboração cooperativista.

ADAPTAÇÃO ÀS MUDANÇAS

Mercados com muitos pólos, em fase de encolhimento, com grande proporção de empresários inativos, freqüentemente são caracterizados pe-

lo fenômeno da superabundância no ramo ("competição além do ponto ótimo"). A atuação das cooperativas pode ser considerado desvantajosa (no sentido das metas acima definidas), quando forças de produção escassa são mantidas presas a ramos superabundantes, sem possibilidade de renda suficiente, embora mais cedo ou mais tarde tenham que trocar de ramo. Em tais mercados o recurso da seleção evidentemente poderia amenizar as conseqüências da conservação de estrutura da atividade cooperativista. Mas não se pode contar que tais decisões, quando à seleção, sejam tão imparciais e sigam critérios tão uniformes quanto os da seleção pela competição.

Em ramos com superabundância e empresas inativas, as cooperativas terão que contar ainda mais com a apreciação crítica de sua atividade do ponto de vista da política da competição, ao menos quando sua atividade não visa a reestruturação das empresas associadas e sua condução a mercados em expansão.

É o que tínhamos a dizer sobre a influência dos processos competitivos de mercado sobre o cooperativismo, e a apreciação deste do ponto de vista político competitivo.

EFEITOS COMPETITIVOS

Tratemos agora das conseqüências da atividade cooperativista sobre a competição. As cooperativas têm influência decisiva sobre os processos competitivos, pela forma e intensidade da cooperação. A seguir trataremos exclusivamente da cooperativa integrada, à qual se distingue da cooperativa tradicional principalmente pela redistribuição da autoridade, provocada pela competição, a favor da direção da empresa coletiva, e pela marcante centralização da competência para decisões empresariais com a direção da cooperativa. Esta limitação objetiva decorre da inconfundível tendência a este novo tipo de cooperativa. Deve-se observar que na cooperativa integrada os efeitos da atividade cooperativista que reduzem a competição se tornam muito mais evidentes do que na cooperativa tradicional.

MERCADOS HORIZONTAIS

Façamos antes uma observação sobre os efeitos horizontais da colaboração cooperativista: toda espécie de cooperação entre concorrentes reduz a liberdade de decisão das empresas individuais participantes. O emprego independente de parâmetros de ação fica limitado. Em lugar das disposições livremente tomadas pelas economias individuais, haverá em parte procedimentos votados, decididos de comum acordo, ou prescritos por determi-

nados órgãos. Isso se aplica especialmente à cooperativa integrada.

Além dos compromissos formais ou práticos dos parâmetros de ação individuais, na colaboração cooperativista também são afetadas as relações entre os associados da cooperativa. A constante e estreita colaboração e os interesses comuns não deixarão de produzir efeito sobre o espírito de competição ("Spirit of competition"). Este fato será insignificante enquanto, por exemplo, cooperativas de compras só admitirem um associado em cada um dos diversos mercados locais, e assim não existir rivalidade entre os associados. Em muitas cooperativas de consumo ou de vendas não existem tais condições especiais, de forma que poderá haver perigo de procedimentos que limitem a competição.

MERCADOS VERTICAIS

A formação de uma cooperativa de compras provoca alterações político-competitivas também nas relações de mercado verticais. De acordo com as condições nos mercados de compras, e conforme a espécie da colaboração cooperativista, poderão surgir tantos efeitos que incentivam a competição, com efeitos que a cerceiam. Provaremos isto com dois exemplos. O enfeixamento da procura, de parte dos associados da cooperativa, em caso de fornecimento direto pelos produtores provocará uma diminuição no número de contraentes, o que cerceia a liberdade de competição. Quando a cooperativa passa a concorrer com empresas atacadistas existentes, evidentemente é de se esperar que haja uma ativação da competição no comércio por atacado, a não ser que os associados, na prática, fiquem presos à cooperativa. Criam-se outras opções, tanto para os associados da cooperativa como para os fornecedores do comércio varejista. Trataremos em detalhes destas conclusões, ainda toscas, proveniente de considerações sobre a morfologia do mercado, quando abordamos o comportamento das cooperativas integradas.

MERCADO E COMPETIÇÃO

São também político-competitivamente significativas as conseqüências da atividade cooperativista sobre o acesso ao mercado, e portanto sobre a concorrência potencial. Poderia-se deduzir, do princípio da livre associação, que as cooperativas geralmente facilitam o acesso ao mercado às pequenas empresas: a possibilidade de associar-se a uma bem sucedida empresa coletiva, e de lucrar com o seu desempenho aumentará as chances de sucesso de novas empresas que entram no

mercado, e acentuará a competição potencial. Na verdade as cooperativas não têm a obrigação legal de admitirem sócios ilimitadamente. O estatuto, por exemplo, poderá condicionar a admissão de novos associados ao preenchimento de determinadas condições. Conforme o grau de restrições de tais condições, as cooperativas contribuirão em medida diferente para a facilitação do acesso ao mercado e para o fortalecimento da competição potencial. Quando existem restrições em alto grau, e pouca esperança para pequenos empresários de poderem afirmar-se no mercado sem filiação a uma cooperativa, as cooperativas até contribuirão para o fechamento do mercado. Também aqui as generalizações podem induzir a erro.

A competição potencial é ainda intensificada pela possibilidade de formação de novas cooperativas ou da expansão do campo de ação já existentes. Isso se aplica, como mostra a experiência, não só à etapa comercial, mas também às etapas contíguas, anterior e posterior, da produção. Só a possibilidade da ação cooperativista frequentemente já induz a uma atitude competitiva de parte das ofertantes monopolistas. Tais ofertantes devem levar em conta que a atividade cooperativista lhes subtrairia uma parte considerável de seus clientes, se eles utilizassem o seu poder econômico. O acesso ao mercado normalmente é facilitado às empresas cooperativistas pelo fato de que seus associados já constituem um círculo firme de clientes, que não precisam ser conquistados mediante o hábil emprego de instrumentos, geralmente dispendiosos, da política de vendas. Assim os

prejuízos iniciais das cooperativas geralmente são pequenos, o que equivale à facilitação de acesso ao mercado. Em muitos mercados estes efeitos sobre a competição são ponderáveis.

MULTIPLICIDADE DE TIPOS

Do ponto de vista da política competitiva, a atividade cooperativista produz efeitos desejáveis também pelo fato de que só raramente empresas orientadas para o mercado de compras são levadas a fazer combinações horizontais com empresas voltadas para o mercado de vendas, e as possibilidades de concentração ficam limitadas. Tal atitude, criticada em outras empresas, não pode, sem mais nem menos, ser atribuída às cooperativas, porquanto os relacionamentos dentro do sistema coligado têm um sentido econômico, e os relacionamentos de mercado têm outro. Na Áustria, onde sob determinadas condições são permitidas cartéis, existem cartéis que contam cooperativas entre

seus associados (por exemplo o cartel do ácido carbônico, o cartel dos moinhos). Em vista da onda de fusões dentro do cooperativismo, e de empresas influentes no mercado que com isso surgiram, as advertências sobre a limitação das possibilidades de concentração das cooperativas são pouco convenientes. Por isso deve-se advertir contra declarações generalizadas no sentido de que a mera existência das cooperativas dificulta a ação de cartéis e outras formas de limitação à competição.

TRANSPARÊNCIA DE MERCADO

Outra função considerada político-competitivamente bem-vinda, das cooperativas, é a melhoria da transparência de mercado. Informações de mercado mais extensas poderão contribuir para um abastecimento melhor e mais barato em mercados multipolares; especialmente quando tais informações estão igualmente disponíveis a ambos os lados do mercado. Mas quando as atividades cooperativistas se dirigem a mercados oligopolares, informações rápidas sobre os procedimentos competitivos de ofertantes ou compradores individuais geralmente provocam reações imediatas das concorrentes, e com isso as vantagens obtíveis por quem toma a dianteira são logo aplanadas, e diminui drasticamente o interesse em procedimentos competitivos agressivos. A melhor transparência de mercado em mercados oligopolares com produtos consideravelmente homogêneos, usualmente não leva a uma competição mais acirrada. Quando a atividade cooperativista melhora a transparência em mercados oligopolares — usualmente para apenas um dos lados do mercado — não se pode deduzir de imediato que haverá efeitos político-competitivos desejáveis.

FORÇAS CONTRÁRIAS

A concentração externa de empresas — em proporção muito menos ao crescimento interno de empresas e às alterações tecnológicas — fez muito nos últimos decênios o número de empresas com domínio no mercado aumentasse consideravelmente. Frequentemente se pergunta se esta situação de mercado deveria ser controlada mediante a formação de forças contrárias, mencionando-se também as cooperativas como instrumentos para contrabalançar o domínio do mercado.

Discussões detalhadas e experiências práticas demonstraram que o princípio da força contrária é inadequado como contribuição para a solução do problema do domínio do mercado. Nesta oportunidade podemos fazer apenas algumas

observações fragmentárias: uma força de mercado contrabalante, contrariamente às primeiras esperanças de J. K. Galbraith, não se forma automaticamente. A extensão da força de mercado de uma empresa altera-se continuamente com os processos competitivos e as condições conjunturais. Ocasionalmente, e de forma passageira, pode ser estabelecida conscientemente uma força compensadora. Mas uma pequena preponderância de uma das partes pode ser aproveitada abusivamente, de forma que o princípio da força contrária não permite soluções satisfatórias. A força contrária de mercado amiúde se mostra instável. Além disso, em muitos casos de concentração vertical de grandes empresas, a formação de forças contrárias dignas de menção é possível. O trabalho de organização limitado de alguns grupos de produtores, mas especialmente o dos consumidores, geralmente impede a concretização do princípio da força contrária, o que facilmente colocará tais grupos em desvantagem. Acresce que a força pelo tamanho (grandes uniões mistas de companhias, sem apreciável força de participação no mercado) não pode ser combatida pela força contrária de mercado. Devemos ainda observar que uma das críticas transcendentais é a de que a sistemática submissão ao poder, de toda a economia, contrariando estritamente o objetivo da liberdade econômica, amplamente excluiria a competição, e com isso também infringiria a meta do constante melhoramento do abastecimento do mercado. As cooperativas, como instrumentos de uma força de mercado compensadora, não correspondem aos objetivos da política competitiva. O controle efetivo e a limitação do poder existente, e as medidas que evitem a formação de novas forças dominantes, nestas circunstâncias são mais eficazes do que os incentivos estatais para a formação de forças contrárias de mercado.

FOMENTO DO PROGRESSO

A opinião de que a fundação de cooperativas em mercados multipolares, e os extensos oligopólios assim formados, favoreçam as inovações, parte de suposições empiricamente refutadas. As inovações importantes não ocorrem principalmente por conta das grandes empresas, conforme ficou demonstrado em pesquisas especiais nos Estados Unidos, e tampouco se verifica uma mais rápida difusão das inovações em mercados oligopolares do que nos multipolares. Isso se aplica também às coligações cooperativistas. São duvidosas as deduções de Kantzenbach, baseadas apenas em determinadas formas de mercado, especialmen-

te porque não são levados em considerações as transformações dinâmicas das formas de mercado, a extensão da concorrência potencial sobre o processo competitivo e o efeito de outros componentes da estrutura de mercado sobre a competição. A tentativa monocausal de explicação de Kantzenbach evidentemente faz insuficiente justiça aos processos reais de mercado. O progresso técnico não é a consequência automática de uma consciente oligopolarização de mercados. As transformações das formas de mercado por si só não produzem empresários criativos. É antes admissível, como mostrou Fléischmann, que a oligopolarização de mercados, pela formação de cooperativas, possa reduzir a expectativa de lucros de pequenos empresários. Não se pode dizer de forma generalizadora até que ponto empresários criativos estão dispostos a participar da direção de cooperativas integradas e a promover inovações em empresas associadas dirigidas de forma conservadoras (o que teria efeitos incentivadores da competição).

EMPREGO COORDENADO

O cooperativismo produz consequências limitadoras da competição principalmente através do comprometimento coletivo, mais ou menos acentuado, do emprego dos parâmetros de ação das empresas individuais nos mercados de abastecimento e de comercialização. Como estes comprometimentos na prática tomam os mais variados matizes, nuances e combinações, é impossível examinar em detalhe, nesta oportunidade, as consequências de tais comprometimentos. Por isso consideraremos os possíveis efeitos limitadores da competição, devido a redução da liberdade econômica pela política de negócios das cooperativas, apenas de acordo com suas tendências.

Todos os parâmetros de ação das empresas individuais em conjunto podem ser influenciados ou determinados, frequentemente o são, em maior ou em menor grau e em composição diferente, pelas cooperativas. Os contratos de fornecimento e a comercialização conjunta permitem a adoção de uma política sintonizada de volume e de preços. A negociação conjunta através de cooperativas de compras do comércio pressupõe — como é o caso também nos encadeamentos voluntários — certo comprometimento dos associados, relativamente à política de preços. Podem também ser recomendados certos procedimentos quanto a descontos, condições e serviços complementares, podendo os efeitos do comprometimento ser de intensidade variável. Os comprome-

timentos efetivos, de compras e de vendas, eventualmente limitam a livre escolha dos parceiros de negócios. Um associado só poderá subtrair-se a tais compromentimentos e limitações da liberdade individual de decisão, de intensidade variável, retirando-se da cooperativa quando ele tem condições de competir sem este apoio, ou quando pode associar-se a outra cooperativa. A competição entre as cooperativas pode ser reduzida ou eliminada mediante alocações de territórios e fusões. As cooperativas que ocupam uma posição dominante no mercado podem usar de procedimentos que são usualmente considerados como abuso do poder econômico. Esta relação das possíveis limitações da competição certamente está completa.

JULGAMENTO POLÍTICO

O quadro confuso que se obtém ao fazer a apreciação político-competitiva da atividade cooperativista provém essencialmente da circunstância de que a prosperidade dos associados pode ser promovida pela racionalização, o aproveitamento das vantagens da produção em massa, a exploração de melhores oportunidades de compra, e a implantação de melhores táticas de comercialização, como pela investida através da competição, semelhantes aos cartéis. Por esse motivo não se pode fazer asserções simplistas no sentido de que "as" cooperativas em geral limitam ou promovem a competição. O objetivo principal desta resenha, sem dúvida ligeira e falha, sobre os efeitos político-competitivos do cooperativismo, era o de mostrar que só se pode fazer um julgamento suficientemente seguro e fidedigno mediante a análise sistemática de cada caso concreto. Como ficou demonstrado, de forma alguma é suficiente partir de forma de mercado e sua alteração pela atividade cooperativista. Antes devem ser considerados na apreciação político-competitiva, todos os componentes da estrutura de mercado e os procedimentos cooperativistas concretos. Sob este aspecto não existe contradição quando o legislador, de um lado, possibilita e promove o cooperativismo com medidas legislativas, e de outro lado combate o cerceamento da competição e só o admite sob determinadas circunstâncias. Em regra o cooperativismo não produz efeitos exclusivamente de promoção ou de cerceamento da competição. As cooperativas devem observar e cumprir os regulamentos básicos da competição, da mesma forma como os demais tipos de empresas.

As cooperativas são formas de cooperação através das quais se procura alcançar os objetivos das empresas individuais.

O VEGETARIANO VIVE MELHOR

Artigo de importante atualidade médica foi publicado pelo "The New York Times", assinado pela jornalista Patrícia Wells, que ouviu médicos especializados e nutricionistas, para formar sua própria opinião.

Relatando sua pesquisa, ela começou dizendo que o regime macrobiótico (vegetariano) enfrentou até há poucos anos um problema de imagem. A própria Associação Médica Americana chegou a condenar a macrobiótica em 1971, rotulando de "um problema ainda maior de saúde pública". E tanto quanto a Associação Médica, numerosos nutricionistas amaldiçoaram-na como uma praga nociva e perigosa.

Hoje, porém, revela a jornalista, muita gente está pensando o contrário. Até mesmo ferrenhos adversários de ontem estão aceitando o regime, como salutar.

O dr. Frederick W. Stare, nutricionista da Universidade de Harvard, por exemplo, antigamente um dos mais ferozes adversários da macrobiótica, disse recentemente que dieta macrobiótica, como a conhecemos nos últimos três ou quatro anos, é saudável.

No início, o dr. Stare — como a maioria das pessoas — acreditava que praticar a macrobiótica significa não comer mais nada do que arroz integral. Na realidade, a macrobiótica é apenas equilíbrio, balanço. De maneira estrita, não é nem mesmo uma dieta, mas uma forma de viver que enfatiza a importância da dieta e de equilibrar os alimentos para alcançar "saúde e felicidade". Não existem alimentos macrobióticos, mas princípios macrobióticos. O termo macrobiótico vem do grego macro (grande) e bios (vida). Os princípios básicos, popularizados pelo japonês George Osahwa, incluem comer alimentos integrais retirados do próprio ambiente em que a pessoa vive, o afastamento gradual dos alimentos altamente refinados e processados industrialmente, dos laticínios e do açúcar.

Mas, afinal, o que comem os adeptos da macrobiótica? Uma grande quantidade de cereais integrais, de vegetais. Sal, óleos vegetais e molho de soja são os condimentos usuais e peixe, aves, mariscos e frutas são comidas de tempo em tempo.

Embora a dieta dificilmente possa ser considerada convencional, está muito mais perto do que os especialistas definem como ideal do que alimentação típica do cidadão urbano atual, rica em açúcar, alimentos industrializados e gorduras animais. "Como a vejo hoje em dia, a macrobiótica não é muito diferente de uma dieta vegetariana típica", disse o dr. Stare em recente entrevista. Quem a pratica diminui sensivelmente o próprio peso, simplesmente reduzindo a absorção de gordura. Em média, as pessoas hoje retiram 40% da gordura que consomem da carne. E todo mundo sabe que a carne não é necessária".

O dr. Edward H. Kass, professor de medicina da Escola de Medicina de Harvard, estudou grupos de adultos que aderiram à macrobiótica e revelou que encontrou "níveis de pressão sanguínea extremamente

baixos e taxas de colesterol incrivelmente reduzidas". E explicou: "Tentamos descobrir outras razões que tivessem levado a tais resultados, mas percebemos que a meditação não importava, o fumo não significava nada e o sal adicional na dieta nada representava".

Assim, por que tanto alarido à respeito da macrobiótica? A maior controvérsia vem do que foi geralmente chamado de "dieta do arroz integral", um regime no qual se come nada além disso e pequena quantidade de líquidos. Tornou-se conhecida também como "Dieta nº 7" desde que Oshawa recomendou a seus seguidores que gradativamente simplificassem sua alimentação, reduzindo a absorção de alimentos animais e produtos altamente industrializados. De acordo com os modernos defensores da macrobiótica, a controversa dieta do arroz integral nunca foi realmente entendida pelo público ou pelos muitos jovens que tentaram segui-la. Entrevista com nutricionistas, clientes e adeptos da macrobiótica revelaram que ninguém a praticará estritamente nem conhecia alguém que a tivesse seguido fielmente.

"Como pode uma dieta que envolve apenas arroz integral e chá, encher 12 livros de culinária?", pergunta Annemarie Colbin, que segue os princípios macrobióticos desde a década de 60 e atualmente ensina a cozinha de alimentos naturais em seu apartamento em Nova Iorque. O problema, sugere ela, nasceu de uma falsa interpretação cultural e da tendência do homem de hoje em aceitar novas dietas sem questioná-las: "Acho que muitas pessoas jamais se incomodaram em dar uma olhada na filosofia como um todo, simplesmente escutaram em algum lugar que comer apenas arroz integral e nada mais era saudável. Nunca pararam para pensar no que estavam fazendo a si mesmas".

Annemarie Colbin dá suas aulas de acordo com os princípios macrobióticos mas não gosta de usar o termo, consciente de que assusta e confunde as pessoas. "Não pretendo converter o mundo", garante. "Mas gostaria que as pessoas soubessem que uma mudança na dieta pode mudar também a forma como se sentem. Não se trata de uma questão de carne ou não carne, mas de saber de que somos responsáveis por nossa própria saúde".

Os princípios macrobióticos, oriundos de uma antiga filosofia, sustentam que tudo na vida é um balanço entre forças do yin e do yang. Embora nenhuma delas seja encarada como má em si mesma os seguidores da macrobiótica procuram um equilíbrio de cinco partes de yin para uma de yang. Isso na vida em geral e, naturalmente, na dieta. Os alimentos yin incluem vegetais, cereais, sementes e ervas do mar. Na vida, elementos expansivos, leves, espirituais, são classificados como yin. Os animais e seus produtos, são yang — como sal, peixes e aves. Na vida, as ações que condensam são quentes, pesadas, materiais, representam o yang. A filosofia sugere que os extremos devem ser evitados, razão pela qual o açúcar — extremamente yin — e a carne — extremamente yang — são banidos da dieta.

Muitas pessoas, como Bill Dufty, voltaram-se para

a filosofia e para a dieta quase em desespero: "Eu estava com 47 anos, pesava mais de 120 quilos e sentia-me péssimo", diz Dufty. Parecendo pelo menos 10 anos mais jovem do que os 62 que tem agora, ele explica que "depois de tentar tudo da cozinha francesa a seja lá o que for", encontrou uma resposta na macrobiótica: "Minha dieta foi ficando cada vez mais simples, fui perdendo peso e sentindo-me cada vez melhor".

Dufty é jornalista e autor de livros tão diversos quanto Lady Sing The Blues, a biografia de Billie Holiday, e Sugar Blues, um testemunho da mudança drástica que ocorreu em sua vida com a descoberta da macrobiótica. É casado com Glória Swanson, ela mesma uma defensora da alimentação saudável. Frequentemente o casal viaja pelo Estados Unidos e pelo mundo, hospedando-se em hotéis que tenham kitchenettes nos quartos nos quais possam preparar sua comida do jeito que gostam. "As pessoas", diz Dufty com uma gargalhada, "tem idéias estranhas a respeito de nossa dieta. Quando temos convidados para jantar, eles acreditam que não vão comer nada mais do que um prato cheio de asas de colibri e tomar canecas e mais canecas de chá".

Na realidade, um jantar típico da dupla Dufty-Swanson inclui pão integral, brotos, pepinos e cebola, sopas, torta de soja e, é claro, arroz. Como quase todo mundo, Dufty admite ocasionais escorregadelas, geralmente na área dos pães: "O problema com a comida de hoje em dia é que a abundância é enorme. Nada mais é considerado prejudicial pelas pessoas". As escorregadelas ocasionais de Dufty podem ser um ou outro faisão vindo da fazenda de um amigo, uma taça de champanhe aqui e ali, vez outra um copo de vinho.

Já para Richard Price, outro nova-iorquino da macrobiótica, as escorregadelas incluem principalmente um sorvete mas muito raramente. Em 1968, Price, também levado a macrobiótica pelo desespero, pesava mais de 130 quilos, além de sofrer de uma infecção renal. Da mesma forma como Dufty, passou por todas as dietas que se possa imaginar antes de chegar à macrobiótica: "Eu comi somente uvas durante duas semanas. Segui a dieta de Adelle Davis. Tentei o sistema de alto nível de proteínas, antes de ler alguma coisa sobre Oshawa". Hoje, ele ri dos extremos a que chegou, no passado.

Price abandonou seu emprego de professor em Cleveland, foi para a Europa e lá estudou a cozinha macrobiótica: "Na época eu ainda não sabia muita coisa a respeito do assunto, mas minha transição foi gradual". De volta aos Estados Unidos, começou a cozinhar e desde 1973 é chefe do "East-West", restaurante de orientação macrobiótica no Greenwich Village. "Os puristas não só chamariam de macrobióticos", diz Price, "porque servimos peixe, temos laticínios. Mas quando se quer atingir uma faixa bem ampla de público é necessário oferecer tudo isso. Não se pode exigir de um sujeito acostumado a bife-com-fritas que entre aqui pela primeira vez e se ponha a comer somente croquetes de soja".

Na realidade, não existem propriamente alimentos macrobióticos, da mesma forma que não há uma cozinha macrobiótica. O que existe são alimentos "favoritos", como cereais, sementes e vegetais. O resto é folclore.

O FLUOR E A CÁRIE

E. Carlan

A preocupação em relação a grande, e mesmo enorme, incidência da cárie dentária na população de todo o mundo, tem levado cientistas e profissionais em geral das mais diferentes nacionalidades, procederem experiências visando diminuir os efeitos da mesma. Experiências e comprovações cientificamente conduzidas levaram a conclusão de que aqueles dentes cujo esmalte continha uma determinada quantidade de "flúor" eram praticamente imunes a cárie. Esta descoberta foi levada ao conhecimento de todos os setores ligados à saúde pública e nos diversos congressos, em reuniões que se tem realizado. A partir

de então, tem se dado ênfase, aconselhado o emprego do "flúor" no combate a cárie. Estudos e trabalhos posteriores elegeram as seguintes modalidades para o emprego do flúor visando aquela finalidade: em primeiro lugar, por ser mais prática, mais econômica e por atingir, sem distinção, grande parte da população, seria escolhida a utilização de sais de flúor na água distribuída à população; em segundo lugar a ingestão de medicação contendo sais de flúor; e em terceiro lugar a aplicação de sais de flúor diretamente sobre os dentes. A primeira maneira seria a de maior eficiência, pois atingiria toda população, todas as faixas

etárias seriam beneficiadas; mais prática, menos trabalhosa e de menos custo para a população, embora onerosa para os poderes públicos.

No caso de ser usado em medicação para ser ingerido, o mesmo deve ser recomendado inclusive para a mãe em gestação e a criança deve usar medicação contendo o elemento desde os primeiros anos, mas sempre com orientação do profissional, pois dosagem em excesso causa efeitos colaterais que devem ser evitados. O flúor, para ter efeitos imunizantes, deve ser integrado no esmalte dentário; razão pela qual o mesmo deve ser administrado durante a formação dos dentes, e, como a dentição começa se formar ainda na vida intrauterina e se desenrola por

vários anos encerrando o ciclo por volta dos 12 anos, compreende-se a razão pela qual dizemos ser esta modalidade custosa e de difícil execução e controle. A terceira modalidade, ou seja, a aplicação tópica, pode ser feita pelo dentista e através do uso de dentifrício contendo "flúor". Com relação aos cremes dentais, infelizmente devemos confessar que não dispomos de nenhum dentifrício que contém, comprovadamente, flúor na porcentagem indicada. A aplicação tópica feita pelo profissional deve ser precedida de limpeza completa de todos os dentes. Além disto todas as superfícies de todos os dentes devem estar perfeitamente secas e sem o que o flúor não terá condições de penetrar nos interstícios do esmalte dos dentes. Ainda mais, a

medicação contendo o flúor deve permanecer em contato com os dentes, mais de 5 minutos e sem contato da saliva. Como se vê, não é técnica fácil, principalmente, quando tentada em crianças de pouca idade, que é o caso quando tentamos utilizar para imunização dos dentes deciduos (leite). A técnica recomendada aconselha ainda três aplicações com intervalo de 30 dias; a reaplicação após um ano, ou toda vez que erupcionar (nascer) um novo dente, quer seja decíduo quer seja permanente. A condição primeira, para a aplicação tópica do flúor, é que não haja cárie em todos os dentes; isto pressupõe o tratamento conservador completo e correto de todos os dentes antes de se dar início ao tratamento imunizador pelo flúor.

CARTA DO ÍNDIO: UM POEMA AO HUMANISMO E À VIDA

Em abril de 1975 o COTRIJORNAL publicou uma tradução resumida da carta do cacique Seathl, da tribo Suwamish, estado de Washington, ao presidente dos Estados Unidos. Tendo em vista a passagem do Mês da Árvore, em setembro, que culminou com a realização do I Simpósio Nacional de Ecologia, realizado em Curitiba, voltamos a apresentar a carta do Cacique. Desta vez porém, na sua íntegra, numa tradução de Irina O. Bunning, conforme foi distribuída pela ONU (Programa para o Meio Ambiente). Trata-se, sem dúvida, de uma séria advertência numa carta-documento que deve ser meditada por todo aquele que tenha um mínimo de sensibilidade e respeito pela vida. O texto é o seguinte:

"Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?

Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta bela terra, pois ela é mãe do homem vermelho. Somos parte desta terra e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia, são nossos irmãos. Os picos rochosos, os sulcos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro, e o homem — todos pertencem à mesma família.

Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós. O Grande Chefe diz que nos reservará um lugar onde possamos viver satisfeitos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, nós vamos considerar sua oferta de comprar nossa terra. Mas isto não será fácil. Esta terra é sagrada para nós.

Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhe vendermos a terra, vocês devem lembrar-se que ela é sagrada, e devem ensinar às suas crianças que ela é sagrada e cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhe vendermos nossa terra, vocês devem

lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos, e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicam a qualquer irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga e quando a conquista, prossegue o seu caminho. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e os direitos de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como carneiros ou enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra deixando somente um deserto.

Eu não sei, nossos costumes são diferentes dos seus. A visão de suas cidades fere os olhos do homem vermelho. Talvez seja porque o homem vermelho seja um selvagem e não compreenda.

Não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lugar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas na primavera ou o bater das asas de um inseto. Mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreendo. O ruído parece somente insultar meus ouvidos. O que resta da vida se um homem não pode ouvir o choro solitário de uma ave ou o coaxar dos sapos ao redor de uma lagoa, à noite? Eu sou um homem vermelho e não compreendo. O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago, e o próprio vento, limpo por sua chuva diurna ou perfumada pelos pinheiros.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham do mesmo sopro, o animal, a árvore, o homem. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias, é insensível ao mau cheiro. Mas se vendermos nossa terra ao homem branco, ele deve lembrar que o ar é preciso para nós; que o ar compartilha de nosso espírito com toda a vida que mantém. O vento que deu a nosso avô o seu primeiro alento, também recebe o seu último suspiro. Se lhe vendermos nossa terra, vocês devem mantê-la intacta e sagrada. Como um lugar onde até mesmo o homem branco possa ir saborear o vento açucarado pelas flores dos prados.

Portanto, vamos meditar sobre sua oferta de comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo qualquer outra forma de agir. Vi um milhar de búfalos apo-

drecendo na planície, abandonados pelo homem branco que os alvejou de um trem ao passar. Eu sou um selvagem e não compreendo como é que o fumegante cavalo de ferro pode ser mais importante que o búfalo que sacrificamos somente para permanecer vivos.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo.

Vocês devem ensinar às crianças que o solo de seus pés é a cinza de nossos avós. Para respeitarem a terra, digam a seus filhos que ela foi enriquecida com a vida de nosso povo. Ensinem às suas crianças o que ensinamos às nossas, que a terra é nossa mãe. Tudo o que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspidos em si mesmo.

Isto sabemos: a terra não pertence ao homem: o homem pertence à terra. Todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo.

O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida: ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fará ao tecido, fará a si mesmo.

Mesmo o homem branco, cujo Deus caminha e fala com ele de amigo para amigo, não pode estar isento do destino comum. É possível que sejamos irmãos, apesar de tudo. Veremos. De uma coisa estamos certos — e o homem branco poderá vir a descobrir um dia: nosso Deus é o mesmo Deus. Vocês podem pensar que o possuem, como desejam possuir a terra; mas não é possível. Ele é o Deus do homem, e Sua compaixão é igual para o homem vermelho e para o homem branco. A terra lhe é preciosa, e feri-la é desprezar o seu criador. Os brancos também passarão; talvez mais cedo que todas as outras tribos. Contaminem suas camas e suas noites serão sufocadas pelos seus próprios dejetos.

Mas quando de sua desaparecimento, vocês brilharão intensamente, iluminados pela força de Deus que nos trouxe a esta terra e por alguma razão especial lhe deu o domínio sobre a terra e sobre o povo vermelho. Esse destino é um mistério para nós, pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos domados, os recantos secretos da floresta densa impregnados do cheiro de muitos homens, e a visão do morro obstruída por fios que falam. Onde está o arvoredo? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu. É o final da vida (Tradução — Irina O. Bunning)".

O BICHO HOMEM PEGA MATA E COME

Nos arredores da cidade paulista de Sorocaba, um grupo de rapazes disputava uma partida de futebol. Num determinado momento, todos viram com surpresa a presença no campo de um veado que se precipitou go-lo a dentro, ficando aprisionado na rede. O pequeno animal, que fugia de uma matilha de cães de caça, talvez por um momento se sentisse agora em maior segurança, pois os bicho-homem que via, ao contrário dos cães

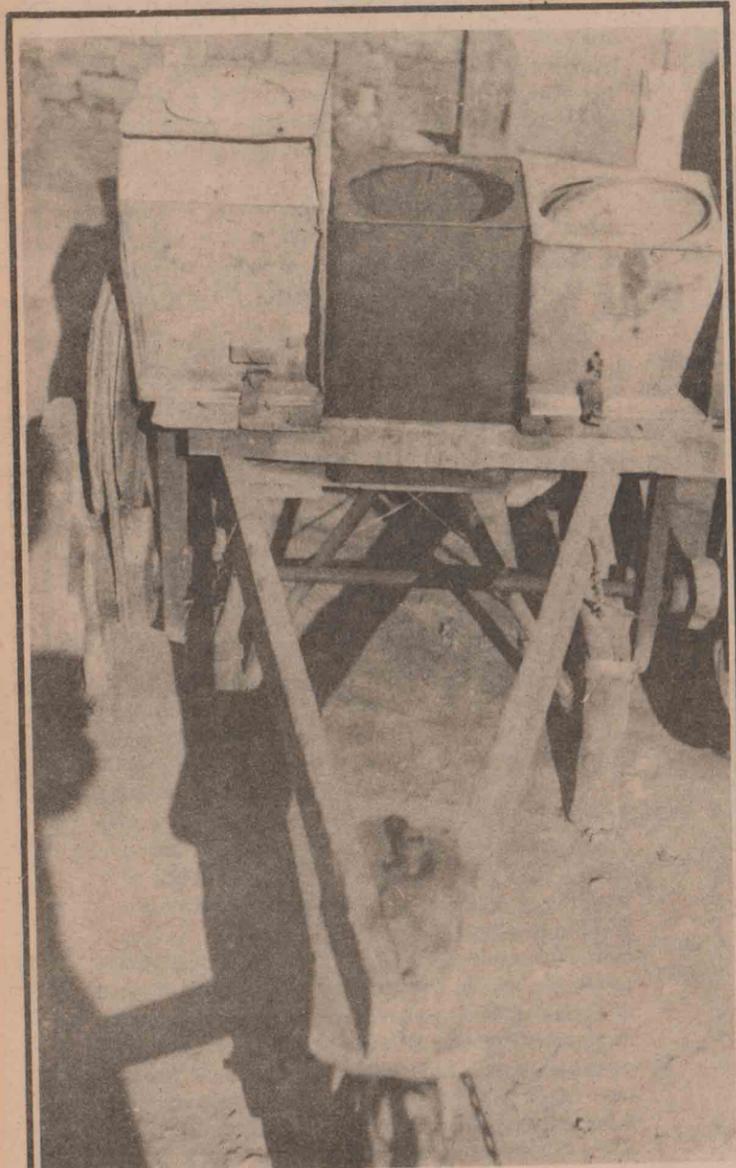
que o perseguiam, pelo menos não latiam...

Ledo engano. A rapaziada, tão logo se refez da surpresa, precipitou-se para o animalzinho, trucidando-o a socos e ponta-pés, matando-o inapelavelmente. A seguir carnearam-no, assaram e comeram.

Os rapazes participantes do festim diabólico estão sendo processados pela Justiça Pública de Sorocaba. Talvez sejam presos. O mais certo é que sejam condenados a pagar

uma simples multa. Quanto a nós, não sabemos o que mais lamentar em face desse triste espetáculo de sangue: se a ignorância e insensibilidade com que este País encara a ecologia ou se a miséria refletida pela fome crônica que reside no estômago de grandes parcelas da população que vive marginalizada nos arredores das grandes cidades brasileiras. É como diz a música popular: "Carcará é o bicho homem, pega, mata e come..."

AGRICULTOR IJUIENSE CONSTRÓI A SUA PLANTADEIRA-ADUBADEIRA



Detalhe da plantadeira, podendo se ver as três latas velhas. A lata do centro é para o adubo, enquanto as das extremidades são para a semente.

Você ainda não tentou descobrir o gênio que vive em seu cérebro? Experimente, não custa nada tentar. Quantos geniais descobridores do passado eram cidadãos simples e obscuros até a véspera de suas invenções? Nesta reportagem não mostramos nenhum gênio, mas um cidadão simples que um dia botou a cabeça para funcionar e encontrou a solução para um problema que enfrentava. Você não quer tentar? Faça a prova! Experimente!

Quando a imaginação do homem é posta em ação, são menores os problemas do próprio homem. Quantas soluções para pequenos problemas cotidianos seriam encontradas se dedicássemos ao menos alguns minutos por dia para resolvê-los? Muitas vezes nossas dificuldades não estão nos problemas em si mas na maneira com que olhamos e encaramos aquilo que consideramos problemas.

Contam que certa vez um cidadão estava com o automóvel quebrado à beira da estrada e sem solução para um problema que ele considerava insolúvel. Tinham quebrado os quatro parafusos de uma roda. Até que chegou outro e aconselhou-o a tirar um parafuso das demais rodas com o que ficaria consertada, ao menos temporariamente, a roda quebrada. A solução, como se vê, era bastante simples, mas o cidadão não se apercebera dela.

Pensar, raciocinar, ser criativo, está dentro das possibilidades de cada um de nós. Esse raciocínio foi exposto à reportagem do COTRIJORNAL pelo agricultor Siegfried Kraemer, associado da COTRIJUI, residente na localidade de Barreiro, interior de Ijuí.

Ele conta que há alguns anos passados, estando com dificuldades de dinheiro, inclusive com doença na família, chegou a conclusão que precisava fazer muita economia para poder sobreviver. Trabalhando em apenas 20 hectares, com mulher e quatro filhos pequenos, enfrentava muitos problemas. A terra, que era muita para ser trabalhada sozinho, era pequena para justificar mecanização. Que fez Siegfried Kraemer? Alugou trator para lavrar, gradear e cultivar seus 20 hectares? Não! Se fizesse assim — diz ele hoje — não me sobraria nada, ou quase nada.

ARADO DE AIVECA E JUNTA DE BOIS

A solução a que chegou Siegfried Kraemer foi amansar uma junta de bois para a canga. Pouca terra se trabalha dentro da economia familiar, disse para o repórter, "pois quando a água bate nos queixos, o jeito é aprender a nadar".

No começo, plantava milho com a mão. Mas depois veio a soja, que precisava de máquina plantadeira. E aí não deu mais. Não podia comprar plantadeira mas precisava de uma. "O jeito foi botar a cabeça para trabalhar". Um dia, deu o estalo. Fazer uma plantadeira. E o que é a

plantadeira de Siegfried Kraemer?

Duas ripas fortes em "V", uma tábuinha atrás, três latas velhas, dois pincéis estreitos, três rodas dentadas e um balancin para atrelar o cavalo e está pronta uma plantadeira-adubadeira com capacidade para plantar dois hectares de soja por dia, conforme a densidade recomendada pelos técnicos.

E quanto custou para o seu Siegfried essa plantadeira-adubadeira? Nada. Quer dizer, custou meio dia de trabalho para prepará-lo.

COM SIEGFRIED KRAEMER É TUDO A MODA ANTIGA

Ele faz questão de dizer que na sua lavoura não entra herbicida. Inço é na base da canga. Primeiro se dá uma passada com a capinadeira puxada a cavalo, depois, perto da planta, se retoca com enxada. Minha lavoura é bem limpa. "Olhe, não é para me gavar, mas até os fiscais do Banco do Brasil ficam admirados da limpeza da minha lavoura. E é tudo na moda antiga".

Seu Siegfried Kraemer só aluga máquina para colher soja. No mais, é tudo manual ou tração animal.

Além dos 20 hectares de soja que planta todos os anos, planta mais um hectare e meio com milho, feijão-preto e outros cultivos de subsistência. Tem vacas de leite para consumo e cria outros animais domésticos. "Assim — diz ele — dá para ir vivendo, senão é brabo".

12 MIL CRUZEIROS DE ECONOMIA POR SAFRA

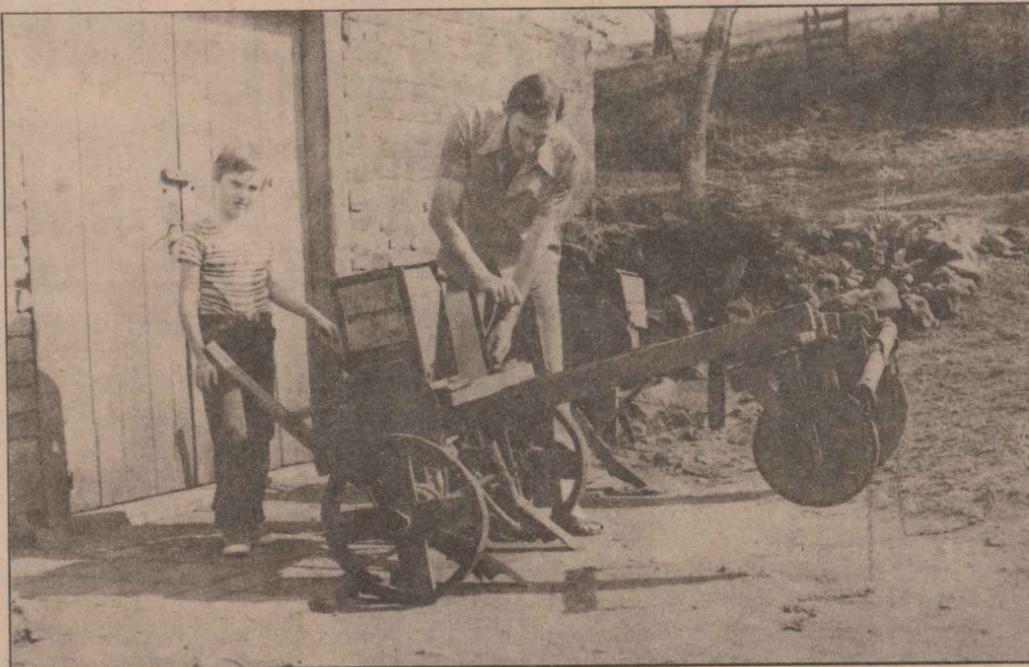
Sem planejamento — diz o seu Siegfried — não é possível produzir em pouca terra com sobras para viver. Ele está convencido que é preciso tomar muito cuidado com as compras desnecessárias, pois o comércio está aí para atender. Mas ele chegou a conclusão que a mercadoria, quando está na vitrina, é sempre mais bonita.

Ao finalizar suas declarações ao COTRIJORNAL, disse o sr. Siegfried Kraemer que só pelo fato de lavrar a terra com bois e fazer o plantio com a maquininha de sua invenção, que também é tração animal, economiza de 10 a 12 mil cruzeiros por cada safra.

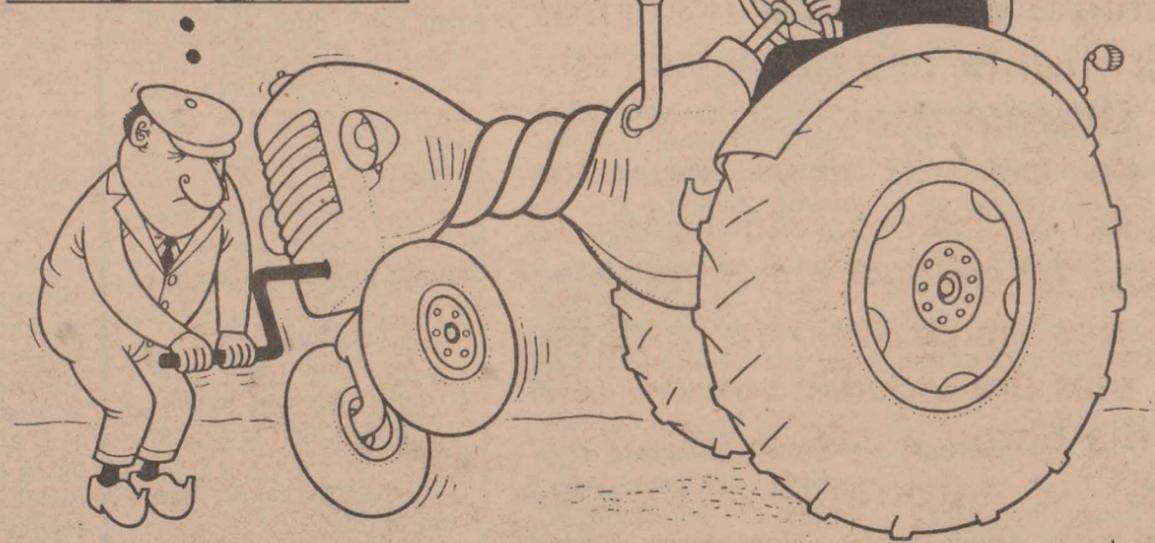
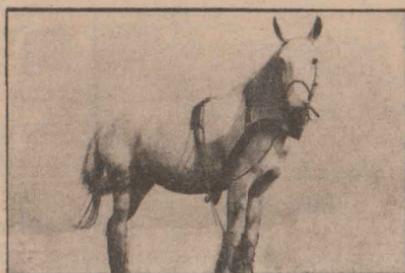
Leia na página três o editorial intitulado AGRICULTOR! SEUS 20 HECTARES DE SOJA VALEM APENAS UM TRATOR DE 44 HP. VOCÊ COMPRA?



Apesar da rusticidade de máquina feita a facão, como diz o seu Siegfried, é tão leve e maneável que pode ser operada até sob o controle de uma criança.



Na lavoura de Siegfried Kraemer é tudo à moda antiga. Lá não entra herbicida e é tudo na base da tração animal.



Não será chegada a hora do pequeno produtor começar a pensar na volta da tração animal?

232/DB. © '70

W. Beck

VIL MENTAL

Luís Fernando VERÍSSIMO

— Em termos freudianos, o dinheiro . . .
 — Você esquece que eu não sou freudiano.
 — Certo, certo. Desculpe, doutor.
 — Não peça desculpa.
 — Está bem. Desculpe.
 — Depois de um mês de análise, você continua com esse bloqueio em relação a mim. Esse medo.
 — Não, medo não. É que . . .
 — Até hoje você recusa a deitar com medo de sujar o divã com os pés. Eu já disse que você pode tirar os sapatos.
 — É que eu tenho . . . Não sei como seria o termo psicanalítico. Chulé.
 — Então recoste-se e fique com os pés no chão.
 — Pode manchar. Tenho o cabelo meio oleoso . . .
 — É por isso que você está aqui.
 — Não. Uso um shampoo especial que me . . .
 — Pelo cabelo oleoso não. O seu cabelo não vai deixar manchas no divã. Você provavelmente não tem chulé. Você está aqui justamente porque tem essa compulsão a se rebaixar, a se achar objeto, sujo. Indigno. Relaxe.
 — Eu estou relaxado. Perfeitamente a vontade.
 — Então não fique aí de pé. Sente-se!
 — Será que a cadeira . . .
 — Você não vai sujar a cadeira. Sente.
 — Obrigado. Desculpe. Epa, disse outra vez. Desculpe . . .
 — Você é uma pessoa normal. Bem vestida. Limpa. Convença-se disso.
 — É que você não viu meu umbigo. Passo meses sem limpar o umbigo.
 — Páre.
 — Sim, papai.
 — Por que você disse isso?
 — Isso o que?
 — Você me chamou de "papai".
 — Chamei? Puxa. Desculpe! Eu . . .
 — Calma. Tudo bem. Fique sentado. Isso é normal. Transferência. Acontece seguido. Uma identifi-

cação do analista com a figura paterna. Talvez explique a sua resistência a mim. Seu pai era obviamente autoritário. Exigia muito de você. Você temia não satisfazer as suas exigências. Por isso você se considera desprezível. Você aceitava tudo que ele dizia sobre você sem questionar. Estou certo?
 — Se você não diz, então é.
 — O que você ia falar sobre o dinheiro?
 — É que o dinheiro, no subconsciente, a gente sempre liga com coisa suja, com porcaria, não é? Li isso em algum lugar. Mas devo ter lido errado.
 — Não. Isso faz parte da ortodoxia freudiana mas ainda é geralmente aceito. A identificação do dinheiro com excremento, por exemplo. É um fato. Por que você levantou essa questão?
 — Não sei, eu . . . Já está na hora.
 — Volte aqui. Ainda falta meia hora. Você é filho único. Herdou o negócio de seu pai. Que negócio é?
 — Perfumaria.
 — Hmm Interessante. A dualidade é evidente. Você teme decepcionar seu pai à frente do negócio. Não decepciona, o negócio prospera e você ganha dinheiro. Mas o dinheiro é sujo. Acumulando dinheiro, você teme se tornar mais desprezível aos olhos do pai onipresente. Certo?
 — Tudo o que o senhor disser.
 — Já sei como encaminhar a análise. O dinheiro é a chave de tudo. É, ao mesmo tempo, sinal de que seu pai pode se orgulhar de você, pois o negócio de perfumaria é um sucesso, e o símbolo de sua autorepulsão. As duas compulsões — a de satisfazer o pai autoritário e a sua necessidade de se rebaixar são neuróticas e devem ser eliminadas. O caminho é fazer com que você deixe de dar qualquer valor, simbólico ou não, ao dinheiro. De acordo?
 — Se o senhor fica

satisfeito . . .
 — Agora, deite-se no divã.
 — Se sujar depois eu limpo.
 — Deite-se no divã!
 — Sim, pa . . . Sim senhor
 § § § §
 Seis meses depois.
 — Alô, papai!
 — Como é que você se sente?
 — Ótimo! Ótimo!
 — Por favor, tire os pés de cima da minha mesa. Você tinha que vir assim para a consulta?
 — Assim como?
 — Essa roupa, essa barba por fazer . . .
 — Mas eu estou limpo. Não parece, mas estou limpo, tomei banho ontem. Como é, vamos começar os trabalhos?
 — Temos que tratar de uma coisa, antes. Use cinzeiro, por favor. No tapete não.
 — Qual é, grande pai?
 — Você está me devendo um mês de consultas. Exatamente doze consultas. Assim não podemos continuar.
 — Me esqueci outra vez. Aliás, não vou mentir. Não tenho dinheiro.
 — Eu aceito seu cheque.
 — Pois é, você aceita mas o banco não aceita. Estou a zero.
 — Mas como?
 — Joguei tudo fora. Afinal, era só dinheiro. Me libertei dele. Aprendi isso com você, pupi. Dinheiro não quer dizer nada. É só papel sujo e eu hoje sou um cara limpo. Me curei do dinheiro e devo tudo a você.
 — Você me deve exatamente doze consultas. Sou um profissional e . . .
 — Papai!
 — Que foi?
 — Você não está satisfeito comigo, papai! Eu decepcionei você papai!
 — Calma, calma. Não é isso. É que . . .
 — Eu sou uma lesma! Um rato! Uma pústula! Vou para o divã!
 — O divã não! O divã não!

O SONÃO

João Roberto VASCONCELLOS

Foi em 1945.
 Pascoal Oliveira, que até os 15 anos foi carinhosamente chamado de Pascoalito e depois apenas Lito, sofreu uma violenta queda quando domava um cavalo.
 Bateu com a cabeça no chão e dormiu.
 Dormiu tanto que a família chamou o médico, o médico chamou outros médicos, os outros médicos chamaram os especialistas, que branquearam os cabelos e só não rasgaram seus diplomas porque o caso era de sono e não de loucura. O máximo que a junta médica conseguiu foi perder o sono.
 Só havia uma esperança. A idade, 24 anos.
 Um dia, ele acordou.
 Lito continuava dormindo.
 Veio o fantástico e mostrou o sonolento show da vida de Lito. Na segunda-feira, as pessoas tinham pena de Lito, que continuava dormindo.
 O corpo era mantido por um processo especial de alimentação, através de sondas. Só a mente está adormecida, há trinta e três anos.
 Numa dessas manhãs ensolaradas, dois enfermeiros arrastavam a cama de Lito para uma área, afim de tomar um banho de sol e, de repente:
 — Cuidado
 — Olha o degrau . . .
 — Segura
 — Pluft!
 Num tropeço, o corpo de Lito caiu e, batendo com a cabeça, acordou. Tonto e surpreso, com muita dor de cabeça, mas acordou.
 — Seguram o cavalo . . .
 — E atenção para esta notícia extraordinária!
 O Mundo inteiro, até quem não sabia da existência de Lito, ficou sabendo que ele acordou depois de dormir mais de trinta anos. Exatamente trinta e três anos, dois meses e quatro dias.
 Durante quinze dias, sua mente foi estudada. Sua cabeça foi radiografada. Depois, ele reaprendeu a caminhar e foi relembando o seu passado. Em pouco tempo, Lito já fazia perguntas:
 — E a guerra? Ganharam os aliados?
 — E o Getúlio?
 — Morreu!
 — E o . . .
 — Também.
 As notícias não paravam.
 Até em novela de televisão já pensavam em aproveitar o tema Dorminhoco, que já estava em livros, decalques, camisetas, etc.
 Surgiu a moda do pijama.
 Surgiu a moda do esquecimento total.
 Lito continuava perguntando:
 — De onde surgiu toda essa fumaça?
 — Vocês poluíram tanto assim?
 — E o repórter Esso?
 — E aquele rico mato de madeira de lei que havia ali?
 — Já chegaram na lua?
 — Transplante?
 — Defensivos agrícolas? — Eleição indireta? — Brasil tricampeão? perdeu em 50? — Revolução? — Depósito compulsório? — Imposto de renda? — Televisão colorida? — Bebê de proveta? — Senador Biônico? — Multinacionais? — Reforma agrária? — Ato institucional? — Vietname? — Tanga? — Satélite artificial? — Boleta? — E aí mataram o presidente? — Confisco cambial? — E agora estão importando carne? — Salário mínimo? — Esquadrão da morte? — Correção monetária? — Maré vermelha?
 — Lito! LARGA ESSE MARTELO.
 — Me chamem daqui a cinquenta anos. Tchau. Ah, Ah, Ah.
 TÓOOIINGGG!!!

A ORIGEM DO MILHO AINDA É UM IMPENETRÁVEL MISTÉRIO

Quem ainda não sentiu o prazer de saborear uma suculenta espiga de milho, cozida ou assada, não sabe o que é bom. Mas além de seu agradável paladar, o milho é riquíssimo em vitaminas, proteínas, gorduras, extratos diversos e sais minerais, que o transforma num dos alimentos mais ricos no campo dos vegetais. No artigo a seguir ocupamo-nos da história do milho, cuja origem continua desconhecida, e sua evolução como das plantas nobres na maior parte do mundo.

Nos últimos anos tem se falado muito na soja. Diz-se que é o sinônimo da fartura, o grão mágico, o pão da vida, e etc. E o milho, esse outro grão fabuloso, misto de pão, carne, leite, massa e víveres, cuja origem os pesquisadores de ciências naturais não conhecem, pois remonta à noite dos tempos?

O Suplemento de Cultura do jornal "O Estado de S. Paulo" publicou em sua edição de quatro de dezembro último, artigo com a assinatura de Ernesto Paterniani sobre o aparecimento do milho no Novo Mundo e sua evolução a partir de então.

Com licença do articulista, publicamos um resumo do importante trabalho jornalístico, pois consideramos de real interesse de nossos associados, principalmente aqueles que nunca deixaram de cultivar o cereal.

O milho é um produto do Novo Mundo. A primeira vez que o homem civilizado teve contato com essa planta foi no dia 5 de novembro de 1492. Nesse mesmo dia o homem civilizado conheceu outra planta que se tornaria o mais difundido vício e responsável por grandes prejuízos à saúde humana: o fumo (*Nicotiana tabacum*).

Na sua viagem em que descobriu a América, Colombo, ao chegar a ilha de Cuba, mandou alguns homens para o interior a fim de tomarem conhecimento do que havia na região. Entre outras coisas, eles encontraram um novo tipo de grão, do qual se preparava uma espécie de pão. Os índios chamavam esse grão com um nome que soava como "mais".

Da América, o milho foi para a Europa, passou a ser cultivado e se difun-

diu para outros continentes. Com o tempo, o milho passou a ser importante produto agrícola em países como a França, Itália, Rússia, Iugoslávia, Romênia, Hungria, e inclusive na China, em plena Ásia. Nos Estados Unidos e no México, é muito cultivado.

Tem havido algumas opiniões de que o milho tenha existido no Velho Mundo em épocas pré-colombianas. Entretanto, até hoje não existe nada que comprove o fato. Nunca se encontrou fósseis ou remanescentes de milho naquela região. Não existe também nenhuma referência sobre o milho nos antigos escritos chineses, no sanscrito, bem como na Bíblia. Algumas versões em português da Bíblia falam de milho, mas trata-se de tradução errada, pois no original refere-se ao milheto (*millet*) que é uma gramínea asiática que produz grãos redondos e pequenos (*Panicum millia-ceum*).

Os romanos e os gregos não tinham qualquer conhecimento do milho. Assim, os romanos e seus imperadores, além de inúmeras comodidades modernas, nunca tiveram a satisfação de saborear uma espiga cozida ou assada, bem como os variados pratos que se pode preparar com esse cereal.

É sabido que o homem, com o passar do tempo, tem se utilizado para seu benefício, de uma série de plantas e animais. Nesse processo o homem tem procurado, através da seleção e cruzamentos, alterar as formas originais. É amplamente reconhecido que o homem conseguiu domesticar animais selvagens, adaptando-os e domesticando-os ao ponto de hoje serem bem diferentes dos seus ancestrais. O mes-

mo tem ocorrido com as plantas, embora isso não seja tão facilmente percebido.

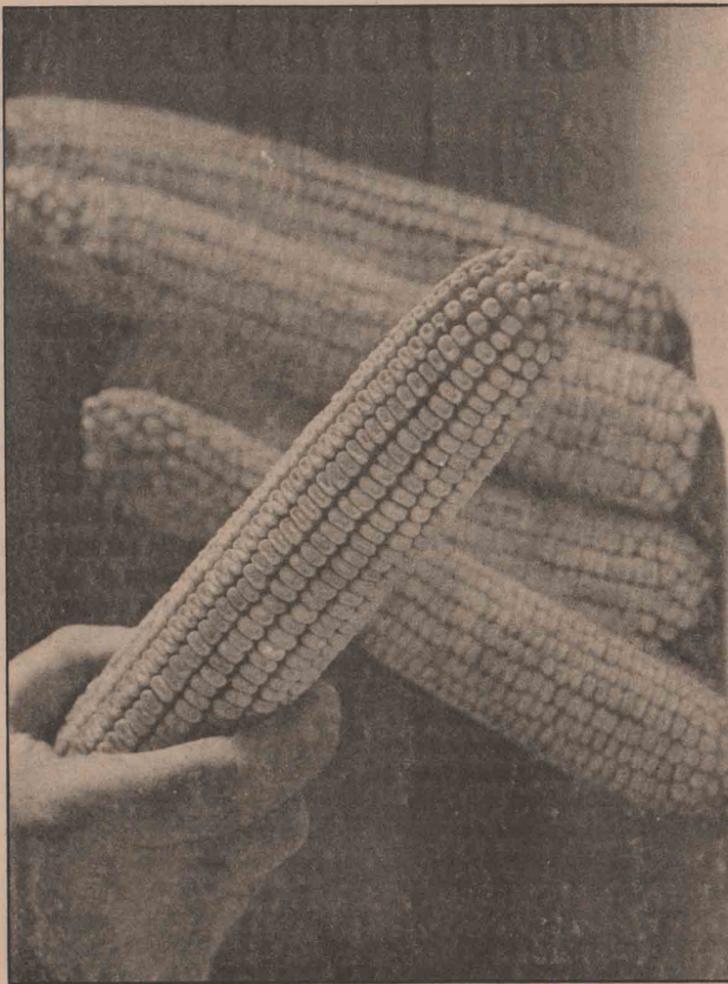
Mas o milho se destaca de todas as demais. É a espécie que atingiu o mais elevado grau de domesticação. Esse nível chegou a tal ponto que o milho perdeu completamente a capacidade de sobreviver por si só, na natureza.

Enquanto outras plantas cultivadas, se forem abandonadas à própria sorte, conseguem se "asselvajar", o milho só sobrevive quando cultivado pelo homem. É também a espécie cereal que apresenta a maior quantidade de raças e variedades, apesar de todos os milhos pertencerem a uma só espécie botânica, a *Zea mays*.

Quanto a origem do milho, continua ainda um mistério, a despeito dos inúmeros estudos que tem sido conduzidos com essa finalidade. Assim, por exemplo, comparações de taxonomia (parte da botânica ou da zoologia que se ocupa da classificação), nada ainda foi encontrado que mostrasse sua origem.

No entanto, estudos arqueológicos desenvolvidos no México e sul dos Estados Unidos, onde as condições climáticas permitiram a preservação de restos fósseis, tem revelado a antiguidade do milho da ordem de 8.500 anos. Existe inclusive um estudo de amostras obtidas em escavações na cidade do México, onde foram encontrados grãos de pólen idênticos aos do milho, sendo a sua idade estimada em 60.000 anos.

Os grãos de pólen possuem uma estrutura externa extremamente resistentes e que é facilmente preservada mesmo em condições adversas. A superfí-



cie de grãos de pólen possui saliências e reentrâncias de acordo com os padrões típicos de cada espécie, o que permite a identificação da espécie a que pertencem. Apesar das restrições apresentadas por cientistas a esse estudo, é possível que esses grãos de pólen pertençam ao ancestral

do qual se originou o milho.

No entanto, nada há ainda de absoluto sobre esse grão maravilhoso, de tantas e tão variadas utilidades na alimentação do homem e dos animais, pois sua origem no mundo vegetal persiste em denso mistério à luz da genética.

Nitrofoska Foliar o motor de toda boa colheita.

As plantas se alimentam muito bem pelas folhas e, quando bem alimentadas, produzem mais e melhor.



Nitrofoska Foliar-A
14 - 4 - 7 + Mg + Micronutrientes
Indicado para as culturas de: café, soja, algodão, citros, arroz, tomate, trigo, cevada, batata, videira, pessegueiro, macieira, pereira, ameixeira, morango, beringela, pimentão, melancia, melão, pepino, abóbora, abacaxi, banana, chá, fumo, orquídea, hortaliças novas em canteiros, hortaliças transplantadas, plantas ornamentais em canteiros e em vasos.

Nitrofoska Foliar-B
5 - 15 - 5 + Mo + Micronutrientes
Indicado para as culturas de: soja, feijão, amendoim e outras leguminosas.

Nitrofoliar
34 - 0 - 0 + B + Zn
Indicado para as culturas de: trigo, arroz, algodão, café, citros, cana-de-açúcar, milho, sorgo, cevada, batatinha, soja, feijão, amendoim, tomate, couve, ervilhas, salsa, espinafre, alface, pepino, morango, fruticultura de clima temperado e tropical, plantas ornamentais, flores e viveiros de essências florestais.



Tecnologia BASF
Impulso na produção agrícola

BASF BRASILEIRA S.A.
INDÚSTRIAS QUÍMICAS
Av. São Luís, 86 - Fone: (011) 257-0011
São Paulo - SP

BASF

PROTEGE A TERRA QUE ELA TE PROTEGERÁ. PLANTA ÁRVORES

A floresta é um conjunto de plantas e de animais, que vivem dependendo um do outro, e onde sobrevive o mais capaz o mais apto. A floresta, em si, é bela e útil, tendo desempenhado sempre um importante papel no desenvolvimento da raça humana.

A História do Brasil é representada por um palco, tendo como fundo uma floresta. Desde a data de seu descobrimento e através dos tempos coloniais, ela tem contribuído decisivamente para o desenvolvimento de nosso País, embora os primeiros povoadores (colonizadores), tivessem que arrancar as matas, para fazer suas primeiras culturas.

A necessidade cada vez maior de madeira fez com que o homem explorasse cegamente as matas, tirando-lhes as riquezas que continham. Não se preocupou, porém, com o

fato de que um dia as reservas naturais de matas se esgotariam.

Também com a colonização, o êxodo rural, na procura de terras melhores, entraram em ação desenfreada o machado e o fogo, destruindo o nosso solo e as nossas reservas florestais. Em determinadas regiões correu-se o mesmo risco de transformá-las em áreas estéreis de difícil recuperação, verdadeiros desertos.

Isto porque algumas áreas, revestidas inicialmente de florestas, em virtude de suas características, se prestam melhor a outras explorações agrícolas.

Assim, dado o alto grau de desmatamento do Rio Grande do Sul, devemos nos preocupar, e muito, com o uso racional dos solos, isto é, saber aproveitar os recursos que ele oferece. Devemos estabelecer as matas nas terras

próprias para este fim, e devemos, criteriosamente, fazer a utilização florestal das terras.

Como exemplo, citamos a Finlândia, com a aplicação dos mais adequados métodos de exploração e trabalho, continua sendo, apesar de sua grande produção de madeira, o país da Europa de mais elevada proporção de florestas. Estas cobrem 67,8% de seu território. Outros exemplos, a Suécia, que apresenta 56% de território coberto por florestas, a Costa Rica, com 78,3%, a Tailândia, com 77%. O Brasil, apenas 42%.

O Rio Grande do Sul, devido ao desmatamento desenfreado e sem controle, apresenta, atualmente apenas 2% de sua área total cobertos por florestas.

A floresta é importante nos seguintes aspectos: econômico, e climáti-

co. A floresta influi sobre a temperatura, o regime de chuva e os ventos.

Na eliminação das florestas protetoras não é somente o volume perdido que se deve considerar. É também o empobrecimento, a erosão com sua presença destruidora, e o desaparecimento da fauna.

Tudo isso, origina transtornos biológicos e sociais da mais alta influência.

O mais grave de tudo ainda é a destruição completa da matéria orgânica, por ocasião das queimadas, que significa a própria destruição do solo.

Nas regiões onde a topografia é muito acidentada e a terra é explorada sem a mínima preocupação de conservação, a destruição se faz de maneira acentuada.

O florestamento consiste em plantar árvores ou estabelecer a floresta onde não houve ainda mata. O reflorestamento é a im-

plantação de floresta onde anteriormente havia mata, em locais desflorestados.

As dificuldades que se encontram, o tempo que se tem de esperar, as despesas que acarreta, quando se procura estabelecer ou restabelecer o revestimento florestal, tudo isso deveria conduzir-nos a apreciar o valor da cobertura arbórea natural, que porventura exista em determinado lugar. Perceber a necessidade de se realizar uma exploração adequada e racional da mata, para exercer o máximo de influência protetora, não criando um futuro deserto.

A tarefa de recuperar aquilo que tão negligente-mente fôra esbanjado é difícil, demorada e dispendiosa.

"NUNCA É TARDE PARA PLANTAR UMA ÁRVORE".

***ALBERTO PARENTI FILHO
ENG^o AGR^o - COTRIJUI
DEPTO. TÉCNICO**

ESSÊNCIAS VARIADAS A DISPOSIÇÃO DAS ESCOLAS E DOS ASSOCIADOS



O Departamento Técnico da COTRIJUI recebeu da Estação Experimental de Silvicultura de Santa Maria, 30 mil mudas de árvores, que por sua vez estão sendo distribuídas à escolas e associados da cooperativa nos municípios de Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba, incluídos nessa etapa do programa de reflorestamento da Secretaria da Agricultura. Além de efetuar a entrega, o Departamento Técnico da COTRIJUI dá toda a orientação para o plantio das mudas, em sua maioria de essências como Cangerana, Guajuvira, Ipê Roxo, Cabriúva e também o Pinus taeda ou Pinheiro americano. Na foto de Valmir Beck da Rosa, vista parcial do viveiro de essências na sede da COTRIJUI.

**SOJICULTOR:
NA HORA
DE COMPRAR SEMENTES,
COMPRE TAMBÉM
O HERBICIDA CERTO.**



Se V. vai comprar uma boa semente, V. deve comprar um bom herbicida. Compre BASAGRAN, o herbicida que protege sua soja porque é altamente seletivo. Ele mata as invasoras de folha larga e ainda protege seu solo pois não deixa resíduos tóxicos.

Não adianta querer ganhar tempo aplicando tudo de uma só vez. Você pode perder tudo mais tarde. Compre BASAGRAN, o herbicida pós-emergente para folha larga - o único que se pode aplicar independentemente do tipo de solo.



Tecnologia BASF
Impulso na produção agrícola

Basagran

O herbicida
que respeita a soja e a terra.

BASF

II ENCONTRO DE ESPOSAS E FILHAS DE ASSOCIADOS

Realizou-se na sala 200 da FIDENE, em Ijuí, o 2º Encontro de representantes de núcleos de esposas e filhas de associados da COTRIJUI, sob a coordenação do setor de comunicação e educação da cooperativa e ainda com a participação de seu diretor vice-presidente, Arnaldo Drews.

NÚCLEOS REPRESENTADOS
Dos 23 núcleos de senhoras e jovens já organizados, estiveram representados 16 núcleos, totalizando 34 pessoas, a saber: Região de Ijuí – Linha 4 Leste, Linha 6 Norte – Piratini, Linha 8 Leste – Floresta, Saltinho, Boa Esperança, Santa

Lúcia e Rincão do Tigre; Região de Augusto Pestana – Paraíso, Ponte do Ijuizinho, Rincão dos Müller, Ijuizinho, Bom Princípio e Linha São João; Região de Vila Jóia – Cará e São João da Bela Vista. Leia nesta página, em artigo da professora Noemi Huth, o que foi debatido durante o encontro.



Vista do plenário, na sala 200 da FIDENE.



Divididas em grupo, ao final do encontro, as senhoras e moças fizeram a avaliação dos trabalhos.

VARIE SEUS CARDÁPIOS COM PEIXE

CARPA, peixe de origem asiática comum no Brasil em águas doces especialmente em nossa região (Ijuí). Tem cerca de 70 cm e o peso varia de 700 gr. a 2 1/2 kg. Existem no Brasil as variedades carpa-espelho com escamas prateadas muito grandes, e a carpa de couro, sem escamas.

Os temperos mais indicados para o preparo da carpa são: alho, cebola, pimenta, sal, limão, ou vinho.

Molho para Peixe.

Varia de acordo com a qualidade de peixe.

Magros (dourado, linguado, pescadinha, robalo e carpa) que contêm de 1% a 2% de gordura, requerem um molho de sabor forte e picante.

Já os peixes gordos (badejo, namorado, tainha e merluza), que contam 4% a 16% de gordura, necessitam de muitos ácidos, à base de limão ou vinagre, podendo ser de consistência líquida ou cremosa.

CARPA DE PANELA

Preparo: 15 minutos; Cozimento: 25 minutos (para 4 a 5 pessoas); Uso: como prato principal. Acompanhamento: Pirão de cabeça de peixe ou batatas cozidas.

Ingredientes: 1 kg de filé de carpa, 1 cc de orégano, sal, pimenta-do-reino, 2 colheres de vinagre e 6 colheres de óleo, 2 cebolinhas picadas, 1 maço de cheiro verde bem batido, 6 tomates (sem pele ou sementes)

em rodelas, 2 pimentões sem pele picados, 1 pimenta vermelha picada miúda, 2 dentes de alho esmagados, 1 1/2 xícara (de chá) de vinho branco seco.

Modo de fazer: Tempere o peixe com orégano, sal, pimenta, vinagre. Deixe tomar gosto por 15 minutos. Aqueça o óleo numa panela grande e rasa. Ponha os filés no fundo, cubra com a cebola, cheiro verde, tomate, pimentão, pimenta e alho. Leve ao fogo baixo por 10 minutos. Acrescente o vinho e deixe por mais 15 minutos. Retire. Sirva logo. Variação: sirva a carpa como entrada fria. Neste caso substitua metade do vinho por 4 colheres de vinagre branco. Sirva com azeitonas pretas.

PRECISAMOS SER SOLIDÁRIOS

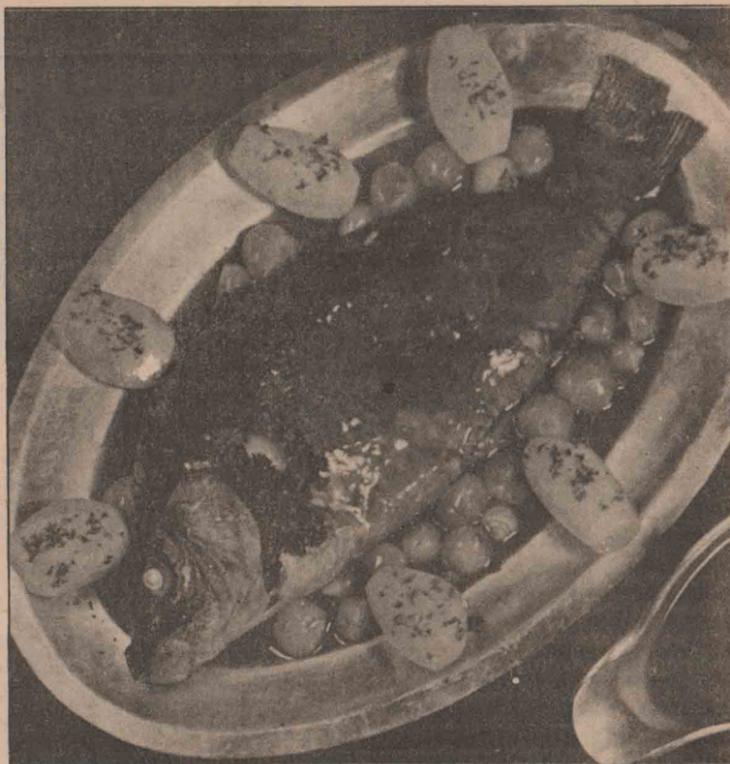
Noemi HUTH

Quando da realização do Segundo Encontro de representantes de núcleos de senhoras e filhas de associados, tínhamos como principal objetivo questionar, discutir e aprofundar para definir posições sobre capitalização, diversificação, estrutura do poder e expansão da cooperativa, propiciando condições para que cada participante desenvolvesse seu senso crítico e também apresentasse suas sugestões. Em síntese, queríamos discutir sobre Capitalização. O que é? O que é capital integralizado? Por que reter capital também na soja? Como seria essa integralização? E mais. Como a família agrícola está vendo a expansão da cooperativa, tanto à nível de incorporações como em prestação de serviços aos associados? Como está se dando a participação do associado nas assembléias gerais da COTRIJUI, e quais as sugestões à dar sobre essa participação? Diversificação de culturas, como estão vendo esse processo? O que a COTRIJUI está realizando nesse sentido?

Partindo das discussões em grupo e após, no plenário, já com a participação da direção da cooperativa, num diálogo aberto, as representantes de núcleos formaram opiniões com maior base. Uma extensão disso será a continuidade do trabalho a nível dos núcleos, quando em conjunto com as que participaram do encontro, o setor de comunicação voltará a debater os assuntos ali enfocados, com isso chegando a opiniões e conclusões próprias dentro da realidade de cada um dos grupos. E relacionando então o fruto dessa discussão àquela imagem mais ampla revista no encontro, em termos de COTRIJUI, como um todo.

Ao final do encontro, em grupos, se procedeu à uma avaliação. As participantes disseram ter sido bom o debate, com o que se consegue uma maior integração a nível de quadro social e famílias. Sugeriram a realização de mais encontros e com disponibilidade de mais tempo para discussão de temas sobre a vida dos cooperados.

Como integrada à esse trabalho desde sua implantação junto aos núcleos, penso ser de grande importância alertar as famílias de associados da necessidade de estarmos cada dia que passa mais unidos, trocando idéias, dando sugestões e esclarecimentos. Só partindo da soma dos esforços de todas as famílias é que conseguiremos fortalecer a nossa cooperativa e, conseqüentemente, o sistema cooperativista. Porque de nada adianta termos uma ou duas cooperativas grandes e fortes no Brasil, se o sistema cooperativista começar a enfraquecer. Para que realmente ocorra o fortalecimento do cooperativismo, precisamos ser muito mais prestativos e solidários e, sinceramente, crer que o cooperativismo é a solução para encontrarmos uma saída para os nossos problemas econômicos e sociais.



APERFEIÇOAMENTO DO PROAGRO



Quando o PROAGRO foi instituído, o Banco Central não estava tecnicamente habilitado para bem fiscalizar sua aplicação. Além disso, as geadas caídas nos Estados do Sul, no ano de sua criação, concentrou a atenção dos técnicos naquela região. São declarações de seu coordenador-geral, José Maria Fabrício, feitas em Maracaju, Mato Grosso, para dirigentes, técnicos e associados da COTRIJUI.

Atendendo convite da COTRIJUI, o coordenador geral do PROAGRO do Banco Central do Brasil José Maria Fabrício, esteve em Maracaju dia 31 de agosto. Na ocasião discorreu sobre os muitos problemas que o Banco Central ainda enfrenta no sentido de conseguir um rápido encaminhamento aos processos de indenização pelo PROAGRO. Além dos 262 produtores participantes, procedentes dos municípios de Rio Brilhante, Sidrolândia, Dourados e Maracaju, tomaram parte do encontro o gerente da agência do Banco do Brasil em Maracaju e funcionários da carteira de crédito agrícola; representantes da EMATER e de escritórios de planejamento e assistência técnica.

A COTRIJUI se fez presente nas pessoas de seu diretor vice-presidente, Arnaldo Drews e funcionários a nível de gerência e assistência técnica.

FALTAVA ESTRUTURA AO BC E ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Iniciando seu diálogo com os produtores da área de ação da COTRIJUI no Mato Grosso, o dr. José M. Fabrício disse que o Banco Central foi apanhado desprevenido. "Nós não estávamos efetivamente estruturados, como não estavam os bancos, como não estava a assistência técnica. Posso garantir que se eu fosse a lei, teria deferido 50 mil por cento. Mas vejamos bem. As leis, os regulamentos, quando são feitos, partem da premissa de que todos são honestos. Esta é a premissa, mas não é a verdade. Nós sabemos que tem havido desvio de produção em alta escala, no Mato Grosso. Isso já está sendo apurado. Lavradores serão punidos; se elementos da assistência técnica estiverem envolvidos, também serão punidos.

Então, se você passar um risco em cima do regulamento, está sujeito à atingir os bons, mas também os maus".

O dr. Fabrício chamou a atenção — e pediu a colaboração dos plantadores — para os dois mil quilômetros que separam aquela região da sede da Coordenadoria Geral do PROAGRO, em Brasília. Disse que muitas vezes, por falha técnica ou atraso do agricultor, se vê obrigado a indeferir um pedido de indenização, porque está interpretando a lei. Relatou um caso havido no Paraná em que um produtor comunicou que o Banco esquecera de pedir a perícia na lavoura atingida, e seu pedido foi arquivado. Diante da reclamação daquele produtor, o Banco Central indenizou as perdas sem nenhuma perícia, pois a culpa não era do agricultor. No Banco Central, disse, "não nos baseamos única e exclusivamente na perícia. Muitas vezes eu tenho deferido contratos com base na assistência técnica e nos laudos de fiscalização do banco. Em nenhum caso o agricultor será responsabilizado por falhas de banco ou técnicos".

Diante da colocação de que o problema do preço de pauta é do Governo e não do Banco Central, um dos participantes afirmou que os agricultores, infelizmente, não têm acesso para modificar tais determinações do Governo, ficando entre uma provável situação com o PROAGRO e uma provável situação com a Nota Fiscal.

O Coordenador Geral do PROAGRO explicou que os indeferimentos constituem quase exceção, pois de 98 mil processos encaminhados, apenas cinco mil foram indeferidos. Segundo ele, a única alternativa para solucionar os problemas ainda existentes no PROAGRO, seria a subdivisão das áreas, pois muitos casos só

ocorrem em grandes áreas. O agricultor faria uma sub-divisão de sua área com vários empréstimos, ou seja, um para cada uma delas. Então se o agricultor faz a colheita numa das áreas, vai ao Banco e salda o financiamento. Ao se aproximar a colheita da área cuja safra foi prejudicada, comunica ao técnico que fará a perícia para receber a indenização.

TÉCNICOS PARA ACOMPANHAR A COLHEITA? SÓ NA TEORIA

À medida que os problemas existentes com a morosidade de indenização de parte do PROAGRO iam sendo apontados, sugestões, tanto dos agricultores quanto do palestrante, também surgiam. Uma delas: quando chegar o momento da colheita, se o indivíduo que depender de PROAGRO tivesse a obrigatoriedade de vender o seu produto para a Comissão de Financiamento da Produção — CFP, pois a cobertura iria existir e o procedimento seria normal e rápido? É normal — disse o produtor que encaminhou a sugestão ao dr. Fabrício, que a CFP compre através da AGF. Neste ponto, se seguiu um diálogo que reproduzimos para um melhor entendimento:

— Mas se o produto não tiver qualidade?

— A CFP só não compra se o produto for muito ruim.

— E quanto a quantidade, seria a estimada no contrato? Poderia o Banco colocar técnicos para acompanhar a colheita dos agricultores?

— Na teoria isso é muito bonito (dr. Fabrício), mas na prática não daria certo, pois não podemos raciocinar em termos de Mato Grosso. Aqui, as áreas são muito extensas e temos poucos técnicos. Nem que mobilizássemos toda a assistência técnica, não teríamos condições de acompanhar a colheita.

PRIMEIRA GEADA VEIO COM A DIVULGAÇÃO DO PROGRAMA

Na oportunidade o dr. Fabrício afirmou que ninguém é infalível. E que se ocorrer casos de erro ou mesmo negligência de parte do PROAGRO, em São Paulo, onde os processos são analisados, cada processo indeferido pode e tem o direito de um pedido de reconsideração. Então ele não será revisto em São Paulo, mas em Brasília. E em última instância, se o órgão indeferir mesmo em Brasília, haverá recurso junto à Comissão Nacional de Recursos, também no Distrito Federal. Ela é formada por representantes do Banco Central, Ministérios do Planejamento e da Agricultura, Banco Nacional de Crédito Cooperativo, Banco do Brasil, EMATER e EMBRATER.

O coordenador esclareceu também que a Lei que instituiu o PROAGRO é de 1974. Tão logo aprovada pelo Conselho Monetário, o Banco Central partiu para a divulgação da mesma. Quando isso ocorria, fortes geadas se fizeram sentir no Rio Grande do Sul, com o que o Banco Central se viu obrigado a concentrar aqui os inspetores, bem como em Santa Catarina e Paraná. Com isso, o BC não teve tempo suficiente para levar o programa ao conhecimento de todos, razão porque há necessidade de constante aperfeiçoamento do sistema do PROAGRO. Atual-

mente — segundo o dr. Fabrício — o Banco paga a indenização em 27 dias, no caso do Paraná. Na última safra de trigo no Rio Grande do Sul, quando deram entrada 30 mil processos, todos estavam pagos em 90 dias.

O dr. José Maria Fabrício garantiu aos que ainda tinham processos pendentes que daria especial atenção à tais casos, porque o papel do Banco Central com o PROAGRO é justamente evitar indeferimentos tanto quanto possível e dentro de motivos justificáveis, em favor do produtor.

Enfaticou também que até agora o PROAGRO sempre traçou normas de ação em âmbito nacional. Devido às disparidades de uma região para outra, se está procurando adaptar o programa às condições de cada região. Mas que nem essa atitude dispensa a colaboração dos agricultores que venham sofrer frustrações de safra e recorram ao seguro agrícola. Todos deverão estar atentos às exigências legais, e solicitar em tempo hábil a vistoria.

O diálogo mantido pelo Coordenador Geral do PROAGRO com produtores associados da COTRIJUI no Mato Grosso foi todo ele gravado, tendo o dr. Fabrício feito questão de solicitar cópias para si da gravação a fim de dar encaminhamento aos processos pendentes e registrar as sugestões recebidas durante o encontro.

**Com Benlate,[®]
o que é do homem
o bicho não come.**

Benlate controla os fungos da sua lavoura de soja.



DU PONT AGROQUÍMICOS
MARCA REGISTRADA

INSPEÇÃO SANITÁRIA NA CCGL DÁ GARANTIA DE QUALIDADE

O leite é um dos alimentos mais sadios ao organismo humano e que possui maior quantidade de nutrientes: vitaminas, proteínas e vários minerais. Por isso deve ser tomado em grandes quantidades. Em nossa região há condições potenciais para ser transformada numa das principais bacias leiteiras do Estado e a Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL) está trabalhando para transformar essa perspectiva em realidade. O COTRIJORNAL entrevistou o médico-veterinário Luiz Santos da Silva, responsável pela inspeção federal. Na entrevista, o técnico dá uma série de informações importantes.

Em um dos anexos do completo da Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL), em Ijuí, funciona um Posto de Inspeção Federal. Por certo que os associados da COTRIJUI e mesmo das demais que entregam leite para ser industrializado pela Central, já tomaram conhecimento da existência desse posto ao receber algum certificado de desconto pela acidez do leite, impurezas e mistura. Ou ainda por orientação eventualmente recebida pelos técnicos da inspeção. Com a entrevista a seguir, o médico-veterinário Luiz Santos da Silva, chefe substituto do Posto de Inspeção de Ijuí, responsável pelo setor de laticínios e encarregado da Inspeção Federal junto à CCGL, dá uma idéia dos serviços que o setor desenvolve e qual sua razão de ser face aos interesses do produtor e do consumidor de leite e seus derivados.

COTRIJORNAL — O que é o Serviço de Inspeção Federal (S.I.F.)?

Luiz Silva — O S.I.F. é um órgão do Governo Federal que trabalha junto às indústrias de produtos de origem animal, em nosso caso, as indústrias de laticínios.

COTRIJORNAL — Como é executado o trabalho do S.I.F.?

Luiz Silva — O S.I.F., ao contrário do que muitos pensam, não é um serviço de fiscalização para condenar o que está errado. É, antes de mais nada, um órgão técnico que se preocupa no controle de qualidade dos produtos elaborados para que o consumidor receba no seu lar um produto da melhor qualidade possível.

COTRIJORNAL — Quem desempenha o trabalho de inspeção?

Luiz Silva — Este trabalho é desenvolvido por médicos veterinários e auxiliares de inspeção, especialmente treinados. O S.I.F. trabalha ainda junto com os técnicos de produção e diretores das indústrias, sempre procurando estar ao par de tudo que ocorre junto ao estabelecimento.

COTRIJORNAL — Qual a estrutura regional do serviço de inspeção?

Luiz Silva — A sede do Posto de Inspeção, que chamamos POINS, fica em Ijuí e supervisiona a indústria e mais os postos de laticínios da região. Nas indústrias, temos um médico-veterinário com auxiliares de inspeção, e nos postos, designamos auxiliares para alguns e em outros é feita inspeção periódica. Esse posto que temos em Ijuí está na dependência do SELEI — Setor de Inspeção de Usinas de Leite e Fábricas de Laticínios; este último se vincula ao SERPA — Serviço de Inspeção de Produção Animal, ainda a nível Estadual. Todos, enfim, são jurisdicionados à DFA — Delegacia Federal da Agricultura, com sede em Brasília.

COTRIJORNAL — A inspeção é exercida, de forma direta, em todas as indústrias e postos?

Luiz Silva — Não. Os postos de resfriamento de leite, que será o caso de Santo Augusto, só para citar um exemplo, inicialmente terão uma inspeção periódica executada por nós, além de um controle diário de recepção e produção, executada por pessoal prático treinado pelo S.I.F. Além disso, haverá a supervisão de um técnico laticinista.

COTRIJORNAL — Como se explica as cartas aos produtores sobre lacto-filtração (provas de limpeza do leite) mandadas pelo Serviço de Inspeção Federal?

Luiz Silva — o Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária dos Produtos de Origem Animal (RIISPOA), prevê orientação e controle

de qualidade a nível de produtores. Pela carência de pessoal, não podemos executar estas visitas como seria de nosso interesse. Entendemos que não resolve um controle de qualidade apenas a nível de indústria. Por isso, estamos iniciando um trabalho técnico, envolvendo a participação de produtores, transportadores e da própria indústria. E como esse trabalho é muito amplo e de suma importância, contamos com a colaboração dos técnicos de fomento e assistência social das cooperativas. E, acima de tudo, com a compreensão dos produtores. Porque a nossa intenção não é condenar este ou aquele, mas sim levar até a propriedade uma orientação técnica. Isto porque, ao longo de nossos seis anos de profissão junto com os produtores, entendemos todas as dificuldades enfrentadas por eles. Portanto, quando classificamos uma amostra de leite como Boa, Regular, Má ou Péssima, temos dois objetivos. O de evitar que amanhã o leite esteja estragado (ácido) e com isto o produtor deixe de ganhar mais pelo seu produto. E também conseguir uma matéria-prima (leite) de melhor qualidade, para que a indústria possa elaborar e distribuir ao consumidor um produto com as melhores condições higiênicas e sanitárias possíveis.

COTRIJORNAL — Quais as outras provas que o S.I.F. executa para o controle do leite?

Luiz Silva — São várias, e a primeira delas será verificar se o leite não foi parcial ou totalmente desnatado na propriedade, o que é proibido. Também se fará a prova de Redutase, para saber o grau de contaminação do leite ao chegar na indústria, podendo-se inclusive, detectar doenças como a Mamite. O Posto também procede a chamada Pesquisa de Fraude, para saber se o leite não foi adicionado de água ou outras substâncias que não sejam as naturais do úbere da vaca.

COTRIJORNAL — A inspeção é feita somente sobre os produtos recebidos "in natura", ou também se estende aos já industrializados?

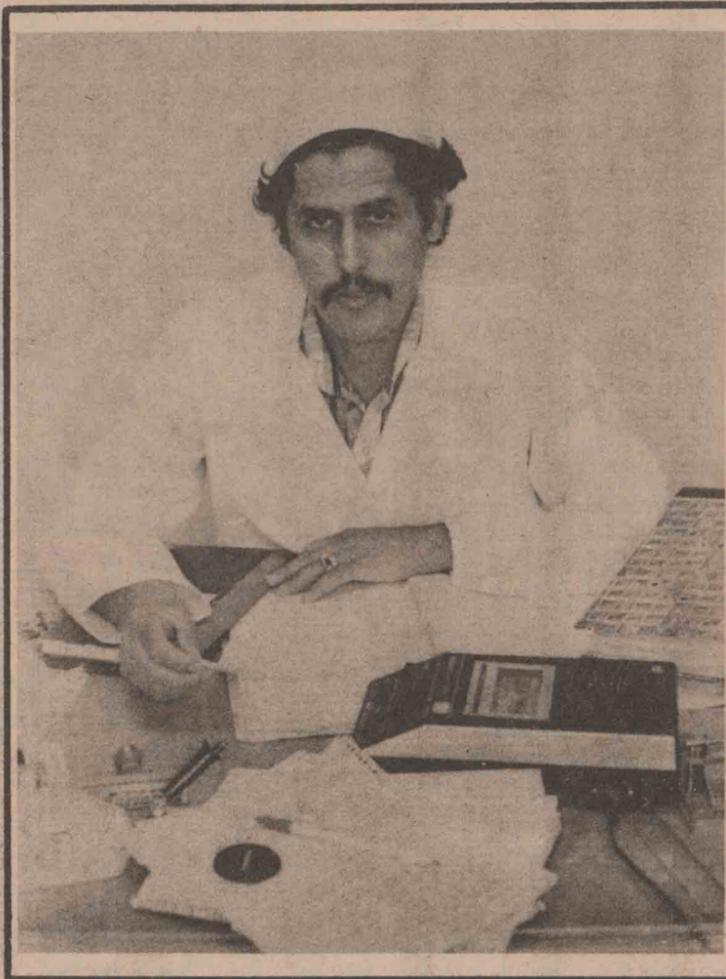
Luiz Silva — A inspeção dá cobertura a todos os produtos. No caso da CCGL, além de receber leite "in natura" e elaborar seus produtos, ela recebe também produtos industrializados de suas filiais. Porém, a condição para esses produtos entrarem na indústria é que provenham de estabelecimentos sob inspeção federal, e aqui sejam re-inspecionados antes de sua distribuição ao mercado consumidor.

COTRIJORNAL — O sr. poderia nos dizer qual a qualidade do leite que a CCGL está recebendo atualmente?

Luiz Silva — Podemos dizer que já houve grande melhoria na qualidade da matéria-prima recolhida. Porém, continuamos com um trabalho de orientação à produtores e transportadores para chegar ainda mais perto do ideal, ou seja, a eliminação das impurezas do leite e da acidez do produto, por conseguinte.

COTRIJORNAL — Ao final de nosso contato com o dr. Luiz, médico veterinário que atua junto à usina da CCGL em Ijuí, solicitamos ao mesmo transmitir sua mensagem aos leitores do COTRIJORNAL.

Luiz Silva — Aos produtores, dirigimos um convite para que visitem a indústria de laticínios da CCGL e aproveitem para conversar conosco sobre qualquer dúvida a respeito da produção de leite. Aos consumidores, damos a certeza de que não estamos medindo esforços no intuito de, juntamente com a indústria, produzir um produto melhor.



Med. Vet. Luiz Silva do S.I.F.

SEVIMOL® atrai e mata as pragas da soja.



SEVIMOL é a formulação líquida do inseticida Sevin com melação.

Graças ao melação, atrai as mariposas e lagartas da soja, que morrem imediatamente.

Mantém a soja livre de lagartas, vaquinhas e percevejos.

SEVIMOL é fácil de aplicar com qualquer equipamento.

É mais seguro, por sua baixa toxicidade.

Mais eficiente e mais econômico, graças ao seu prolongado efeito residual, Sevimol assegura ao agricultor melhores colheitas e maiores lucros.

SEVIMOL tem a garantia da Union Carbide.



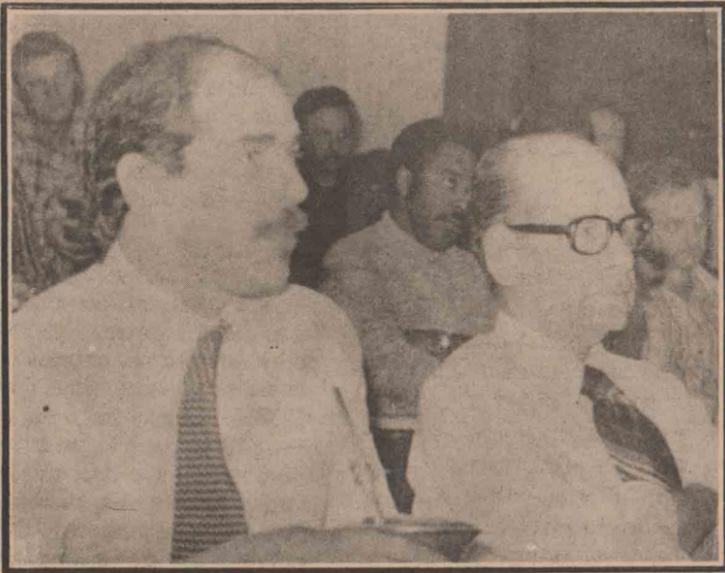
UNION
CARBIDE

Divisão de Produtos Agropecuários

UNION CARBIDE DO BRASIL LTDA.
Avenida Paulista, 2073 - 24º andar - CEP 01395
Tel.: 289-6100 - C. Postal 30.362 - S. Paulo - SP

SEVIMOL® é marca registrada da UNION CARBIDE CORPORATION, USA, para o inseticida Carbaryl.

O BANCO CENTRAL VÊ TRABALHO DA COTRIJUI



Perguntas técnicas ao presidente da cooperativa.

Esteve visitando a COTRIJUI nos dias 15 e 16 de setembro, o dr. Luiz Felipe Corrêa de Azevedo, chefe do Departamento Regional de Porto Alegre do Banco Central (9a. Região). Conhecedor das atividades agropecuárias desenvol-

vidas na zona da COTRIJUI, por ter prestado serviços no interior do Rio Grande do Sul, o dr. Luiz Felipe se sentiu a vontade para fazer muitas perguntas aos dirigentes e técnicos da cooperativa, durante mais de duas horas em diálogo mantido

no auditório da sede. Foi mostrado ao visitante o organograma funcional e algumas frentes de atuação da COTRIJUI, através de projeção de slides. Em certo momento da explanação que fez ao visitante, o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, disse que "a cooperativa não é produtora de sementes, e sim os seus associados, organizados em conselhos de produtores. O que se faz é dar estímulo através de bonificação, buscando maior pureza varietal". O líder cooperativista chamou a atenção para o risco que correm as próprias cooperativas de não disporem de semente suficiente, dado ao excesso de estímulo concedido ao produtor particular de sementes, transformando-os em cerealistas, levando inclusive cooperados a cair no intermediarismo. O dr. Luiz Felipe pernitoou em Ijuí e no dia 16 realizou visitas, uma das quais ao Centro de Treinamento da cooperativa.

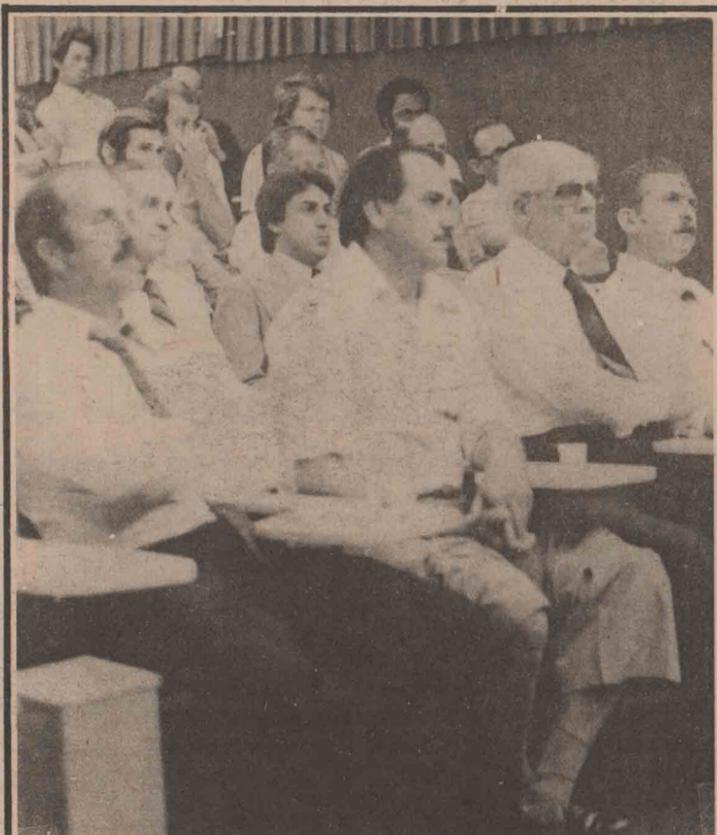
DIRETOR DO BANCO DO BRASIL ESTEVE EM VISITA A COTRIJUI

Em sua vinda a Ijuí no último mês de setembro, o diretor da 7a. Região do Banco do Brasil,

Walter Peracchi Barcellos, visitou a COTRIJUI. Na oportunidade ouviu demorada explanação do dire-

tor-presidente da cooperativa, Ruben Ilgenfritz da Silva, sobre as atividades desenvolvidas pela COTRIJUI desde a pesquisa para encaminhar uma melhor produção e produtividade até o estudo de mercado para colocação dos produtos de seu corpo associativo. Chamou a atenção de a COTRIJUI ter se constituído em reguladora de preços, exemplificando a área de eletrodomésticos, que começa a ser desativada em parte porque o produtor-associado foi bem atendido.

Especificamente sobre os projetos desenvolvidos na área técnica pela cooperativa, setores de produção animal e agricultura, se revezaram alguns elementos do Departamento Técnico, informando ao visitante sobre o estágio atual e perspectivas futuras, notadamente à partir da diversificação de culturas.



O coronel Walter Peracchi Barcellos, o vice-presidente da Cotrijui e o prefeito Wilson Mânica, quando ouviam a explanação feita pelo presidente da cooperativa

ASSOCIADO DE CHIAPETTA JÁ TEM SUPERMERCADO

Tão logo acabada a obra e conciuídos os serviços internos de montagem e colocação das mercadorias, o supermercado da COTRIJUI junto à unidade operacional de Chiapetta começou a prestar serviços. Isso se deu na manhã do dia 26 de setembro, ante a presença de muitos associados e familiares. Com a entrada em funcionamento dessa unidade abastecedora, a cooperativa passou a ter 13 supermercados e seis postos. O mais novo supermercado é dotado da mesma estrutura dos demais, fornecendo toda a linha de gêneros alimentícios, material de limpeza e loja com seção de peças e ferragens, confecções e calçados. Nas fotos, o diretor de compras e abastecimento, Alceu Hichembick em conversa com o prefeito municipal de Chiapetta, Herbert Hintz e um grupo de associados em baixo.



Treflan
o mata-mato
nunca
falhou

De uma coisa você pode estar certo. Graças ao Sistema Treflan, este agricultor não está sonhando com mato.



Todo agricultor sabe que um herbicida não pode ser eficiente apenas na palavra. Ele tem que ter Assistência Técnica o ano todo, antes e depois da compra. Tem que ter experiência comprovada. Tem que ser um produto que nunca falhou. Tem que ter o Controle de Qualidade Elanco. E para ter tudo isso, só o Sistema Treflan. Não existe nada igual. Quem protege sua lavoura com o Sistema Treflan, além de dormir tranquilo, ainda fica com os lucros. Fale com o homem Elanco, seu Distribuidor ou o Engenheiro Agrônomo de sua Cooperativa.

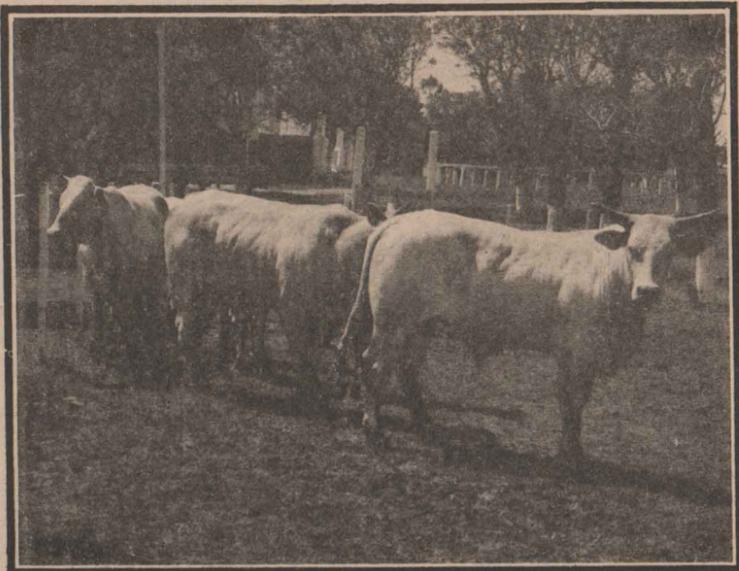


ELANCO

Fabricante de: Treflan, Coban, Hygromix, Parflan, Surfian, Tylan e Trituralina.

Treflan é indicado para as culturas de algodão, alho, amendoim, berinjela, brássicas (brócoli, couve-flor, couve-manteiga e repolho), café em formação, cebola de transplante, cenoura, citrus, feijão-vagem, girassol, mamona, mandioca, pimentão, quiabo, soja e tomate.

EM DOM PEDRITO O 2º CONCURSO DE NOVILHOS PRECOSES DO RGS



Este foi o lote reservado de Grande Campeão do ano passado. Era de propriedade da Sucessão Joycemar Marques Carpes, do município de Itaqui. Gado cruza Charolês.

Em outubro do ano passado a COTRIJUI promoveu em sua unidade de Dom Pedrito, o I Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul, iniciativa que se constituiu em efetiva contribuição da cooperativa no sentido de incrementar a produtividade da pecuária bovina de corte no Estado.

Perseguindo os mesmos objetivos que vem procurando alcançar desde aquela iniciativa pioneira, a COTRIJUI estará realizando este mês o II Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul.

O cronograma do II Concurso de Novilhos Pre-

coces para este ano em Dom Pedrito, é o seguinte:

Dia 26 de outubro, recebimento dos novilhos em Dom Pedrito. No dia 27, julgamento dos animais em pé. Dia 28, um sábado, abate dos animais. Dias 30 e 31 e 1º de novembro, julgamento das carcaças. Durante os dias três, quatro e seis de novembro, tabulação de estatísticas e interpretação dos dados apurados. Dias sete e oito, ultimação dos resultados e redação final. Dia nove de novembro, inauguração oficial do concurso e entrega dos prêmios.

A comissão julgadora será a mesma que julgou o

I Concurso de Novilhos Precoces do ano passado, que é constituída pelos seguintes médicos-veterinários e engenheiros-agrônomo: José Luiz Nelson Costaguta; Mauro Dante Aymone Lopez e Becklerc Oliveira da Silva.

Em sua primeira edição, o Concurso de Novilhos Precoces serviu para assinalar, entre outros acontecimentos, o ano do vigésimo aniversário da COTRIJUI. Este ano, a programação integra o calendário de eventos que assinalam neste mês de outubro, a passagem do 106º aniversário do município de Dom Pedrito.

45ª EXPOSIÇÃO DE DOM PEDRITO



O sr. João Alberto Blanco.

Para mostrar mais uma vez a potencialidade pecuarista de Dom Pedrito, o Sindicato Rural daquele município promove este mês a 45ª Exposição

Feira Agropecuária.

Em contato com o presidente do Sindicato, médico veterinário João Alberto Blanco, a reportagem foi informada

que se espera este ano, principalmente pela tradição dos criadores em apresentar ótimos produtos, um grande sucesso nesta 45ª Exposição Feira. O destaque principal da promoção este ano será o primeiro remate de gado leiteiro. Com a iniciativa, o Sindicato Rural demonstra antever na atividade leiteira uma saída economicamente rentável para o produtor do município e da região. A seguir, o calendário com o cronograma da Exposição Feira Agropecuária.

18 de outubro — Admissão de animais e julgamento de equinos da raça Crioula (classificação).

Dia 19 — Julgamento de classificação dos bovinos e ovinos. Nesse mesmo dia, na parte da tarde, haverá a inauguração da exposição, tendo como local a sede social do Sindicato. Isso se deve a uma modificação introduzida este ano, com o cancelamento da admissão de bovinos

de corte a galpão, não se realizando, portanto, o tradicional desfile;

Dia 20 — Remates de equinos Crioulos e bovinos (raças de corte) e ovinos de campo e galpão;

Dia 21 — Remate das cabanhas Guatambú e Alvorada, com lei-

lão de gado Hereford e Polled-Hereford;

Dia 22 — (domingo) — festividades;

Dia 23 — 1º Remate de Gado Leiteiro;

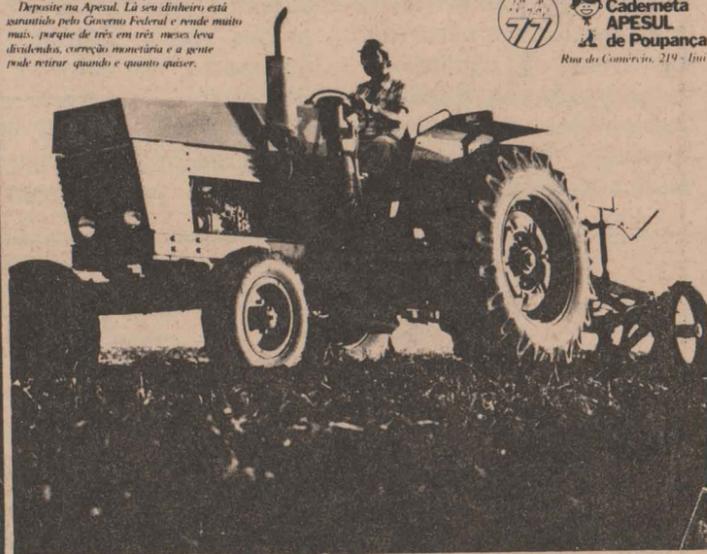
Dia 24 — Encerramento dos remates e final da exposição.

Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.

Olha só ele aí.

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu pra comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucros e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está resguardado pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva dividendos, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.

Caderneta APESUL de Poupança
Rua do Comércio, 219 - Ijuí



Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.

FENATRIGO COMEÇA DIA 14

Com a presença, já confirmada, do vice-presidente da República, general Adalberto Pereira dos Santos, governador do Estado, sr. Sinval Guazzelli e Ministros e Secretários de Estado além de outras autoridades, será iniciada simbolicamente a colheita do trigo desta safra, no próximo dia 14, tendo por local o km 12 da rodovia Ijuí-Cruz Alta.

O vice-presidente representará no ato ao presidente da República, general Ernes-

to Geisel, que em face de outro compromisso, não pode vir a Cruz Alta.

Do local da inauguração simbólica da colheita, o vice-presidente e comitiva dirigir-se-ão para os pavilhões da Cooperativa Tritícola Cruz Alta (COTRICRUZ), onde inaugurará oficialmente a II Festa Nacional do Trigo (FENATRIGO). Após esse ato, o vice-presidente será homenageado com um almoço a ser servido no Clube Internacional Cruzaltense.

UNIDADE DE TENENTE PORTELA ESTÁ CHAMANDO ASSOCIADOS

Devem comparecer ao Setor Social da Cotrijuí- Unidade de Tenente Portela, até o dia 30 do corrente mês de outubro, os associados a seguir relacionados, munidos de suas respectivas carteiras de identidade social, afim de regularizarem a situação perante a cooperativa.

Comunicamos que caso não ocorra o comparecimento até a citada data, serão tomadas as medidas previstas no artigo 15º do Estatuto Social. O artigo 15º do estatuto da COTRIJUI tem a seguinte redação: "Artigo 15º — Além dos motivos de direitos e outros que justifiquem, o Conselho de Administração é obrigado a eliminar o associado que: b) Deixar de exercer, na área de ação da cooperativa, a atividade que lhe facultou associar-se. d) Deixar de entregar sua produção à cooperativa, desviando-a para o comércio intermediário". É a seguinte a relação dos associados chamados:

- Adão da Silva
- Adão Muraski
- Adilar Amaral
- Alcedina Menezes de Sá

- Alcindo Langner
- Alfredo Nogueira da Silva
- Almerindo Antônio da Silva
- Amadeu Langner
- Amaro Teodoro dos Santos
- Arnaldo Wotrich
- Armindo da Rosa
- Arcillo Menezes
- Arno Suckel
- Antônio Tossin
- Antônio Soares de Lima
- Antônio Rodrigues dos Santos
- Antônio Nelson da Cunha
- Antônio Antunes Santos
- Antenor Julio Kristocheb
- Augusto Maximiliano Hettwer
- Breno Fassbinder
- Belizário Ramos da Silveira
- Cláudio Afonso Breno Dietrich
- Caetano Moraes da Veiga
- Cooperativa A. M. Tiradentes Ltda
- Célio Luiz Makorski
- Diamantino Duarte
- Dorvil Borges dos Santos
- Dorival Chaves Viana
- Dolor Nobres Damaceno
- Elcides José Salomoni
- Ernesto Osmar Penno
- Ernesto Brezzan
- Felipe Cortez dos Santos
- Floravante Rodrigues Vieira
- Florianos Nunes de Oliveira
- Francisco Morcelli

- Francisco Ribeiro Cezimbra
- Gentil Gacias
- Heitor Bangner
- Ivini Rolim de Oliveira
- Jardelino Roque de Jesus
- João Correa Pinheiro
- João Venceslao dos Santos Malheiro
- José Borges de Freitas
- José Marcelino Regio
- Julio Ribas Martins
- Julio Soprano
- Lucidio Nogueira Bueno
- Luiz Makorski
- Mariano Palitoski
- Max Oleiniczak
- Odolino Rodrigues
- Orlando F. Schermer
- Osmarino Rodrigues Ramos
- Osvaldo dos Santos Marques
- Osvaldo Alves Rodrigues
- Pedro Dias Gonçalves
- Reinaldo Pedro Bohn
- Ricardo da Costa Cavalheiro
- Rodolfo Tavares
- Sadico Felicio Bueno
- Santo Venco
- Sebastião Dias Gonçalves
- Silvio Alves Malheiro
- Valdi Arnaldo Herther
- Vilmar de Almeida
- Vitor Sobiesqui
- Waldoi Gonçalves de Lima
- Walmir Tadeu da Silva

COTRIJUI DESATIVA A FROTA DE CAMINHÕES

Conforme editais mandados publicar nos jornais de municípios da sua área de ação, a COTRIJUI está desativando parte de sua frota de caminhões transportadores. Euclides Casagrande, diretor de operações da cooperativa, explica a venda afirmando

que "a frota já cumpriu a finalidade a que se destinava. No caso dos caminhões caçamba, que foram comprados para agilizar o transporte de calcário e proporcionar uma entrega eficaz ao corpo social, vemos hoje que os serviços prestados por terceiros

atendem plenamente as necessidades".

A cooperativa, no entanto, conservará em seu parque de transporte, veículos indispensáveis para a movimentação de mercadorias aos postos de abastecimento, carregamento de carne e outros.

TÉCNICOS DO EXTERIOR CUMPRIRAM ETAPA DE CURSO NA COTRIJUI



Por intermédio da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, mais de uma dezena de técnicos vindos de países em desenvolvimento na América do Sul e América Central, percorreram o Brasil durante alguns dias. Na viagem de estudos, cumpriram etapa do curso que realizam de gerência agroindustrial, tendo estado na COTRIJUI no dia 13 de setembro. Recepcionados pela direção da cooperativa, permaneceram no auditório da sede durante algumas horas ouvindo aspectos sócio-econômicos do cooperativismo brasileiro e em especial da dinâmica de atuação da COTRIJUI. Foram expositores o diretor vice-presidente, Arnaldo Drews; os diretores Nelcy Nunes, de Recursos Humanos e Euclides Casagrande, de Operações, além de diversos funcionários. Os técnicos do exterior também realizaram visitas à lavaras e propriedades que atuam de maneira diversificada, além de terem visitado o Centro de Treinamento da COTRIJUI. Na foto, um aspecto de confraternização quando do almoço servido no restaurante da AFUCOTRI.

Plantador de Soja!

Verifique aqui, os seus conhecimentos sobre o mais moderno herbicida para soja:

	CERTO	ERRADO
1. DUAL é um herbicida de pré- emergência (cobertura), dispensando a incorporação. O agricultor ganha tempo e dinheiro na hora de plantar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. DUAL é um herbicida altamente seletivo para soja. Não provoca fitotoxicidade (queimas) mesmo em dosagens elevadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. DUAL MIX representa a mistura no tanque do pulverizador de DUAL com outro herbicida para folha larga.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. DUAL não requer chuva após sua aplicação em solo úmido.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. DUAL controla ervas daninhas de folhas estreitas e largas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. DUAL é o herbicida ideal para ser usado em plantio direto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. A umidade de plantio da soja é suficiente para o bom funcionamento de DUAL.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. DUAL é um dos poucos herbicidas que podem ser aplicados em conjunto com as operações de plantio e adubação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. DUAL é particularmente eficaz no controle da Brachiaria, (marmelada, papuá), Digitária (capim colchão ou milhã) e outras gramíneas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. A aplicação de DUAL conta com a assistência técnica Ciba-Geigy.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Dual O herbicida para soja.

Tão moderno que dispensa incorporação

RESPOSTAS:

1) Certo 2) Certo 3) Certo 4) Certo 5) Certo 6) Certo 7) Certo 8) Certo 9) Certo 10) Certo

A COTRIJUI QUÍMICA S.A. é uma subsidiária da Ciba-Geigy S.A. e atua no Brasil sob o nome de COTRIJUI. Para mais informações, consulte o Departamento de Assistência Social da COTRIJUI.



COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

A COTRIEXPORT — Corretora de Seguros Ltda. presta assistência técnica em seguros para os associados, e amigos da COTRIJUI.

Controla inclusive o vencimento das apólices. Você opta pela seguradora de sua preferência e a COTRIJUI cuida de tudo. Em Ijuí, junto ao Departamento de Assistência Social da COTRIJUI.

PRINCIPAIS DOENÇAS DOS BOVINOS

As recomendações constantes da grade que publicamos nesta página, que deve ser recortada por nossos associados para consulta posterior, são de responsabilidade do médico-veterinário Ronaldo Soares de Oliveira, do Departamento Técnico da COTRIJUI. Dentro do tema Saúde Animal, Clínica

Preventiva, que vem apresentando no COTRIJORNAL, ele analisa a seguir as principais doenças em bovinos e indica os cuidados que se deve ter para combatê-las.

DOENÇAS	MEDIDAS DE PREVENÇÃO E COMBATE	ÉPOCA RECOMENDÁVEL	OUTRAS RECOMENDAÇÕES
1. Febre Aftosa	Vacinação sistemática	De 4 em 4 meses	Vacinação do rebanho leiteiro, com idade acima de 4 meses. Observar rigorosamente os cuidados com vacinação.
2. Brucelose	Vacinação dos Terneiros e Exames periódicos	dos 3 a 8 meses de idade	A aquisição de fêmeas deve ser efetuada mediante exame de Brucelose. Realizar exames periódicos no rebanho e eliminar os animais doentes. Separar as fêmeas que tenham abortado.
3. Vibriose e Tricomose	As inseminações artificiais sistemáticas, são suficientes para contornar o problema		Os touros adquiridos devem ser examinados.
4. Tuberculose.	Alimentação Higiene — Desinfecção, Manejo. Exame do rebanho (Tuberculização).	Como normas, periodicamente.	Elimine os animais doentes. Somente adquirir animais isentos das doenças. A aquisição de animais, somente com atestado negativo.
5. Raiva	Vacinação Combate ao vetor (morcego hematofogo).	Quando aparecer a doença na região. Periodicamente.	Combater o morcego nas suas moradias habituais: furnas, pedras, oca de árvores. Vacine periodicamente os cães da propriedade.
6. Carbunco hemático.	Vacinação a partir dos 6 meses de idade	Primavera (anualmente)	Queime e enterre os cadáveres. Não tire o couro e nem abra os animais mortos pela doença.
7. Carbunco Sintomático e Gangrena-Gozosa	Vacinação	Dos 6 meses de idade até 2 anos de idade. 6 - 12 - 18 meses.	Queime e enterre os cadáveres. Revacine aos 12 meses e aos 2 anos de idade, nos lugares onde costuma ser frequente as doenças.
8. Diarréia dos animais novos	Alimentação — Higiene — Desinfecção, Medicamentos. Tomar o cocostro.	A partir do nascimento e aos primeiros sintomas da doença.	Cuidado com o umbigo dos recém-nascidos. Desinfetar com iodo — codovit — gracial.

9. Paratifo dos Terneiros	Vacinação Medicção	Após o nascimento, 1º ao 8º dia de vida. Vacinar a vaca 30 dias antes do parto.	Boa higiene — Desinfecção das instalações. Isolar animais doentes.
10. Helminthose (verminose)	Tratamento tático Estratégico	Maior, Agosto. A partir dos 2 meses de idade via oral e injetável.	Manejo nas dosificações. Deixar preso por 24 horas após as dosificações
11. Carrapato	Medidas de prevenção e Combate. Banhos Carrapaticidas.	Periodicamente ou sempre que necessário.	Em banheiros ou pulverizações — Cuidados especiais para o bom êxito das balneações. a) dê água aos animais e descanso antes do banho; b) não banhe animais com feridas ou machucaduras; c) não banhe em dias de chuva e em horas quentes; d) não banhe vacas com mais de 6 meses de gestação; e) não banhe bezerras; f) dê descanso aos animais após o banho; g) trate todos os animais de uma mesma pastagem de uma só vez; h) prepare o carrapaticida corretamente de acordo com a bula do produto.



OUTROS CUIDADOS:
a) desinfete com carrapaticida os currais, estábulos e veículos que transportam animais.
b) faça rotações de pastagens;
c) banhe os animais logo que aparecerem os primeiros carrapatos — nunca espere que os animais apanhem muitos carrapatos;
d) banhe os animais quando estiverem infestados, com intervalos de 15 a 21 dias ou conforme indicação do médico veterinário.

A IMPORTÂNCIA DO COLOSTRO (PRIMEIRO LEITE)

Sabe-se há muito tempo que, tomando uma quantidade adequada de colostro — o primeiro leite da vaca — os terneiros recebem uma valiosa ajuda para defender-se de possíveis enfermidades.

Um terneiro que não tenha tomado o colostro tem três vezes mais possibilidades de morrer ou duas vezes mais de contrair enfermidades do que aquele que o tenha recebido em quantidade adequada.

O colostro contém anticorpos (proteínas-vitaminas) que constituem uma defesa contra as enfermidades que os terneiros recém nascidos podem adquirir. Uma vez ingerido, o colostro é absorvido através dos intestinos. Para poder realizar essa absorção, os terneiros tem que tomar o colostro dentro de 6 a 8 horas após o nascimento.

No setor de terneiros do Centro Nacional Agropecuário da Inglaterra, realizaram-se experiências. Determinaram três quantidades de colostro ingerido e os terneiros foram divididos em três grupos.

Quantidade de colostro	% terneiros
Nada ou muito pouco	19,8
Certa quantidade mas inadequada	34,3
Adequada	45,9

Desta maneira, foram testados 2.000 terneiros. Esses números demonstram que mais da metade dos terneiros não tomaram a quantidade adequada de colostro.

Mas qual seria a verdadeira importância desse fato? Estudaram detidamente o subseqüente quadro clínico desses grupos até os 4 meses de idade. Classificou-se esses grupos segundo a mortalidade e enfermidade infecciosa, especialmente diarreias e pneumonias.

As enfermidades registradas indicam claramente o maior valor de um terneiro que recebeu a quantidade correta de colostro.

Relação entre quantidade de colostro ingerido e terneiros doentes

Quantidade de colostro	% mortalidade	% enfermidade
Nada ou muito pouco	12	32
Certa quantidade, inadequada	4	23
Adequada	3	15

São dados interessantes, pois mostram que um terneiro privado de colostro tem possibilidades de quase quatro vezes maiores de morrer e duas vezes maiores de contrair enfermidade que os terneiros que receberam uma quantidade adequada.

A completa ausência de colostro talvez seja mais comum do que se acredita. A ordenha antes do parto, isto é, até aos 9 meses como é comum em nosso meio, elimina o colostro do leite.

O colostro começa a se formar a partir dos 7 meses de prenhez daí a importância de parar de tirar leite da vaca (secar a vaca) nesse período de prenhez.

Como secar a vaca ou parar de tirar leite aos 7 meses de prenhez.

a) Como fazer durante 4 dias:

— Colocar a vaca prenhe em um piquete, sem pasto ou rapado.

— Tirar 3 a 4 vezes leite por dia.

— Não dar pasto verde.

— Diminuir a metade, o consumo de água.

— Dar somente ração e a metade da quantia normal.

— Diariamente durante 4 dias ou mais; após a última ordenha colocar um dos medicamentos abaixo relacionados.

— Furacin

— Masticort

— Lincocin Fort

— Finalmente esta esgotada ou seca a vaca.

Vantagens

— Evita futuras mamites

— Aumenta o teor de proteínas — Vitaminas, cálcio, fósforo no colostro.

— Diminui mortalidade e doenças dos terneiros.

Em caso de dúvida procure os médicos veterinários da COTRIJUI.

PROGRAMA DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Na inseminação artificial a identificação do cio é uma das partes mais importantes do processo, paralela a qualidade do sêmen a ser usado e a capacidade técnica do inseminador.

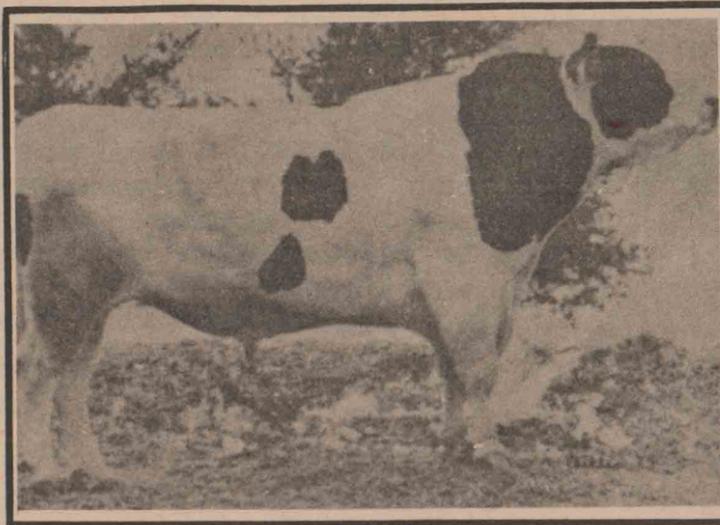
O cio, também chamado de estro, é derivado de uma ação hormonal a nível sanguíneo, modificando o temperamento e intensificando os instintos reprodutivos do animal. Trata-se de um fenômeno periódico no caso da vaca, repetindo-se de 18 a 21 dias numa sucessão contínua durante o ano inteiro. Sua duração é de 18 horas e durante este período há uma modificação do comportamento da fêmea, e a mesma apresenta sintomas que identificam perfeitamente o estado do cio. Como sinais da fase estral podemos citar a inquietude, o isolamento do resto do rebanho, a intermitência de apetite, a diminuição do

leite, corrimento vaginal e a reação mais facilmente observada que é a monta sobre outros animais e a aceitação da mesma.

A observação destas modificações, são de especial importância para que a inseminação artificial tenha sucesso. O início do cio é que nos dará a indicação do horário mais indicado para a fêmea ser inseminada, sendo que a percentagem de fecundidade está relacionada diretamente com a hora da inseminação e, conseqüentemente, com o horário do início do cio.

Para a observação do cio das vacas usa-se o critério de duas observações diárias, uma pela manhã, às 9 horas e outra a tarde, das 17 às 19 horas.

As vacas em cio deverão ser apartadas com calma, sem atropelos e correrias, onde ficarão até a hora de serem inseminadas.



SKY DEAN

SEVEN K



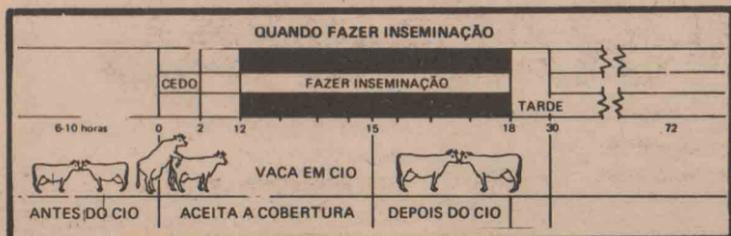
Sky Dean apresenta filhas cujas principais características são os excelentes úberes e tetas, temperamento e produção de leite. São de estatura média com excelente ângulo pélvico.

É um touro recomendado para melhorar tetas, úberes, para estatura média e aumentar a produção do leite.

É vendido no Serviço de Inseminação Artificial sob o código 2401 à Cr\$. . 80,00 a 1a. aplicação.

Seven K produz filhas com excelentes úberes, especialmente com ótima largura de úbere posterior e suporte central, com muito bom formato de tetas. Suas filhas são de estatura média, com ótima produção de leite.

É vendido no Serviço de Inseminação Artificial sob o código 2425 à Cr\$. . 75,00 a 1a. aplicação.



APICULTURA, RENDA FÁCIL E ABANDONADA

Pedro KOLLAS

A apicultura é menos desenvolvida na região de lavouras intensivas de trigo e soja, porque os inseticidas aplicados contra as pragas prejudicam as abelhas. Porém, em todo o resto do Estado existem áreas muito boas para essas atividades, como o Litoral, Região Central como Santa Maria, Cachoeira do Sul e demais municípios vizinhos, a bacia do Alto Uruguai e todas as regiões minifundiárias de Serra: Caxias do Sul, Bento Gonçalves e todo Vale Taquari. Todas as atividades rurais permitem a exploração paralela a apicultura, pois as abelhas não tomarão mais que algumas horas semanais do produtor. Na agricultura e na fruticultura, além do mel, as abelhas trazem outro benefício muito importante: a polinização. A presença das abelhas num pomar é tão importante para a produção de frutas que em alguns países os fruticultores chegam a alugar colméias a altos preços, na época da floração. "Em menor tempo, aqui vai acontecer a mesma atividade, se os fruticultores não tomarem interesse pela apicultura que está abandonada, ou então não haverá produção de frutas". Esta é a opinião dos engenheiros agrônomos.

Dados de Rendimento

Com boa técnica, boa florada e clima favorável, uma colméia poderá produzir até 50 quilos de mel por ano. Os técnicos dizem que a produção pode ser melhorada no Estado e chegaria, por ano, de 15 a 20, ou até mais, sendo feita três colheitas, embora possam ser feitas quatro colheitas, se o clima for favorável. Atualmente, o produtor vende seu mel, entre Cr\$. . . 40,00 e Cr\$ 50,00 o quilo, apesar de que nos supermercados ele está valendo o dobro. Mesmo vendido a

Cr\$ 50,00 o mel é um alto negócio, pois com uma produção de 50 quilos cada colméia dará um rendimento de Cr\$ 2.500,00 por ano. Com a experiência que temos no assunto, nós apicultores sabemos que, um homem sozinho pode cuidar tranquilamente de 50 colméias sem prejudicar as suas demais atividades agrícolas. Se ele dedicar-se somente às abelhas poderá atender facilmente até 300 colméias, isto quer dizer que qualquer proprietário rural tem condição de montar um bom apiário e obter uma boa renda extra, além de aumentar sua produção agrícola e frutífera com a polinização das flores feitas pelas abelhas. Os técnicos em apicultura dizem que nas propriedades pequenas, a apicultura é muito mais rentável que a agricultura, especialmente em área topograficamente acidentada, que não permitem a mecanização de lavouras. É justamente nessas regiões em costa de serra, morros e vales que estão as melhores condições para a criação de abelhas, pois ali ainda existem florestas naturais.

Vale a Pena

O único fator limitante da apicultura, segundo os entendidos é a pastagem apícola (quantidade de flores da região).

Afirma-se, que numa área de mato natural ou de floresta de eucalipto (flora maciça) podem ser colocadas até dez colméias por hectare. Logo, em cinco hectares de mato podem ser exploradas 50 colméias, que produzindo 60 quilos cada uma, daria três mil quilos de mel por ano. Vendendo este mel à Cr\$. . . 50,00 o quilo, este minifundiário teria uma renda anual de Cr\$ 150.000,00, ou seja dez salários mínimos por mês.

Isto é muito mais do que renderia a soja, que com muito mais trabalho e despesa, embora dando bem, não passaria dos 30 sacos por hectare. Assim, nos mesmos cinco hectares produziria 150 sacos que, à Cr\$ 200,00 resultaria numa renda anual de Cr\$. . . 30.000,00. Portanto, mesmo que a produção das abelhas fosse a média 50 quilos por colméia, o mel ainda renderia o dobro da soja, com a vantagem de aproveitar matos naturais e florestas de área imprópria para a agricultura, polinizar, aumentando a produção, exigindo uma despesa de custeio insignificante, em relação a agricultura. Nosso dever é sempre orientar o público em geral e também os apicultores ou interessados em criar abelhas, sobre o que está acontecendo em assuntos de abelha e mel. Cada ano que passa, aumenta a população e os consumidores de mel natural puro, enquanto a nossa produção permanece muito baixa, o que acontece com outros alimentos como: feijão, milho, queijo, manteiga, etc. Os fabricantes de méis artificiais aproveitam a situação para aplicar ao consumidor seus xaropes, feitos com água e açúcar, rotulando-o como se fosse mel puro.

Reuniões

A Associação dos Apicultores de Ijuí, em breve ministrará cursos práticos e teóricos para apicultores iniciantes. Os interessados, sendo ou não sócios da A.A.I., podem entrar em contato com a diretoria nas reuniões da entidade, sendo que as mesmas são realizadas toda a última sexta-feira de cada mês, na residência do sr. Afonso Haas, presidente da A.A.I., sita à Rua Mato Grosso nº 214 - Ijuí. Mais informações com o secretário da A.A.I., Rua Niterói, nº 375 - Bairro Mundstock - Ijuí.

INSCREVA-SE NO PROGRAMA ENSILAGEM DA COTRIJUI

Produzir mais leite e mais carne por hectare é um objetivo que pode ser alcançado com baixo custo. Para isto, é fundamental dispor ao longo de todo o ano, de uma alimentação uniforme, tendo como base principal as forrageiras. Entretanto, em certos períodos do ano, especialmente no outono, a disponibilidade de forrageiras (pasto) é menor. Por essa razão, é necessário conservar as forragens que sobram nos períodos de maior produção dos pastos.

Entre os diferentes métodos utilizados para a conservação de forragens, a ensilagem é a de maior interesse, pois permite obter mais princípios alimentares por hectare. E isto é de extrema importância para o gado leiteiro, principalmente se considerarmos que a silagem, de um modo geral, é palatável e de alta qualidade.

Ciente da importância da ensilagem para o programa de desenvolvimento leiteiro de nossa região, o Departamento Técnico chama atenção dos associados para o programa de ensilagem para o gado leiteiro. Isto significa que os associados poderão contar com todo o assessoramento para a construção de um silo, sementeira de lavouras específicas para ensilar (milho, sorgo, pasto italiano, etc) e empréstimo de máquinas ensiladeiras. Assim, alertamos mais uma vez os associados interessados em utilizar este serviço, que procurem o Departamento Técnico da Cooperativa, com a maior brevidade. Na foto abaixo uma ensiladeira em operação.



COTRIJUI RECEBE FENO DE ALFAFA

Com o objetivo de oferecer mais uma alternativa ao seu quadro social, a COTRIJUI iniciou a receber feno de alfafa. Isto se tornou possível graças ao programa de fomento a alfafa que o Departamento Técnico vem desenvolvendo e do qual muitos associados têm participado. No último dia dois o associado Zeno Foletto entregou a primeira carga na sede da COTRIJUI, em Ijuí.

Com o recebimento de feno de alfafa a qualidade das rações terá visível melhora, isso porque a alfafa entrará em to-

das as formulações no fabrico de rações, inclusive para aves. É desejo da cooperativa, através de seu Departamento Industrial, iniciar a peletização da alfafa e a partir daí buscar o mercado externo. Esta é apenas uma etapa inicial, já que outras alternativas para a industrialização e comercialização da alfafa vêm sendo estudadas pela direção da COTRIJUI. Na foto o engenheiro agrônomo Renato Borges de Medeiros examina a primeira carga de feno de alfafa recebida pela cooperativa, em companhia do associado Zeno Foletto.



EXPANSÃO DA CULTURA DE ALPISTE

Dentro de um programa global de diversificação, a COTRIJUI vem assistindo associados que se destinam a cultura de alpiste em suas áreas, nos períodos de inverno. Para suprir as necessidades de consumo de alpiste (em 1975 o Brasil importou 19 mil t, a um custo de 143 milhões de cruzeiros), muito usado na alimentação de pássaros e aves de rinha, o Departamento Técnico está desenvolvendo um programa de extensão da cultura, tendo começado esse ano com seis produtores objetivando a limpeza, purificação e multiplicação da semente. Segundo o cronograma traçado no programa, já a partir do ano que vem, além da semente sobrar parte do alpiste colhido para comercialização, visando com isso sondar o mercado comprador e adquirir a experiência necessária para formar estrutura de comerciali-



zação, estocagem, etc.

O técnico agrícola Adroaldo Hartmann, do departamento técnico da COTRIJUI vem dedicando especial atenção ao comportamento das lavouras de alpiste existentes nos

municípios de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana. Na foto ele é visto com o associado Adolfo Essenburg, Linha 11 Oeste-Ijuí, quando realizavam vistoria na lavoura de alpiste.

DISPONIBILIDADE DE FORRAGEIRAS

Os associados interessados em estabelecer pastagens de primavera-verão podem se dirigir as instalações da Cooperativa e solicitar orientação do Departamento Técnico.

As variedades de forrageiras de primavera-verão mais recomendadas são as seguintes:

Variedade	Época de sementeira	Densidade Kg/ha
ANUAIS		
Milheto Comum	Set. a Jan.	20 a 25
Sorgo Forrageiro	Set. a Jan.	15 a 20
Feijão Miúdo	Set. a Nov.	40 a 50
Lablab Rongai	Set a Nov.	30 a 40
PERENES		
Panico Gatton	Set. a Out. ou Jan. Fev.	8 a 10
Setária Kazungula	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	6 a 8
Rhodes Callide	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	10 a 12
Coastcross-1	Set. a Out.	Mudas
Pensacola	Set. a Out. ou Jan. a Jun.	20 a 25
Pasto Ramirez	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	12 a 15

Siratro	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	3
Desmódio "Greenleaf"	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	2
Galactia Striata	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	4
Alfafa Crioula	Set. a Out.	5

CONSORCIAÇÕES RECOMENDADAS

ANUAIS

- 20 kg/ha de Milheto Comum com 40 kg/ha de Feijão Miúdo ou 30 kg/ha de Lablab Rongai.
- 15 kg/ha de Sorgo Forrageiro 988 com 40 kg/ha de Feijão Miúdo ou 30 kg/ha de Lablab Rongai.

PERENES

- 8 kg/ha de Panico Gatton com 2 kg/ha de Desmódio ou 3 kg/ha de Siratro.
- 10 kg/ha de Rhodes Callide com 2 kg/ha de Desmódio ou 3 kg/ha de Siratro.
- 6 kg/ha de Setária Kazungula com 2 kg/ha de Desmódio ou 3 kg/ha de Siratro.
- Mudanças de Coastcross-1 com 2 kg/ha de Siratro ou 2 kg/ha de Trevo Branco.

ESPÉCIES RECOMENDADAS PARA ENSILAGEM

Os associados que irão realizar a ensilagem podem semear Milho Agrocere-28, Sorgo-944 ou Milheto Comum. A sementeira deve ser feita entre linhas afastadas de 60 a 80 cm para que as ensiladeiras (máquinas que cortam o pasto, picam e colocam dentro do carroção) possam colher as plantas sem provocar a perda de forragem. Maiores detalhes os associados podem obter junto ao Departamento Técnico.

DESMÓDIO INTORTUM

A Cotrijuí dispõe para entrega imediata sementes de Desmódio variedade "Greenleaf".

Os interessados podem se dirigir ao Departamento Técnico pelos fones: 2066, 2866, 2159, 2160, 2161, 2162 - Ijuí.

ENESCOOP - CONGRAÇAMENTO ESPORTIVO ENTRE FUNCIONÁRIOS DE COOPERATIVAS



A fala da abertura

Atletas prestam juramento...

... e pavilhões são hasteados



Durante os três dias de realização do 8º Encontro Esportivo de Cooperativas, em Ijuí, se teve oportunidade de presenciar muito mais que um simples conagraçamento ou medição de técnicas. Inerente à dedicação e esforço de equipes, se pode sentir o espírito de união, de organização funcional dos mais de 600 empregados de cooperativas. Apesar do esforço dispendido, a organização anfitriã — Associação dos Funcionários da COTRIJUI, e a própria cooperativa, se sentiram recompensadas ao final do certame. COTRIJORNAL, numa homenagem às 32 delegações que participaram independente de terem ou não alcançado a tão almejada classificação, registra nesta página alguns momentos do 8º ENESCOOP.

A COTRIJUI É A VOSSA CASA

Na palavra oficial de abertura do 8º ENESCOOP, o diretor vice-presidente da COTRIJUI,

Arnaldo Drews disse da alegria com que a cooperativa e sua associação de funcionários recebiam como hóspedes as delegações de co-irmãs. A certa altura de seu pronunciamento, afirmou: "Sentam-se todos em casa, pois essa é a vossa casa. Tenham consciência durante a disputa, que nem todos serão laureados, mas estejam certos que a confraternização será a recompensa". Arnaldo Drews conclamou a todos para que se aperfeiçoem na sua prestação de serviços ao cooperativismo bem como na sua dedicação ao esporte, para que um dia possamos formar um selecionado expressivo de cooperativas.

COOPERATIVAS PARTICIPANTES

Participaram das competições de bochas, bolão, ping-pong e futebol de salão, equipes representativas dos quadros funcionais das seguintes cooperativas: Soledade, Ibirubá, Giruá, Carazinho, Palmeira das Missões, Languiru, Sarandi, Tapera, Três de Maio, Não Me Toque, FECOTRIGO-Porto Alegre, Júlio de Castilhos (COTRIJUC), Panambi, São Borja, Pelotas, Passo Fundo, Campos Borges, Faxinal do Soturno, Erechim, Tupanciretã, Espumoso, São Luiz Gonzaga, Santa Bárbara, Itaqui, Getúlio Vargas, Santa Rosa, Marau, Ijuí, Castilhense, São Gabriel, Santo Ângelo e Santiago.

O troféu olímpico do 8º ENESCOOP ficou com a representação da COTRISA-Santo Ângelo, que somou 80 pontos tendo obtido

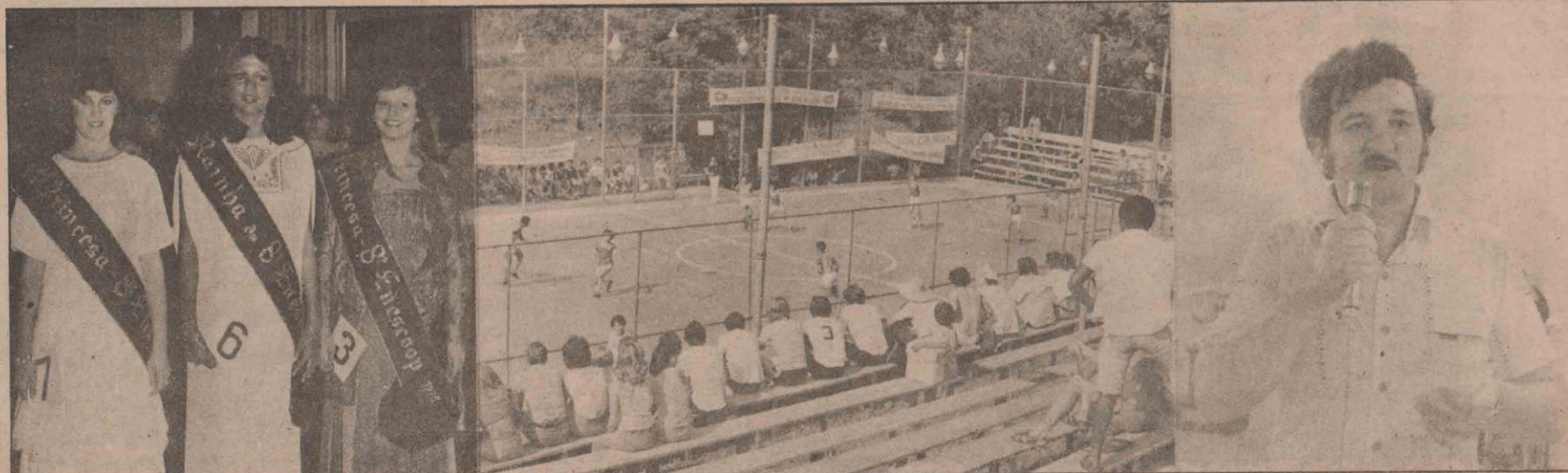
primeiro lugar na modalidade de bolão e se classificado em segundo no futebol de salão.

Por modalidade, os vencedores do encontro foram estes: Futebol de Salão, Erechim; Bolão, Santo Ângelo; Bocha, Santiago e Ping-Pong, Campo Real.

Um ponto alto na programação foi o baile realizado na sede social da AFUCOTRI, para escolha da Rainha do 8º ENESCOOP. Providências tomadas pelas diversas comissões organizadas proporcionaram bom ambiente aos participantes, em grande número. Comissão julgadora constituída de representantes da imprensa, escolheu a jovem Gláucia Cavalheiro da Silva, filha de associado da Cooperativa Tritícola Sãoborjense Ltda, de São Borja. As princesas são Marisete Faedo, da Coop. Agrícola Mista Marauense Ltda e Lais Helena Kreling, da COTRIJAL-Não Me Toque.

9º ENESCOOP EM PORTO ALEGRE

Nos próximos meses realizar-se-á um encontro de representantes das cooperativas para acertar detalhes quanto à realização do 9º ENESCOOP, que, já se sabe, terá a FECOTRIGO-Porto Alegre como anfitriã. Por sugestão do diretor presidente da COTRIJUI no discurso de encerramento do encontro em Ijuí, deverão ser convidadas também para participar de Enescoops, cooperativas de carne, lã, vinho, eletrificação, etc. "aumentando os horizontes do movimento que é irreversível".



Rainha e princesas, um instante de brilho social

Na quadra, a acirrada disputa

Ao final, AFUCOTRI agradece